

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO**  
**CURSO DE JORNALISMO**

**CAROLINE DE SOUZA TIDRA**

**A CONSTRUÇÃO DO DOENTE MENTAL EM SITUAÇÕES DE CRIME:**  
**Análise do Caso do Atirador do Shopping**

**São Leopoldo**  
**2020**

CAROLINE DE SOUZA TIDRA

**A CONSTRUÇÃO DO DOENTE MENTAL EM SITUAÇÕES DE CRIME:  
Análise do Caso do Atirador do Shopping**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em  
Jornalismo, pelo curso de Comunicação  
Social da Universidade do Vale do Rio dos  
Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula da Rosa

São Leopoldo  
2020

Ao meu avô Davenir (*in memoriam*), que, antes de todos, sabia onde minha curiosidade me levaria.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer talvez seja a cereja do bolo deste trabalho. O caminho foi turbulento, mas não me faltaram mãos amigas na hora da ansiedade. Sem dúvidas, o maior agradecimento é a Deus pela vida. Neste plano, tenho aprendido muito, por isso, agradeço a oportunidade de estar aqui.

À minha mãe, Djane, a base, a força, a minha inspiração para ser uma mulher determinada, que mesmo com medo, não se deixa abater. Agradeço por sempre ter me incentivado a estudar, a buscar meus sonhos, a ser livre, a não depender de ninguém, a lutar sem desanimar, mesmo que sozinha. Além do amor, sinto admiração pela tua resiliência, que é minha maior herança.

Aos meus avós, que me acolheram ao acolherem minha mãe. Ao meu avô, Davenir, que não está mais por aqui, mas foi um dos pilares da minha educação e desbravou minhas habilidades ao falar sobre profissões comigo na garagem de sua casa. Ele sempre será memória viva. À minha avó amada, Laurita, que me apoia, me mimia e me ensina.

Ao meu companheiro, Pedro Henrique, que me ouviu e me deu força durante a produção deste trabalho. Agradeço pelos agrados que serviam para impulsionar minha criatividade. Essa conquista é um pouquinho tua.

À minha maravilhosa orientadora, Ana Paula da Rosa, que com muita paciência me aceitou e entendeu minhas dificuldades. Além de todo conhecimento repassado a mim, compartilhou comigo histórias que enriqueceram nossa ligação.

Aos demais professores que contribuíram com a minha formação acadêmica. Obrigada pelas trocas, ensinamentos, orientações, conversas, risadas e, até, pelas discórdias.

Agradeço imensamente às colegas que deixaram a trajetória mais leve e prazerosa. Victória Lima e Vitória Paulo, vocês são pessoas que eu levo para a vida. Obrigada pelas trocas de mensagens e de carinho durante este trabalho.

Aos colegas da redação, que nos almoços (antes da quarentena) me ouviram falar sobre minha pesquisa e compartilharam sobre as suas.

À Unisinos pela estrutura, pelo corpo docente e pelo apoio estudantil. Há tanto para conhecer dentro da universidade! Foi incrível, por isso, obrigada!

As histórias e lendas que chegaram até nós sobre bruxas, lobisomens e vampiros podem ter sido maneiras de explicar ultrajes tão horríveis que ninguém em um pequeno e coeso vilarejo da Europa ou dos primórdios da América era capaz de compreender, perversidades que hoje nos parecem tão comuns. Monstros precisavam ser criaturas sobrenaturais. Eles não podiam ser exatamente como nós.  
(DOUGLAS; OLSHAKER, 2017, p. 27-28).

## RESUMO

A relação da loucura com o ato criminoso permeia o senso comum e está cristalizada no imaginário coletivo. Considerando o jornalismo como lugar onde os sentidos sobre a loucura circulam, esta pesquisa visa investigar como o jornalismo constrói a persona com doença mental em situações de crime. O estudo de caso será efetivado por meio da análise empírica das reportagens sobre o caso do atirador no shopping – crime que ocorreu em São Paulo e ganhou repercussão nacional em 1999 – veiculadas nos jornais Folha de S. Paulo e O Globo. Para tanto, serão analisados os enquadramentos midiáticos do crime e a dimensão imagética da construção do caso, além da identificação das marcas da loucura apresentadas nas reportagens. A análise passa por três momentos: o crime, o julgamento e a retomada do caso 20 anos depois. Para fundamentar essa discussão, foram mobilizados conceitos da prática jornalística policial e em saúde, sobre o estigma e estereótipo de Goffmann (2004) e sobre a loucura de Foucault (1978). O trabalho também utiliza dos conceitos de enquadramentos midiáticos, circulação discursiva, a partir de Verón (2004), e acontecimento relatado na perspectiva de Charaudeau (2009). Como resultado da análise, é verificado que a produção de sentido da doença mental foi sendo modificada ao longo dos anos. Quando o crime gera repercussão o jornalismo se utiliza do anormal para prolongar o fato para além do tempo do acontecimento. O tema ganha desdobramentos em saúde, debates e até conteúdos complementares, em especial quando já não existe mais o factual da cobertura policial. Em relação à loucura é perceptível a disputa de sentidos formada por vários agentes sociais, que tensionam opiniões e análises sobre o mesmo acontecimento, reforçando discursos tanto sobre o doente quanto o criminoso. Na observação dos comentários da reportagem que retoma o caso, é visto que atores sociais recuperam marcas relacionadas à loucura de maneira estigmatizada, o que demanda ainda mais zelo por parte do jornalismo praticado neste âmbito.

**Palavras-chave:** Doente mental. Crime. Loucura. Circulação. Jornalismo.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa da edição de 4 de novembro .....	66
Figura 2 - Primeiras informações na edição de 4 de novembro .....	67
Figura 3 - Capa de 5 de novembro Folha de S. Paulo .....	68
Figura 4 - Capa de 5 de novembro O Globo .....	69
Figura 5 - Manchete da edição de 5 de novembro .....	70
Figura 6 - Manchete da edição de 5 de novembro .....	71
Figura 7 - Momento de terror.....	72
Figura 8 - Bilhete do atirador .....	73
Figura 9 - Recado deixado pelo atirador .....	74
Figura 10 - Cartola usa termo matador.....	75
Figura 11 - Drogas potencializam o surto.....	77
Figura 12 - Advogado opina sobre o atirador .....	78
Figura 13 - Promotor acredita na sanidade mental do atirador .....	80
Figura 14 - Entrevista da Folha de S. Paulo com o atirador .....	81
Figura 15 - Reabertura da sala de cinema .....	83
Figura 16 - Efeito contágio .....	84
Figura 17 - Ato imprevisível.....	85
Figura 18 - Distúrbios mentais.....	86
Figura 19 - Foto de arquivo do atirador .....	88
Figura 20 - Foto da identidade é usada na capa .....	89
Figura 21 - Porta-voz do crime .....	90
Figura 22 - Imagens da capa da edição de 5 de novembro .....	91
Figura 23 – Montagem coloca atirador ao lado dos enlutados .....	92
Figura 24 - Selo da cobertura do caso .....	92
Figura 25 - Delegado mostra submetralhadora .....	93
Figura 26 - Como foram os disparos .....	94
Figura 27 - Bilhete escrito à mão e endereço do atirador são revelados.....	95
Figura 28 – Advogado representa a família.....	95
Figura 29 – Passo a passo do crime .....	96
Figura 30 - Enterro de Fabiana Lobão .....	97
Figura 31 - Enterro de Júlio Zeimaitis.....	97
Figura 32 - Imagens da capa edição de 5 de novembro de O Globo .....	98

Figura 33 - Como aconteceu a tragédia .....	99
Figura 34 - Bilhete e submetralhadora como prova.....	100
Figura 35 - Meira sendo conduzido por policial .....	101
Figura 36 - Espectadores que estavam no cinema .....	102
Figura 37 - Velório do economista Júlio Zeimaitis .....	102
Figura 38 - Cinema troca filme em cartaz.....	103
Figura 39 - Pai do atirador faz pedido às famílias .....	103
Figura 40 - Atirador com olhar para baixo .....	104
Figura 41 - Perícia aponta análise em laudo .....	105
Figura 42 - Advogado do atirador como porta-voz .....	106
Figura 43 - Psiquiatra divulga atualização do atirador.....	106
Figura 44 - Deolino sendo amparado por advogado .....	107
Figura 45 - Velório do economista.....	107
Figura 46 - Reabertura do local do crime .....	108
Figura 47 - Deolino faz pedido pelo filho .....	109
Figura 48 - Família e vítima ao lado do atirador .....	109
Figura 49 - Sala de cinema reformada .....	110
Figura 50 - Montagem com fundo em espiral.....	111
Figura 51 - Montagem com o fundo colorido .....	111
Figura 52 - Infográficos sobre distúrbios mentais.....	112
Figura 53 - Velórios novamente retomados.....	113
Figura 54 - Imagem de Meira é substituída por foto de irmão de vítima.....	114
Figura 55 - Meira com os colegas de faculdade .....	114
Figura 56 - Nota no primeiro dia de julgamento .....	121
Figura 57 - Chamada na capa sobre o julgamento .....	123
Figura 58 - Jornal descata o primeiro dia de julgamento.....	123
Figura 59 - Atirador não nega gravidade do crime .....	124
Figura 60 - Enfraquecimento da loucura depois do testemunho do psiquiatra.....	126
Figura 61 - Mateus não estava em surto durante o crime, afirma psiquiatra.....	127
Figura 62 - Pais do atirador acompanham de longe o julgamento .....	128
Figura 63 - Chamada sobre a sentença não ganha destaque entre as outras na capa .....	129
Figura 64 - Matéria sobre a sentença do julgamento .....	130
Figura 65 - Defesa reproduz filme para jurados .....	131

Figura 66 - Chamada da sentença não tem destaque na capa.....	132
Figura 67 - Sentença ganha pouco espaço na página .....	133
Figura 68 - Filha de uma das vítimas se torna rosto do julgamento .....	134
Figura 69 - Ilustração mostra cenário do julgamento .....	135
Figura 70 - Filha de uma das vítimas acredita na premeditação .....	135
Figura 71 - Psiquiatra foi peça importante na sentença .....	136
Figura 72 - Família de fotógrafa morta fica aliada com a pena .....	137
Figura 73 - Plenário do julgamento se transforma em cinema .....	137
Figura 74 - Mesma imagem de 1999 reaparece em 2004.....	138
Figura 75 - Matéria publicada na Folha de S. Paulo sobre a soltura .....	143
Figura 76 - Primeira matéria sobre a possibilidade de soltura veiculada no site da Folha .....	144
Figura 77 - Segunda matéria destaca a preocupação da família do atirador .....	145
Figura 78 - Comentário 1.....	145
Figura 79 - Comentário 2.....	146
Figura 80 - Comentário 3.....	146
Figura 81 - Comentário 4.....	147
Figura 82 - Comentário 5.....	148
Figura 83 - Comentário 6.....	148
Figura 84 - Comentário 7.....	149

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Marcas da loucura Folha de S. Paulo .....	116
Quadro 2 - Marcas da loucura O Globo.....	117
Quadro 3 - Marcas da loucura na cobertura do julgamento pela Folha de S. Paulo .....	139
Quadro 4 - Marcas da loucura na cobertura do julgamento pelo O Globo .....	140

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2 CONSTITUIÇÃO DO CASO E DO CAMPO DE OBSERVAÇÃO</b> .....	<b>16</b>
2.1 JORNALISMO POLICIAL EM INTERFACE COM A SAÚDE .....	16
2.2 CASO DE INVESTIGAÇÃO E O CASO MIDIÁTICO .....	19
2.3 INFERÊNCIAS E QUESTIONAMENTOS INICIAIS .....	22
<b>3 APORTES TEÓRICOS</b> .....	<b>25</b>
3.1 A COBERTURA JORNALÍSTICA .....	25
<b>3.1.1 O Jornalismo Policial e o Discurso de Autoridade</b> .....	<b>25</b>
<b>3.1.2 Jornalismo em Saúde: Para Além da Prevenção</b> .....	<b>30</b>
3.2 ENTRE ESTIGMA E ESTEREÓTIPO .....	33
3.3 ENQUADRAMENTO MIDIÁTICOS E A RESTRIÇÃO DE ÂNGULOS DE VISÃO .....	40
<b>3.3.1 Intervenções do Imaginário Coletivo</b> .....	<b>44</b>
3.4 A CIRCULAÇÃO DISCURSIVA E OS EMBATES DE SENTIDOS .....	48
<b>3.4.1 O Acontecimento nas Operações de Produção</b> .....	<b>52</b>
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	<b>57</b>
4.1 PESQUISA DA PESQUISA .....	58
4.2 DELINEAMENTO E TIPO DE PESQUISA .....	60
4.3 LIMITAÇÃO DE MÉTODO .....	63
<b>5 ANÁLISE DOS OBSERVÁVEIS</b> .....	<b>64</b>
5.1 A NARRATIVA DO CRIME: NOVEMBRO DE 1999 .....	64
<b>5.1.1 Descrição do Acontecimento</b> .....	<b>64</b>
<b>5.1.2 A Narrativa Jornalística no Caso do Atirador do Shopping</b> .....	<b>65</b>
5.1.2.1 A Dimensão Imagética do Crime .....	89
5.1.2.2 Marcas da Loucura na Cobertura do Crime .....	115
5.2 O JULGAMENTO E A SENTENÇA .....	119
<b>5.2.1 A Narrativa Jornalística do Julgamento</b> .....	<b>120</b>
<b>5.2.2 A Dimensão Imagética do Julgamento</b> .....	<b>133</b>
<b>5.2.3 Marcas da Loucura na Cobertura do Julgamento</b> .....	<b>138</b>
5.3 O RETORNO DO CASO 20 ANOS DEPOIS .....	141
<b>5.3.1 A Narrativa Jornalística do Caso em 2019</b> .....	<b>142</b>
<b>5.3.2 As Marcas da Loucura e os Sentidos em Circulação nos Comentários</b> .....	<b>143</b>

5.4 A CIRCULAÇÃO DISCURSIVA DO ATIRADOR DO SHOPPING.....	149
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>154</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>160</b>
<b>ANEXO A – COMENTÁRIOS DO SITE .....</b>	<b>169</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os crimes violentos carregados pelos *requintes de crueldades* se tornaram frequentemente explorados em filmes, seriados e livros. A pergunta que rodeia o imaginário é de *como alguém poderia fazer algo tão terrível se não fosse louco?* Através dessas produções, a ideia de loucura passa a ser vista sob o aspecto de um desvio comportamental, de alguém que não segue as regras ou que tem impulsos inadequados, que é frio e violento. A relação existente entre o crime e a loucura é alimentada pelo imaginário coletivo, mas também pela falta de conhecimento sobre a doença mental.

Considerando o jornalismo como lugar onde os sentidos sobre a loucura circulam, busco compreender a construção do doente mental quando está ligado ao crime. Esta investigação discorre a fim de entender as operações utilizadas na formação da relação entre crime e loucura, na cobertura jornalística. Para isso, abordo nesta pesquisa a cobertura jornalística do caso do assassino do shopping – crime que ganhou repercussão nacional, ocorrido em novembro de 1999, em São Paulo – para compreender tal construção em meio a coberturas policiais, mas que também envolveram a saúde.

A investigação será constituída pela análise das reportagens dos jornais Folha de S. Paulo e O Globo. O caso de investigação a ser apresentado diz respeito a Mateus da Costa Meira, ex-estudante de medicina, que abriu fogo contra uma plateia dentro do cinema de um shopping, na capital paulista, no dia 3 de novembro de 1999. No ato, três pessoas foram mortas e quatro ficaram feridas. O caso veio à tona em outubro de 2019, quando surgiu a possibilidade do assassino ser liberto. Além da análise da cobertura inicial do crime, passo por reportagens do período do julgamento do crime e, também, as mais recentes sobre o caso.

A partir da pré-seleção de outros casos em que o envolvido principal do crime foi caracterizado como doente mental busco identificar de que forma ocorrem, particularmente, os enquadramentos midiáticos na seleção de fontes, que vozes compõem no discurso das publicações e como a narrativa mostra o doente mental relacionando-o à violência. Na análise do caso de investigação, verifico como a construção de doentes mentais sendo feita de forma rasa fomenta a criação estereótipos e estigmas para outros indivíduos que possuem doenças mentais e como o jornalismo não aprofunda a doença de forma clara.

A doença mental não aparece com tanta frequência como fator contribuinte de um crime, particularmente em matérias publicadas instantaneamente, em que não há tempo hábil para apuração e entrevista com especialistas. Passados os primeiros dias após o acontecimento, é, então, em parte dos casos, noticiado que o autor sofre com os problemas mentais. Tais acontecimentos envolvendo crimes ocupam manchetes de capa e outros espaços privilegiados nas páginas impressas e digitais. Contudo, a partir de pesquisa exploratória inicial, é possível afirmar que quando o crime noticiado é relacionado a doenças mentais, existe a ausência de maiores explicações sobre a própria doença. Além disso, como na maior parte das matérias de cobertura policial, não são ouvidos suspeitos – no máximo, familiares – e as interpretações explicitadas são de policiais ou fontes judiciais, em que a defesa do suspeito geralmente apresenta laudos médicos.

Para Gomes (2012, p. 09), “as evidências da loucura se apresentam através do comportamento violento, brusco, inesperado e injustificado [...]”, descritas através da narrativa jornalística. Já em uma análise psicológica, Jorge-Monteiro e Madeira (2007, p. 102) afirmam que “a perigosidade, a imprevisibilidade, a dificuldade na integração comunitária das pessoas com doença mental [...]” são aspectos infundados e que provavelmente a “[...] notícia não será conduzida numa perspectiva positiva, que saliente processos de recuperação e de integração na comunidade”.

Acredito que esta pesquisa pode contribuir tanto para profissionais que lidam diariamente com as excentricidades encontradas em crimes, como para o entendimento e diferenciação do contexto em que o doente mental tem o despertar para um ato ilícito, garantindo que outras pessoas com a doença mental não sejam retratadas como criminosos ou inclinados ao delito.

O interesse pela área criminal é um dos fatores que me fez optar pelo jornalismo. A curiosidade foi fomentada pelo cinema e pela literatura. As séries norte-americanas sobre *serial killers* aguçaram a minha tentativa de compreender o que se passa na cabeça do matador e procurar as razões para determinados acontecimentos. Esse desejo por entender influenciou a procurar obras do gênero no meio jornalístico, foi quando conheci o clássico de Truman Capote<sup>1</sup>, *A Sangue Frio*. A partir do romance tive contato com diversos outros casos de crimes que ganharam repercussão. Passei,

---

<sup>1</sup> Escritor norte-americano reconhecido pela obra literária *A sangue frio* (1966). A narrativa relata o assassinato brutal da família Clutter e trajetória dos assassinos que, cinco anos após o crime, foram executados.

então, a procurar essas relações no próprio jornalismo, acompanhando a editoria de polícia, atualizações de casos reais sobre pessoas afetadas por suas condições mentais e pela notável excentricidade do acontecimento. Por diversas vezes, sinto que faltam conclusões ou esclarecimentos sobre o criminoso, que vai além do crime. Quem é essa pessoa? Ela tinha diagnóstico? Para onde ela vai?

Baseada na pesquisa exploratória dos objetos empíricos, observei que laudos médicos são anunciados, mas poucos deles são divulgados. Frequentemente as fontes utilizadas em notícias de situações de crime são de delegados, promotores e advogados. Ramos e Paiva (2007, p. 37) afirmam que “a verdade é que o noticiário sobre violência e criminalidade é principalmente composto de registros de ações policiais”.

Relacionando com a pesquisa, também é importante destacar que, no Brasil, de acordo com o site do Ministério da Saúde, em cada 100 pessoas pelo menos 30 delas têm ou terão problemas de saúde mental. Além de acompanhar a construção do indivíduo, a escolha do tema serve como porta para reflexão e debate sobre como a doença mental é trabalhada dentro do campo da comunicação. Os resultados deste trabalho se tornam relevantes, pois podem contextualizar como é a percepção jornalística sobre os acontecimentos violentos e como a descrição do indivíduo pode reforçar o estigma e estigmatização do doente mental.

A partir do exposto, tais afirmações sobre o assunto direcionam para a questão problema que guia este projeto: **como a doença mental é construída no jornalismo a partir de análise do caso do assassino do shopping nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*?**

Para tanto, o objetivo geral da pesquisa será investigar a construção da persona com doença mental nas reportagens em circulação sobre o caso do atirador no shopping. Já os objetivos específicos são: a) analisar os enquadramentos midiáticos do crime; b) observar a dimensão imagética da construção do caso; e c) identificar discursivamente as marcas da loucura que aparecem nas reportagens.

Esta pesquisa é dividida em seis capítulos, sendo o primeiro composto pela introdução e o segundo pela constituição do caso e o campo de observação. No terceiro capítulo discorre-se sobre os aportes teóricos para a contextualização da prática jornalística policial e de saúde. Também foram expostos apontamentos sobre o estigma e estereótipo em relação com a loucura. Ainda no terceiro, a pesquisa

apresenta enquadramentos midiáticos, a circulação discursiva e o a construção do acontecimento.

No quarto capítulo, é descrita a metodologia, em que foi aplicada conceitos do Estudo de Caso e conta com os procedimentos metodológicos da análise da circulação discursiva. Após, no quinto capítulo, a análise dos observáveis, realizada em três períodos – a) os cinco primeiros dias de cobertura do crime b) os quatro dias que percorrem do acontecimento do julgamento em 2004 e c) a possibilidade de soltura em 2019. As considerações finais são descritas no sexto capítulo, a partir da reflexão das descobertas feitas ao longo do trabalho.

## 2 CONSTITUIÇÃO DO CASO E DO CAMPO DE OBSERVAÇÃO

Neste capítulo são apresentadas as primeiras impressões sobre o campo de observação da pesquisa e sobre o caso de investigação. Serão vistos, abaixo, alguns casos midiáticos do envolvimento do doente mental em situação de crime e como, comumente, o indivíduo portador de distúrbio psíquico é abordado por veículos jornalístico. Destaca-se alguns autores que serão visitados nos aportes teóricos e questionamentos a serem respondidos ao longo do trabalho.

### 2.1 JORNALISMO POLICIAL EM INTERFACE COM A SAÚDE

Com a intenção de traçar um sentido e conectar as editorias que não são rotineiramente ligadas na prática jornalística das redações, esta pesquisa levanta uma possível interação entre a cobertura policial e a cobertura em saúde em casos específicos, explorados à frente. Ambas as áreas exigem do jornalista uma imersão nos conhecimentos específicos, fontes e pesquisas para transmitir ao público em formato noticioso e claro.

Em relação à criminalidade, informar ao público sobre atentados, homicídios, feminicídios, entre outros tipos de crime, são atividades corriqueiras em redações. A cobertura jornalística em segurança atrai a curiosidade do público, tanto por fatores de proximidade como relevância. O jornalista André Luiz, da TV Globo, afirma que “a questão é que em muitas cidades a violência se transformou seguramente no tema de maior interesse da população”, sendo noticiado como principal assunto em telejornais. (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 20).

No Brasil, os índices de criminalidade são elevados se comparados com outros países. De acordo com os dados públicos, divulgados pelo Governo Federal, por meio do Sistema Nacional de Segurança Pública (Sinesp), em 2019, foram registradas cerca de 640 mil ocorrências<sup>1</sup> que correspondem a diversos tipos de crimes. O jornalismo não consegue atender a todos os casos, sendo noticiados apenas aqueles que são selecionados editorialmente. “Grandes tragédias tomam um grande espaço na cobertura jornalística e passam a ser tratadas com prioridade, pois rendem altos

---

<sup>1</sup> Dados extraídos do Painel de Estatísticas por UF. No total, em 2018, foram 641.929 ocorrências registradas pela plataforma. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/sua-seguranca/seguranca-publica/sinesp-1/bi/dados-seguranca-publica>. Acesso em: 09 fev. 2020.

índices de audiência, uma vez que o público se sente envolvido pela história que está sendo contada diariamente”. (BILL, 2010, p. 06).

A cobertura policial depende de um profissional que se torna responsável por reportar a situação tendo em vista a importância do assunto e a repercussão que o conteúdo tem ao ser divulgado. O trabalho na cobertura da criminalidade, de acordo com Ramos e Paiva (2007), não era valorizado dentro das redações, sendo designado a novatos, mas que, com o passar do tempo, tem sofrido modificações.

Para Vargas (2012, p. 103), “o jornalismo policial tem como objetivo cobrir pautas sobre sequestros, roubos, homicídios e outros delitos previstos no Código Penal”. Além da agilidade, o autor ainda explica que a função do jornalista exige cautela, sendo indispensável uma boa apuração. Devido a velocidade com que as informações se espalham, crimes tendem a ter prioridade editorial para que, em pouco tempo, estejam publicados em sites, tornem-se manchetes e possam ser chamados nos rádios, respeitando a factualidade.

Um dos cuidados que o jornalista policial deve tomar é destacado por Vargas (2012, p. 103), que explica que “[...] a responsabilidade por acusar pessoas é muito grande e pode ter consequências processuais para o repórter e, principalmente, para o acusado”. Além de que o início do texto deve ser construído para chamar atenção para o fato, “deve haver um tom dramático, que denuncie a calamidade”. (VARGAS, 2012, p. 105).

As principais funções de uma editoria de jornalismo policial, que, além da boa apuração baseada no contato com fontes confiáveis, como delegacias, hospitais, bombeiros, registros desses locais e órgãos da Justiça, é o fator relevante de buscar “associar os fatos às suas causas políticas e sociais”. (VARGAS, 2012, p. 104). As fontes trazidas nas reportagens sobre o assunto são, normalmente, delegados de plantão. Ramos e Paiva (2007, p. 39) acreditam que “apesar do seu status de fonte principal, as polícias também oferecem dificuldades aos repórteres. Por inúmeras razões, elas costumam adotar posições defensivas e corporativas quando se trata de responder a questionamentos críticos”.

Ainda na mesma lógica, “na cobertura de segurança, a imprensa abre mão, com maior frequência, do compromisso de promover debate entre vários segmentos da sociedade”. (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 38). Isto é, não trazendo vozes além do que já são comuns em entrevistas para uma cobertura plural e com várias visões.

Já em relação à especialidade jornalística em saúde, a qual, na maioria das reportagens é vista como conteúdo preventivo, explicativo ou alarmante, sobre riscos, tratamentos e campanhas, também exige do jornalista atenção aos termos utilizados e fontes para entrevistas. Assim como em polícia, jornalistas também trabalham na cobertura de saúde, como exemplo mais atual, a pandemia do novo coronavírus. A busca por respostas sobre um vírus desconhecido exigiu de muitos profissionais a imersão em uma área que se tornou o centro das atenções no Brasil, em meados de março de 2020.

O exercício do jornalismo em saúde requer responsabilidade de uma apuração correta, pois qualquer dado divulgado incorreto pode ser um grande terror para o público. Lopes, Araújo e Fernandes (2013, p. 31) explicam que a forma com que jornalistas enquadram a notícia “podem ajudar o cidadão na tomada de decisões sobre a sua própria saúde” e que a cobertura sobre saúde sendo precisa, equilibrada e completa pode manter a população informada e preparada. Do contrário, os efeitos podem ser prejudiciais a quem entender de maneira errônea. Miranda (2017, p. 05) afirma que “como outra característica própria de seu modo de produção, o jornalismo especializado em saúde firma-se e solidifica-se por amparar-se nas fontes técnicas do campo da saúde”. Ou seja, os jornalistas apresentam ao público informações validadas por profissionais da saúde, a fim de que esses entrevistados produzam certezas sobre os temas da área.

A relação de jornalismo com a saúde, de acordo com Azevedo (2009, p. 03), existe “[...] desde o surgimento da imprensa, saúde e doença ocupam espaço nas páginas dos mais importantes periódicos mundiais”. De acordo com Tabakman (2013), a imprensa é atraída por fatos não rotineiros, especialmente os de impacto mais imediato. O autor exemplifica que não é novidade tratar de lipoaspiração, por exemplo, mas se houver uma morte durante o procedimento é provável que o caso se torne notícia. (TABAKMAN, 2013). Além disso, acrescenta que “o interesse dos leitores pela medicina não é mais do que o reflexo de uma mudança de atitude na qual os pacientes se encarregam da própria saúde e buscam informações em todas as fontes possíveis”. (TABAKMAN, 2013). Durante a pandemia de coronavírus foi notável a necessidade por informações, principalmente, para que as pessoas pudessem fazer uma espécie de autodiagnóstico antes de buscar um médico.

A partir da reflexão sobre as principais características do jornalismo em duas áreas, compreende-se que polícia e saúde seguem em direções diferentes na maior

parte das reportagens, apesar das tênues semelhanças sobre a responsabilidade da apuração, entendendo as consequências e a dependência de fontes para validar as informações.

Tratando-se do jornalismo que cobre situações de polícia, a marca do crime é a excentricidade da ocorrência, o fator que destoa da normalidade. Dentro de uma redação, nem todas as ocorrências que chegam se tornam notícias, há uma seleção daquelas em que existe um interesse, um caráter de inesperado. Em saúde, também acontece o mesmo. As pesquisas, que para médicos são novidades, para os jornalistas não são consideradas extraordinárias, a não ser que existia um fator que a torne noticiável, como a cura de câncer. Mas em casos de erros médicos, por exemplo, ocorre repercussão. (TABAKMAN, 2013).

Exposto os temas, esta pesquisa tem o objeto empírico entre as duas editorias: o indivíduo com doença mental em situações de crime. Quando há o envolvimento do indivíduo, o *louco*, o *depravado*, entre outros adjetivos populares ou rebuscados, percebe-se, inicialmente, que são pouco aprofundadas explicações sobre a doença e as motivações que levaram a ocorrência, propiciando aos leitores uma interpretação que reforça a estigmatização tanto sobre a pessoa quanto sobre a doença, atingindo outros patamares como o tratamento de outros sujeitos que possuem o mesmo diagnóstico.

Após uma breve verificação sobre conteúdo policial em crimes com o envolvimento do doente mental, foi visto que, além dos boletins de ocorrência, são utilizadas fontes que levantam mais questões e termos que enfatizam a conduta duvidosa ou doentia do agressor, como por exemplo, reféns, vizinhos e familiares abalados com o fato. Por isso, esta pesquisa visa desvendar o discurso que constrói o criminoso.

## 2.2 CASO DE INVESTIGAÇÃO E O CASO MIDIÁTICO

O atentado contra Jair Bolsonaro em Juiz de Fora (MG), o sequestro do ônibus na ponte Rio-Niterói (RJ), o assassinato de uma criança em Betim (MG), entre outros casos que tiveram cobertura e repercussão dos jornais, são alguns dos acontecimentos violentos ligados a problemas psíquicos que marcaram o país nos últimos anos. Todos são lembrados pelos *requintes de crueldade*, que por vezes são considerados sem explicação que justifique a ação criminal. (MIRANDA FILHO, 2009).

A repercussão regional e, em alguns casos até nacional, atrelada à seriedade dos fatos rendeu aos jornais a produção de desdobramentos em reportagens jornalísticas. A investigação, a análises dos crimes e dos perfis nos casos citados, em que o caráter violento desperta dúvidas sobre a sanidade mental do agressor e que ao longo da apuração são esclarecidas através de laudos, tem os pronunciamentos feitos por representantes da acusação ou da defesa após a conclusão dos peritos, que chegam a questão de que o agressor possui algum distúrbio mental.

A partir dos casos citados, são vistas as formas cujos indivíduos portadores de doenças mentais são descritos pela imprensa. Em 6 de setembro de 2018, nas ruas de Juiz de Fora (MG), Adélio Bispo atacou o presidente Jair Bolsonaro, que, à época fazia campanha para sua eleição. Adélio utilizou uma faca para ferir Bolsonaro no abdômen e, por causa, das consequências do ataque, o presidente teve que passar por procedimentos cirúrgicos.

Após desdobramentos do atentado, a imprensa divulgou laudos que apontaram que Adélio tinha o diagnóstico de *“transtorno delirante permanente paranoide”*. De acordo com o Manual MSD, o que Adélio possui é a *“existência de delírios sem nenhum outro sintoma de psicose”*, sendo incapaz de entender o teor do crime que cometeu. As análises médicas foram noticiadas em 7 de março de 2019, que correspondem a seis meses após a tentativa de homicídio.

Em reportagem veiculada no portal G1 é explicado que, devido ao transtorno delirante, *“em entrevistas com psicólogos e psiquiatras, Adélio Bispo afirmou que não cumpriu sua missão, e que saindo da cadeia iria matar o presidente”*. (ZUBA; CRISTINI, 2019). Em 27 de maio, Adélio tem a sentença de que é inimputável, ou seja, uma pessoa isenta de pena devido a doença diagnosticada. A reportagem do G1 acrescenta ainda a divulgação de uma nota oficial da 3ª Vara Federal em Juiz de Fora, cujo agressor *“não poderá ser punido criminalmente após facada em ato de campanha presidencial em 2018”* e será encaminhado ao manicômio. (ALBERTO, 2019).

O segundo caso, que também ganhou repercussão, principalmente no dia do acontecimento, foi o sequestro do ônibus na ponte Rio-Niterói, no Rio de Janeiro (RJ), orquestrado pelo jovem Willian Augusto da Silva, de 20 anos. A ação foi o centro das atenções da imprensa nacional no dia 20 de agosto de 2019. Willian fez 37 reféns, passageiros de uma linha de ônibus, e foi morto pela polícia, após quatro horas de sequestro e tentativas de negociação.

No mesmo dia do sequestro seguido da morte, foram noticiadas entrevistas com familiares de Willian e com os reféns. Em um dos relatos, um dos parentes do jovem o caracterizava como “*introspectivo, vivia na internet, tinha dificuldades de se relacionar ao vivo e sofria de depressão*”, de acordo com a agência Folhapress via GaúchaZH. (SEABRA; GARCIA, 2019). Já no portal Extra, Willian foi caracterizado por possuir outros sintomas de transtorno mental, como “*vozes dentro da cabeça*”. (SOARES; WERNECK; PORCIDONIO, 2019). O jovem não tinha diagnóstico médico, mas já havia relatado à família que sofria de depressão.

Mais um caso cruel que chocou a população ocorreu na manhã do dia 30 de outubro de 2019, em Betim (MG), e de acordo com as reportagens que circularam à época, o episódio tem relação com transtorno mental do agressor. Moabe Edon Pinto Nogueira, de 25 anos, assassinou uma criança de cinco anos na porta de uma escola. A menina, que estava acompanhada do irmão e da cuidadora, foi atingida por facadas e morreu antes de receber atendimento médico. Conforme notícias veiculadas pela Rádio Itatiaia, site de notícias da região, Moabe era usuário de drogas e sofria de esquizofrenia. (DINIZ, 2019).

O site entrevistou a mãe do indivíduo, que destacou algumas características do filho, cujo quadro se agravou nos últimos três anos, levando-a a procurar ajuda psiquiátrica. Segundo a entrevista da Itatiaia, com a mãe do jovem, Moabe era medicado, mas o transtorno não foi amenizado com o tratamento. Na reportagem, a mãe diz que “*ele conversava com pessoas da imaginação dele, falava coisas horrorosas e eu repreendia*”, enfatizando a existência da loucura. (DINIZ, 2019).

Esses casos midiáticos repercutem e refletem na criação de sentidos sobre o doente mental. Desta forma, retomando o problema da pesquisa, a cobertura jornalística constrói, muitas vezes, o doente mental como alguém incapaz de saber o que é certo ou errado, que não tem discernimento dos atos e, de certo modo, a doença recebe denotações depreciativas. Por outro lado, há casos em que a alegação de doença mental parece ser usada para atenuar a culpabilidade.

O caso jornalístico da investigação, que será explorado neste trabalho em termos de cobertura, é do atirador do shopping, que aconteceu há mais de 20 anos, em São Paulo. Em 3 de novembro de 1999, o estudante de medicina, Mateus da Costa Meira, com 24 anos, disparou contra uma plateia na sala de cinema. O atirador matou três pessoas e feriu cinco.

No julgamento, mesmo com a defesa alegando problemas psiquiátricos atrelados ao histórico de esquizofrenia, além do uso de drogas e interrupção de tratamento que ocasionou um surto, a acusação sustentou a tese de que ele tinha a capacidade de discernimento, visto que era um estudante de medicina e que havia premeditado o crime tempo antes. Na época, Mateus foi condenado a 120 anos de prisão, mas a sentença foi alterada ao longo da primeira década da pena e ele foi transferido para um hospital psiquiátrico de custódia em Salvador (BA).

O caso veio à tona, recentemente, quando a defesa de Mateus pediu sua desinternação do hospital. Segundo reportagem veiculada pelo portal G1, os "*laudos psiquiátricos dos médicos que o atendem e o consideram apto a voltar ao convívio social*". (TOMAZ et al., 2019). O que isso significa: Mateus pode ganhar a liberdade do cumprimento da custódia se a análise da Justiça atender ao pedido da defesa. Contudo, o Ministério Público é contra a soltura imediata de Mateus.

Após uma breve explicação do caso de investigação, que será aprofundado em termos de cobertura, o foco do caso de pesquisa desta análise é como a construção desse crime midiático dá conta de como as personas com doença mental são abordadas em matérias policiais a partir da compreensão dos enquadramentos e focos atribuídos pelo jornalista. Ao detalhar termos utilizados, busco contribuir com o estudo da área e sobre o pensar do jornalismo policial como um todo, mas principalmente, em casos desse tipo.

### 2.3 INFERÊNCIAS E QUESTIONAMENTOS INICIAIS

Nos exemplos descritos, entre outros diversos casos midiáticos, são notados que os sintomas do doente mental são pouco aprofundados e, por vezes, a doença diagnosticada no laudo médico é apenas citada, não havendo explicações sobre a esquizofrenia, e suas nuances, ou o transtorno delirante permanente paranoide, por exemplo. Na ocorrência em Betim, além da doença apontada, o agressor também fazia uso de substâncias que o tornavam ainda mais suscetível a ter um colapso. São nessas brechas de falta de explicação, que a reportagem constrói a imagem do indivíduo que, por vezes, não passou por um tratamento médico adequado ao transtorno. Além dos sentidos que geram medo de estar perto de uma pessoa com doença mental.

Apesar das tentativas da mãe em levá-lo ao médico, o jovem de Betim não obteve sucesso em um tratamento que avaliasse sua condição mental e a possibilidade de estar nas ruas e não internado. Não se justifica a crueldade do crime, contudo, existe uma sequência de intervenções que poderiam ter sido aplicadas para que o jovem não cometesse o ato. Por isso, reforça-se o cuidado do jornalismo para a não criação de estereótipos do doente ao recriar situações e se apropriar de discursos do senso comum.

Segundo Bento (2014, p. 65), “o estereótipo é activado quando o estigmatizado é caracterizado de determinada forma” e os meios de comunicação “transformam muitas vezes personagens portadoras de patologias mentais em pessoas com outro tipo de características que não correspondem à realidade”, implicando diretamente em repercussões, opiniões e imaginário sobre a doença mental.

A questão que persiste é em quais termos o jornalista que cobre o crime pode contribuir para o melhor entendimento da doença. O conteúdo das matérias poderia ir além do relato de crime, pois não é todo portador de transtorno mental que comete delitos e os que cometem ocupam uma pequena porcentagem desse núcleo. Outro detalhe analisado é de que as matérias, mesmo relacionadas ao crime, não estão em editoriais de polícia ou de saúde, propriamente intituladas, pois em qual delas o caso é mais compatível?

Em apurações mais recentes, poucas são vistas as matérias em que há a participação ou a possibilidade de entrevista com o agressor. E por que o encontro não acontece? Ao invés disso, a imprensa costuma trazer outras vozes para a reafirmação do que pode ter sido a motivação crime e a reconstrução de um cenário. Mesmo que falte a voz do médico, um dos pontos mais prejudiciais para a compreensão do crime é a falta de profundidade em detalhes em relação à doença e se existe, de fato, a influência dela.

A ânsia pela publicação do crime, por vezes, acaba assujeitando o criminoso com o uso da versão da polícia, pois ele perde o direito de imagem, de fala e, até, de vida. O enquadramento como alguém fora de si faz com que o leitor se coloque em uma posição de avaliador, mesmo sem acesso à íntegra do crime. A doença continua sendo exposta de forma generalista e até pejorativa. Há também a tensão da reportagem de não mostrar só o crime, ou será que o criminoso é mais relevante para o jornalismo do que as vítimas? Os espaços dedicados para vítimas ou familiares é o mesmo ou há o esquecimento desse lado da história?

Com a hipótese de que a problematização da doença é rasa, busco analisar o espaço atribuído ao criminoso como doente, a família ou a própria vítima. Também se há menções ou a preocupação com o público que possui a mesma doença, mas que não comentem crimes ao longo da vida, e que passam a ser estigmatizados por se tornar conhecido o transtorno do criminoso? Em vários casos, que não ganham tanta repercussão, falta a finalização da matéria, e aí a pessoa é louca mesmo e fim de caso? São elementos a serem verificados no caso da pesquisa.

### 3 APORTES TEÓRICOS

A organização desta pesquisa é composta por conceitos-chaves para desenvolvimento da análise. Desta forma, serão visitados estudos sobre a cobertura jornalística policial e em saúde para uma imersão nas editoriais. A partir dos conceitos de Goffman (1978, 2004), será debatida a ideia do estigma ligado à pessoa com doença mental, além dos estereótipos, que caracterizam e perpetuam termos equivocados.

Novamente com as abordagens de Goffman (1978, 2004), serão vistas as formas de enquadramento midiático, além das intervenções do imaginário coletivo com aportes de Maffesoli (2001). Por fim, para entender a produção de sentidos sobre o doente mental, serão trazidas discussões sobre a circulação discursiva, a partir dos desdobramentos de Verón (2004) e outros pesquisadores da linha de pesquisa de conceitos de midiatização, e sobre o acontecimento relatado de Charaudeau (2009) na construção do discurso das mídias.

#### 3.1 A COBERTURA JORNALÍSTICA

A cobertura jornalística está para além da notícia e da reportagem, ela dá a ideia de continuidade, ou seja, não é finalizada em uma matéria. A cobertura pode ser planejada ou não, como eleições ou um acidente aéreo. Segundo Silva (2003, p. 102), “a cobertura jornalística deve ser um descobrimento” e o jornalista “deve rastrear, evidenciar, representar, expor e, por meio da sua técnica, interpelar e assegurar-se que chega à verdade dos fatos”.

Neste sentido, diferente da notícia, a cobertura não acaba depois da publicação do acontecimento, ela se desdobra em esclarecimentos, análises, entrevistas, comparações e acompanhamento de cada novidade. Há coberturas que ficam na memória coletiva e, dependendo de sua relevância, se tornam símbolos de um período temporal.

##### 3.1.1 O Jornalismo Policial e o Discurso de Autoridade

O noticiário policial é composto por uma carga de curiosidade pública, tanto por fatores de proximidade como por relevância. A segurança pública e a criminalidade são temas carregados por valor-notícia, que conforme Traquina (2005, p. 63) é “um

acontecimento ou assunto é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo ‘valor-notícia’”.

Atualmente, é difícil não ter acesso a um jornal ou assistir um telejornal que não cite pelo menos uma infração ao Código Penal. (VEIGA, 2009). De acordo com Veiga (2009), o interesse dos meios de comunicação por crimes sempre existiu. A autora afirma que o ano 1616 pode ser apontado “como marco temporal em que surge uma forma pré-moderna do jornal – as chamadas folhas volantes, nas quais o crime representava uma das temáticas mais abordadas”. (VEIGA, 2009, p. 44).

As “folhas volantes” não eram publicações regulares e dedicavam-se a apenas um único tema. Além disso, não havia simples informação, já que as notícias eram, sobretudo, avisos moralistas ou interpretações religiosas. Em geral, esta espécie de informativo aparece como instrumento para satisfazer a curiosidade das pessoas sobre os acontecimentos. (TRAQUINA, 2005, p. 64 apud VEIGA, 2009, p. 44).

Os crimes, escândalos e investigações foram consolidados como valores notícias no século XX. (VEIGA, 2009, p. 20). A primeira abordagem da notícia já não se torna mais suficiente para compor todo desdobramento e narrar o acontecimento. Ramos e Paiva (2007, p. 146) afirmam que o interesse do público pelo noticiário policial existe por causa que “a cobertura de violência é o grande espaço do noticiário local. Mal ou bem [...], é a única que fala diariamente do bairro, da periferia; nesse sentido, é a única que traz referências muito concretas para o público”. E por atingir diversas camadas da sociedade, o crime tem privilégios editoriais na distribuição de espaço.

A seleção, hierarquização, angulação, a forma narrativa e a exposição de notícias de crimes e violência ganham especial atenção porque vão lidar exatamente com o desvio, com o caótico, com o que é anormal diante do esperado, ou seja, com o que está fora das expectativas naturais das pessoas e da coletividade. (GÓES, 2013, p. 09).

A proximidade atrelada pela ruptura da normalidade social, mantém o jornalismo atento e em contato frequente com a policial. Nas redações, é comum a tarefa rotineira da ronda policial, em que o jornalista entra em contato com diversas delegacias da região.

Vargas explica que jornalista que cobre polícia deve se colocar frente à cobertura de forma segura e entendendo as consequências,

O jornalista policial precisa, antes de tudo, ter coragem para estar no local onde ocorrem os fatos, pois trabalha com o perigo. Mas isso não significa correr riscos desnecessários nem agir como herói. Ele precisa ter um banco de informações e dispor de fontes bastante confiáveis para que cumpra a sua missão de informar com veracidade e isenção. (VARGAS, 2012, p. 104).

Nos primórdios da cobertura da área criminal, o jornalista dependia da informação vinda diretamente de policiais. Hoje, o cenário é diferente devido ao incremento das redes sociais, em que os leitores, ouvintes e telespectadores podem entrar em contato com as centrais jornalísticas e fazer denúncias, além de investigações próprias das redações. Contudo, conforme Ramos e Paiva (2007, p. 37) explicam, as fontes da polícia são predominantes em noticiários sobre criminalidade e segurança pública, e jornalistas justificam que não há como evitar que o conteúdo não seja embasado nessas fontes.

A consequência mais grave da dependência das informações policiais é que ela diminui a capacidade da imprensa de criticar as ações das forças da segurança. Apesar das frequentes reclamações das autoridades do setor sobre críticas da imprensa, a verdade é que o noticiário sobre violência e criminalidade é principalmente composto de registros de ações policiais: prisões, apreensões, apresentações de criminosos etc. A imprensa tem exercido um papel fundamental na fiscalização da atuação das forças de segurança. (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 37-38).

A proximidade entre o repórter e o policial é uma ligação que pode interferir no resultado da apuração. Darnton (2010, p. 101) relata a partir das próprias experiências em redações que “os repórteres ficam na dependência do rádio da polícia e de toques secretos de amigos policiais para ficarem sabendo dos grandes furos, mas usam os boletins para verificar as ocorrências estranhas”. Outro destaque que o autor conta de sua vivência é a simbiose que ocorre entre o jornalista e o policial, quando convivem por muito tempo.

[...] havia quatro velhos e rijos repórteres que tinham mais tempo de delegacia do que a maioria dos policiais. Conheciam todos os figurões da polícia: bebiam com os tiras, jogavam pôquer com os tiras, adotavam a concepção de crime dos tiras. Nunca escreviam sobre a brutalidade policial. (DARNTON, 2010, p. 92).

Segundo Darnton (2010, p. 93), “o sentimento de pertencer a um grupo interno, junto com as pessoas que aparecem em suas reportagens – a tendência à simpatia e à simbiose –, cria uma espécie de conservadorismo entre os repórteres”. O autor (2010, p. 97) explica que aos poucos, o jornalista aprende macetes que “facilitam a

comunicação com os colegas e as fontes de informação”. Desta forma, o canal entre polícia e jornal se torna facilitado, mas sensível, pois mesmo que haja a troca de informações, policiais usam muito do “em off” para se auto preservar ou não divulgar opiniões preliminares antes da conclusão de inquéritos, mesmo que para o jornalismo seja considerado de grande valia. Neste sentido, Ramos e Paiva (2007, p. 40) salientam que a “convivência cotidiana de jornalistas e policiais também promove relações afetivas que colocam novos dilemas”.

A compreensão sobre a proximidade leva a consideração de que deve ser medida, sem propósito de criar laços e amizades com as fontes, e ao mesmo tempo dosar a informação dada ao público, e nem agir como a polícia. Mas filtrar a informação com clareza para possíveis discussões e debates acerca do crime apurado.

Para colaborar sobre a relação entre o repórter e o policial, o jornalista Dilson Pimentel, do jornal paraense O Liberal relata sua experiência na obra Ramos e Paiva:

A gente aqui acompanha perseguições policiais. Vamos supor que em um determinado momento você queira entrar na viatura da PM. Isso está errado. Pode haver uma troca de tiros e você não está preparado para isso. O fato de trabalharmos diariamente na área policial não nos torna policiais. (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 42).

Desta forma, contextualizando a relação que é formada entre jornalista e polícia, mesmo que não seja recomendada a criação de laços com as fontes, Veiga (2009, p. 50) questiona “há uma relação de cumplicidade entre jornalista e polícia?”, logo, a pesquisadora responde:

Imagina-se que sim, já que de um lado há o jornalista que busca o “furo”, quer participar das operações através da cobertura “ao vivo” ou da busca por informações exclusivas. Do outro, há a polícia que, se for representada através da mitologia do herói, reforça sua identidade organizacional e ganha ainda mais força e credibilidade junto à sociedade. (VEIGA, 2009, p. 50).

Mesmo que estudiosos encarrem a predominância da polícia nos noticiários negativamente, não existe boa apuração sem as fontes de segurança. Vargas (2012, p. 104) garante que a boa apuração está baseada no contato com fontes confiáveis, como delegacias, hospitais, bombeiros, registros desses locais e órgãos da Justiça, mas que é fator relevante buscar “associar os fatos às suas causas políticas e sociais”. Em uma conexão entre jornalismo policial e jornalismo social, Vargas (2012, p. 108) expõe que “o jornalismo policial pode ser considerado social na medida em que se

encarrega de mostrar as mazelas da violência e sua origem nas desigualdades sociais e na indiferença das elites”.

Neste sentido, para exemplificar, o jornalismo trabalha com temas como a violência doméstica na editoria de polícia e consegue, de fato, formalizar debates com índices e medidas que possam evitar a ocorrência. Entretanto, conforme Ramos e Paiva (2007, p. 20) destacam, a cobertura jornalística ainda erra nos mesmo aspectos que a polícia: “correr atrás do crime, sem capacidade de preveni-lo”, ou seja, o jornal só noticia após ações policiais já finalizadas e perde tempo para pautar um debate público.

No cotidiano, o jornalista se aproxima da rotina da polícia, mas ainda é um universo distinto. A validação e o conhecimento gerado após um crime ser noticiado, por vezes, é resultado de uma apuração rápida e superficial. Por isso, quem escreve a matéria deve ter cautela, pois “a responsabilidade por acusar pessoas é muito grande e pode ter consequências processuais para o repórter e, principalmente, para o acusado”. (VARGAS, 2012, p. 103).

Apesar de o jornalismo policial ter tido avanços significativos em relação às pautas, Ramos e Paiva (2007, p. 25) apontam que ainda “predomina no dia a dia da cobertura um tratamento superficial, que revela um investimento ainda pequeno das redações em retratar o setor com a importância que ele tem”. O tratamento do policial também pode oscilar de acordo com o assunto ou com quem está falando, como por exemplo, o contato com um jornalista que é plantonista esporadicamente, que não consegue formalizar uma ligação com a polícia.

A reportagem policial tende a “ser delegada a profissionais menos experientes ou menos preparados do que de setores considerados mais ‘sérios’”. (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 15). Mas ao mesmo tempo que há ou havia a desvalorização da área, o jornalista André Luiz Azevedo, da TV Globo, acredita que “a evolução da realidade direitos humanos, segurança pública e criminalidade no país exigiu a qualificação dos jornalistas”. (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 20). Desta forma, ele pondera sobre a importância que vem sendo atribuída ao jornalismo que faz cobertura policial:

Hoje em dia, estamos chegando a um ponto onde, em alguns veículos, o noticiário de polícia se tornou assunto principal. Não estou falando dos veículos mais populares, os que já eram considerados policiais. A questão é que em muitas cidades a violência se transformou seguramente no tema de maior interesse da população. E também nos principais prêmios de imprensa, nos últimos anos, as reportagens em investigações ligadas a violência estão entre as mais premiadas. (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 20).

Porém, a demanda que vem da polícia para o jornalista requer um conhecimento sobre como transformar em informação noticiosa. “Converter um boletim policial num artigo requer uma percepção treinada e um domínio do manejo de imagens padronizadas, clichês, ‘ângulos’, pontos de vistas e enredos”. (DARNTON, 2010, p. 103).

Como forma de visualizar o futuro do jornalismo policial ou de segurança, Ramos e Paiva (2007) acreditam que a área precisa se igualar em questão editorial e financeira com outras editorias que ganham maior atenção, como economia e internacional ou até mesmo a de saúde.

Para o Coronel da Polícia Militar, presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Augusto Severo, disponível na obra de Ramos e Paiva (2007, p. 48), é importante que “os jornalistas possam frequentar as nossas academias e sejam formados não só para compreender a organização policial, mas para compreender o fenômeno da violência e da criminalidade, e o papel da polícia nesse fenômeno”. Atualmente, essa prática já é mais comum como no curso para assessoria de imprensa em áreas de conflito.

Nas coberturas policiais há também a presença de dualismos como o vilão e o herói, o agressor e a vítima, o bom e o ruim. “Nas notícias de crime, especialmente os mais violentos, que se pode observar a ação de enquadramento, da estereotipagem, do ensinamento e da punição àqueles que quebram à lógica da ordem natural da sociedade”. (GOÉS, 2013, p. 09). Termos e contextualizações que o jornalismo se apropria a partir das fontes sendo majoritariamente composta pela por vozes oficiais. Após os conceitos serem trazidos sobre a prática jornalística em contato com a polícia, foi possível entender como são norteadas as produções.

### **3.1.2 Jornalismo em Saúde: Para Além da Prevenção**

A ampla apuração também é quesito essencial na cobertura de saúde, pois, entende-se que para informar o jornalista, primeiro deve compreender do assunto tratado e a profundidade do conteúdo depende desse conhecimento. Por esta razão, entre outros interesses dos próprios profissionais, jornalistas se aprofundam em setores específicos tanto para entendimento da linguagem usada na medicina, quanto para saber transformar pesquisas e descobrimentos em informação acessível. É

notável que o mesmo profissional assine apenas matérias que circulam sobre a mesma área. A compreensão torna-se um diferencial para o profissional da redação.

A saúde é uma importante parte do jornal. De acordo com Azevedo (2009, p. 03), “desde o surgimento da imprensa, saúde e doença ocupam espaço nas páginas dos mais importantes periódicos mundiais”. Para Araújo e Cardoso (2007, p. 23), a conexão entre comunicação e saúde, no Brasil, surgiu no século XX, quando o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNPS), “criado em 1920, incluiu a propaganda e a educação sanitária como estratégia para fazer face às questões da saúde”. Ainda conforme as autoras:

A relação entre a mídia e a saúde tem sido intensa e multifacetada. De um lado, mais conflituoso, com espaço de disseminação de discursos que na opinião de muitos antagonizam com os das instituições de saúde pública. De outro, como única possibilidade de comunicação mais abrangente e rápida, sendo espaço de circulação de muitas mensagens produzidas pela saúde (sobretudo campanhas). De um terceiro, como lugar embates pelo poder simbólico, ou de estratégia nesse mesmo embate, que se origina e se desdobra em outros espaços. (ARAÚJO; CARDOSO, 2007, p. 99).

Contudo, Azevedo (2012, p. 187) defende que o jornalismo na comunicação da saúde está “para além da parceria nas campanhas institucionais de saúde pública, estrategicamente utilizada pelas autoridades de saúde para comunicar riscos, prevenir doenças e promover a saúde”. De acordo com a autora, os jornalistas têm conseguido expandir informações médicas em diversos meios. Exemplo de uma situação de expansão aconteceu durante a cobertura da pandemia do coronavírus e a sua chegada ao Brasil em 2020.

A cobertura na editoria de saúde pode também ser definida conforme o pensamento do jornalista e pesquisador Caco Xavier (2006), que afirma que as mídias fazem uso do conceito de saúde em três sentidos pontuais: saúde é mercadoria e sempre lucrativa, saúde define-se pela “cura” e saúde é tecnologia. O autor exemplifica afirmando que em “programas como o *Fantástico* (Rede Globo), por exemplo, têm em suas grades preciosos minutos sempre reservados para matérias sobre medicamentos, procedimentos, “descobertas” e “novidades” da área médica”. (XAVIER, 2006, p. 51).

De fato, o espaço editorial atribuído para esclarecimentos de pesquisas médicas é de destaque, quando há o fator de interesse, como por exemplo, a busca

pela vacina contra o coronavírus. Azevedo (2009) colabora esclarecendo a importância do conteúdo jornalístico quando disponível ao público:

Quanto mais expostos estiverem o leitor, o ouvinte ou o telespectador a um tema que o afeta, mais sujeitos estarão a tomar atitudes com base nas informações recebidas. Ocorre na cobertura de saúde o mesmo que acontece nos demais campos do jornalismo: a inclusão de certos temas e a exclusão de outros, colocando em evidência determinadas doenças e políticas públicas em detrimento de outras. (AZEVEDO, 2009, p. 15).

Porém, há uma série de dificuldades que surgem na boa apuração da saúde. Uma delas é o deadline do jornalista, que segundo Marinho e Fernandes (2013), os prazos podem ser um constrangimento inerente, pois quanto mais relevante ou polêmico for o tema, mais tempo demora para se obter resposta.

A partir do entendimento de que é importante que os temas em relação à saúde sejam expostos ao leitor, telespectador ou ouvinte, para que ele conheça as características das doenças – incluindo doenças mentais –, é necessário ressaltar que são de extrema importância que as informações sejam precisas e esclarecedoras. E se não há precisão, há a alternativa da busca por diversas opiniões para a construção de uma análise.

Trazendo a saúde para mais perto deste trabalho, para os autores Guarniero, Bellinghini e Gattaz (2012, p. 83), que trabalham com o tema de esquizofrenia na mídia, “a impessoalidade das matérias das editoriais de ciência e saúde é predominante – é sobre a esquizofrenia, e não sobre o paciente de esquizofrenia, que se fala”. Os autores (2012, p. 83) ainda descrevem, por meio de um levantamento de notícias publicadas em veículos brasileiros de grande circulação, que raras são as vezes que a esquizofrenia é tratada em reportagens com aspectos positivos. Sendo a doença, uma das que afeta a saúde mental e, por vezes, aparecem também em notícias policiais. Guarniero, Bellinghini e Gattaz (2012, p. 83) criticam que:

Do lado dos jornalistas, há a tendência à generalização de casos isolados, mas cabe uma ressalva. Ao contrário dos especialistas, esses profissionais não saem de suas graduações especializados em política, esportes, saúde ou cinema, mas aprendem na prática diária, quando isso é possível. Além disso, em coberturas extensas como as que se seguem a crimes de comoção nacional ou a longa doença de um político ou artista, nem sempre é o repórter da área de saúde o deslocado para acompanhar os fatos. Portanto, na maioria das vezes, o que o especialista tem diante de si na hora de uma entrevista é um profissional tão leigo quanto a população espectadora, com os mesmos preconceitos e estereótipos sobre o paciente psiquiátrico que a população em geral. E, talvez, um desses preconceitos seja o de que o portador de esquizofrenia não leia jornais, não ouça rádio e não assista à

televisão e que, se o faz, seja incapaz de perceber que é dele que se fala. (GUARNIERO; BELLINGHINI; GATTAZ, 2012. p. 83).

Difícilmente, o jornalista conhecerá todas as características de uma pessoa com transtornos mentais, desta forma, cabe o preparo e a pesquisa antes da construção dos casos para entendimento básico ou, pelo menos, verificação com fontes. De acordo com Guarniero, Bellinghini e Gattaz (2012, p. 84), um dos pontos essenciais é entender os conceitos das doenças mentais de “maneira inadequada dificulta a aceitação social” e, por isso, a mídia tem papel decisivo, assim como é com o câncer ou com a aids, que “contribui para a prevenção e detecção precoce dessas doenças”. Desta forma, torna-se elemento importante da cobertura a atualização do jornalista em relação aos temas, pois a área da saúde continua em constante evolução.

### 3.2 ENTRE ESTIGMA E ESTEREÓTIPO

Primeiramente, para entender como o estigma pode ser considerado fator que influencia na construção da imagem de portadores de doenças mentais, também é preciso conhecer o significado da palavra. De acordo com o dicionário Michaelis<sup>1</sup>, estigma é uma marca ou cicatriz deixada na pele, pode ser um sinal natural no corpo ou marca feita. O dicionário também apresenta o sentido na linguagem figurada como “aquilo que é considerado vergonhoso ou desonroso”. Contudo, ao relacionar com doentes mentais, a interpretação da pode palavra mudar. Bento (2014) afirma que o sentido vai além do que é perceptível aos olhos:

[...] estigma existe também sobre algo que não está visível, isto é, estigmatiza-se alguém que não tenha um membro porque a sua condição é visível, no entanto, pode estigmatizar-se também alguém que não possua uma característica visível como o filho de um presidiário ou o familiar de um corrupto. O estigma tem assim duas dimensões o visível e o invisível. (BENTO, 2014, p. 18).

Os meios de comunicação são fontes de informação que contribuem na formação de sentidos, sejam visíveis ou invisíveis, como o comportamento de indivíduos. Se a imagem de um doente mental for exposta negativamente pelo jornalismo em todas as vezes em que ela aparece, acaba por fortalecer o viés

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/estigma>. Acesso em: 5 abr. 2020.

estigmatizante. Bento (2014) tem sua visão sobre o estigma relacionada com as teorias do sociólogo Erving Goffman (2004), em que conceitua o estigma como:

[...] o atributo ou a característica, acção ou comportamento, visíveis ou invisíveis, que permitem caracterizar o sujeito negativamente, inserindo-o automaticamente numa categoria social, sendo esta excluída à partida, tornando-se sinónimo de descrédito e desaprovação. (BENTO, 2014, p. 24).

A obra de Goffman (2004) tem grande reconhecimento quando o tema tratado é o estigma social. O autor explica que, na origem da palavra estigma, os gregos a criaram “[...] para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidências de coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de que os apresentava”. (GOFFMAN, 2004, p. 05).

Como mencionado anteriormente, esses sinais eram marcas feitas na pele para identificar grupos, e segundo Goffman (2004, p. 05), tais sinais “[...] avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada [...]”. O autor (2004, p. 05) afirma, no entanto, que hoje o termo “[...] é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal”. Ou seja, passa também a corresponder sobre as características da identidade. Esses sinais, atualmente, podem ser utilizados pelo jornalismo como forma de descrição do indivíduo na construção da imagem, seja pelo próprio recorte ou pelo discurso da fonte.

Goffman (2004) apresenta o estigma como oposto do que é considerado normal. Contudo, o ser estigmatizado é estigmatizado em relação às pessoas normais, e pessoas normais são normais em relação a pessoas estigmatizadas. Desta forma, há diversos exemplos que podem ser trazidos, como uma pessoa negra ser estigmatizada pela sua cor em um ambiente onde vivem pessoas brancas. Mas, em outro lugar, onde a maioria é composta por negros, não existiria esse estigma. Ou seja, a partir da tensão que o autor traz, é possível refletir que essa normalidade considerada normal passa por uma lógica da cultura e do meio em que a pessoa está inserida. O mesmo acontece para costumes, crenças e hábitos.

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso. (GOFFMAN, 2004, p. 06).

Adentrando mais afundo, Goffman (2004) apresenta em sua teoria três tipos de estigma:

[...] há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. (GOFFMAN, 2004, p. 07).

É importante destacar, que Goffman (2004) esclarece a ideia de que o estigma está localizado em uma pessoa, que possui aquela característica que a diferencia visivelmente ou não, mas também pode estar em quem as enxerga. Como já apresentado em exemplo acima. O autor (2004, p. 08) explica que no cotidiano são empregados “[...] termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original”.

O estigma existe nas relações entre o fator estigmatizado e uma audiência, no qual conter a característica não é tão normal. Em relação a essa audiência, Goffman (2004, p. 46) traz uma exemplificação clara:

Um médico que encontra na rua um homem que apresenta manchas de um vermelho apagado na córnea e dentes angulosos e irregulares está encontrando alguém que exhibe claramente dois signos de mal de Hutchinson e que provavelmente sofre de sífilis. Entretanto, outros observadores, não verão nada de mal no indivíduo. Em geral, então, antes que se possa falar de graus de visibilidade, deve-se especificar a capacidade decodificadora da audiência.

Conforme o tema desta trabalho, a doença mental é encontrada em um dos tipos de estigmas apresentados por Goffman (2004). A doença mental, assim como outras doenças crônicas, carrega mais carga em relação ao estigma sofrido, pode influenciar em reações do portador. Às vezes, como Goffman (2004) aponta, o estigma espalha para terceiros ou pela família, exemplo é mencionar “a mãe do rapaz que é louco”.

Bento (2012, p. 52), em acordo com as teorias de Goffman (2004), ao tratar do doente mental, afirma que “[...] aqueles que se comportam diferentemente da restante sociedade tendem a ser mais excluídos devido ao maior grau de diferença entre os

mesmos e as pessoas consideradas ‘normais’, [...]”. Bento (2012) esclarece o que ocorre entre a pessoa diferente quando a audiência enxerga como estranho.

Após o sujeito ter sido identificado como diferente ou caracterizado de certa forma, o estereótipo é como que activado interiormente no método de pensamento do sujeito que identifica; é então definido como estruturas de conhecimento que são adquiridas pela maioria dos membros de um grupo social. (BENTO, 2012, p. 53).

Bento traz o termo estereótipo como ativador de um conhecimento prévio sobre aquele que é diferente, que como Goffman (2004, p. 07), o estigma é formado por “[...] um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo, [...]”. Novamente, em consulta ao dicionário Michaelis<sup>2</sup>, a palavra estereótipo em linguagem figurada significa um “padrão formado de ideias preconcebidas, resultado da falta de conhecimento geral sobre determinado assunto” e acrescenta que pode ser uma “imagem, ideia que categoriza alguém ou algo com base apenas em falsas generalizações, expectativas e hábitos de julgamento”. Desta forma, entende-se que o doente mental vive entre o estigma social e sofre com o possível estereótipo ativado após a descoberta de seu atributo. Bento (2012, p. 53) aponta quais as características mais relacionadas com o doente mental:

[...] os estereótipos mais recorrentes são a violência a perigosidade, a infantilidade ou até a comédia. Contudo, na minha opinião, os meios de comunicação social têm um papel definitivo e fundamental no estabelecimento de estereótipos [...]. Continuamente, sendo estes estereótipos negativos, aquilo que por conseguinte se gera é o preconceito. Desta forma, o preconceito é o resultado de respostas cognitivas e afectivas ao estereótipo. Por sua vez, o preconceito vai gerar um julgamento desfavorável formado sem razão objectiva ou até funcionando como uma generalização precipitada.

Corrigan e Cooper (2005 apud JORGE-MONTEIRO; MADEIRA 2007) esclarecem de quais formas a imagem preconcebida sobre pessoas com doenças mentais podem atingi-las. Segundo os autores, “as percepções do público acerca da perigosidade associada aos indivíduos com doença mental pode [...] diminuir as oportunidades de vida a que estas pessoas têm direito”. (CORRIGAN; COOPER, 2005 apud JORGE-MONTEIRO; MADEIRA 2007, p. 100).

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/estere%C3%B3tipo/>. Acesso em: 5 abr. 2020.

Além disso, tal associação feita pelo público sobre pessoas com transtorno mentais é como uma camada de preconceito formada antes de conhecer e, desta maneira, um caso pode ser contribuinte para que outros indivíduos sejam considerados violentos ou perigosos. Jorge-Monteiro e Madeira (2007, p. 100) afirmam que “o preconceito e a discriminação, responsáveis pela criação de sentimentos de não-aceitação e pela redução do desejo de estabelecer relações e contactos sociais”. Ou seja, o jornalismo pode levar essa sensação aos portadores de doença mental ao serem representados de forma errônea por um caso em específico. Embora não tenha o mesmo significado, Bento (2012, p. 24) explica que o “[...] estigma também é preconceito e discriminação”.

Segundo Bento (2012, p. 55) o reflexo do estigma, entre o preconceito e discriminação, pode levar “a perda de vontade em procurar serviços especializados e a perda de vontade em continuar o tratamento”. Existe, além da criação de uma imagem de imprevisível, perigoso e frio, a relação que o jornalismo faz com o envolvimento com drogas e substâncias que atenuassem o transtorno. Entretanto, o mesmo fator do uso de entorpecentes pode ser atenuador ou justificativa para pessoas sem distúrbios diagnosticados usarem após o delito. Guarniero, Bellinghini e Gattaz (2012) corroboram com o pensamento baseado no estigma existente na pessoa esquizofrênica, e destacam que:

[...] embora a literatura relate uma associação entre comportamento violento e esquizofrenia, com um risco de duas a seis vezes maior nos indivíduos com esse transtorno do que na população geral não acometida, há estudos armando o contrário. Além disso, a literatura mostra que crimes violentos ocorrem principalmente entre os pacientes com esquizofrenia que tenham abuso de substâncias e estão sem tratamento apropriado. Ou seja, o tratamento médico adequado reduziria a violência de pacientes psicóticos. (GUARNIERO, BELLINGHINI E GATTAZ, 2012, p. 83).

Vergonha e isolamento são os comportamentos mais frequentes para quem sofre com estigma. Bento (2012, p. 55) afirma que “falsos conceitos sobre a doença mental tais como a imprevisibilidade, a perigosidade, o não ter cura ou o ser fruto da imaginação faz com que as pessoas portadoras de doença mental falhem em procurar combater a sua doença”. Ou também, a propagação do medo no descobrimento de doenças em si mesmo ou em familiares pela falta de conhecimento sobre controle indicado por médicos.

Sendo assim, pesquisadores apontam na prática jornalística as generalizações em casos isolados, que serão visitados na análise do caso de investigação. Segundo Guarniero, Bellinghini e Gattaz (2012, p. 83), “uma questão importante é saber se a cobertura jornalística simplesmente reflete as estatísticas de criminalidade ou não e, em caso negativo, se estaria exercendo influência sobre a percepção do público ao associar violência a transtornos mentais”. Os autores também relatam a problemática de como os termos normalizam a estigmatização dos indivíduos:

[...] os termos “canceroso” e “aidético” foram banidos dos textos jornalísticos – que, no entanto, ainda abusam do uso metafórico da esquizofrenia e dos termos “viciado” e “drogado” para indicar o dependente químico. O uso impróprio dessas metáforas é um reflexo das crenças em vigor na sociedade a respeito dos grupos estigmatizados, e doenças envoltas em mistério seriam mais suscetíveis a esse tipo de uso, chamado de metafórico. (GUARNIERO, BELLINGHINI E GATTAZ, 2012, p. 83).

Posteriormente, será mais compreensível o conceito de estigma criado a partir da construção jornalística com a apresentação da doença mental. Conforme Bento (2012, p. 43) afirma, “[...] os doentes mentais constituem um grupo social tão altamente estigmatizado e o que faz com que a sociedade olhe para estes e crie os inúmeros estereótipos [...]” e, por isso, é importante por meio dessa pesquisa buscar evidências dos discursos que fomentam os estigmas e estereótipos de indivíduos que não representam maioria nos casos criminais.

Na reflexão do crime e da doença mental, Goffman (1978) sugere uma distinção para o comportamento psicótico de como é comumente atribuído como desvio social.

Criminosos comuns, dizemos, ofendem a ordem da propriedade; traidores, a ordem política; casais incestuosos, a ordem de parentesco; homossexuais, a ordem dos papéis sexuais; drogadictos, talvez a ordem moral; e assim por diante. [...] que tipo de ordem social se relaciona especificamente com o comportamento psicótico? (GOFFMAN, 1978, p. 12).

Neste sentido, Goffman (1978, p. 12) continua a explicar que o comportamento psicótico está atrelado a “[...] um fracasso em acatar regras estabelecidas para a conduta de interação face a face [...]”, e desta forma “[...] poderia chamar uma impropriedade situacional”. De maneira sucinta, isto é, um comportamento considerado inadequado em se portar à frente de uma plateia que ouve e vê.

O pensamento em relação ao louco ser tratado como doente mental e que há a necessidade de acompanhamento médico surgiu no século XVIII, de acordo com

Michael Foucault (1978), e vem até hoje. Na obra *História da Loucura*, Foucault (1978) descreve como o louco foi tratado ao longo dos séculos e como o sentido do que era ser louco mudou de acordo com a sociedade. Nos primórdios, o louco era o visionário, depois o que deveria ser detido e excluído da sociedade e, mais recente, o doente, que também sofre de uma exclusão remanescente de um estigma que marcou a sociedade.

A longo da obra, a definição de louco é analisada pelo olhar da sociedade e pela cultura cujo povo está inserido à cada época. Ou seja, o louco é aquele que a sociedade define como tal.

[...] o louco não é reconhecido como tal pelo fato de a doença tê-lo afastado para as margens do normal, mas sim porque nossa cultura situou-o no ponto de encontro entre o decreto social do internamento e o conhecimento jurídico que discerne a capacidade dos sujeitos de direito. (FOUCAULT, 1978, p. 148).

Antes do período em que a loucura se torna objeto da medicina, na Idade Clássica, o louco é visto como estranho, tratado como os criminosos, em exclusão e preso. A partir do século XVIII, a loucura passa a ser estudada e vista como uma linguagem interdita, mas não é livre dos velhos entendimentos e preconceitos.

O século XVIII percebe o louco, mas deduz a loucura. E no louco o que ele percebe não é a loucura, mas a inextricável presença da razão e da não-razão. E aquilo a partir do que ele reconstrói a loucura não é a múltipla experiência dos loucos, é o domínio lógico e natural da doença, um campo de racionalidade. (FOUCAULT, 1978, p. 207).

Providello e Yasui (2013, p. 1520) na interpretação de história descrita por Foucault, explicam que a partir da libertação dos loucos para o convívio com a sociedade, no século XIX, “[...] que a loucura passa para o domínio da ciência, deixando de ser uma questão social, moral e jurídica de exclusão para ser uma questão médica de exclusão”. Foucault (1978, p. 131) afirma que a loucura como doença é “[...] paradoxalmente contemporânea de uma outra experiência na qual a loucura resulta do internamento, do castigo, da correição. É esta justaposição que constitui um problema”, mas dessa jurisprudência de internamento, nasce “uma psiquiatria que pela primeira vez pretende tratar o louco como um ser humano”.

Foucault (1978, p. 179) explica a justificativa para doença mental como termo, “[...] é porque se dava pouca importância à loucura, a seu determinismo próprio e a sua inocência: é porque ainda se atribuía ao desatino a plenitude de seus direitos”.

A imagem construída do louco, que foi moldada pela sociedade, de um visionário que pensava diferente a doente, excluído para tratamento médico, deixou marcas estigmatizantes que perpassou séculos e são renovadas pelo imaginário coletivo. No jornalismo, pode-se ver reflexos em enquadramentos que trazem o doente mental de forma negativa e até pejorativa. Além de outros meios, como a produção do cinema. Importante destacar que o impacto da circulação do sentido atinge a indivíduos com diagnóstico que podem se sentir representados de maneira generalizada e não condizente com a realidade. Por isso, os meios de comunicação são importantes no reforço da erradicação da má compreensão do ser doente mental ao divulgar temas sem o vínculo ligado somente a situações inadequadas, como Goffman (1978) expõe.

### 3.3 ENQUADRAMENTO MIDIÁTICOS E A RESTRIÇÃO DE ÂNGULOS DE VISÃO

Parte da construção de uma reportagem é o enquadramento dado pelo jornalista. A teoria do enquadramento pensada pelo sociólogo Erving Goffman (1986), publicada no livro *Frame Analysis*, “define enquadramentos como os princípios de organização que governam os eventos sociais e nosso envolvimento nestes eventos”. (PORTO, 2004, p. 78). Na interpretação de Porto (2004, p. 78) sobre a linha de Goffman (1986), “os enquadramentos são entendidos como marcos interpretativos mais gerais, construídos socialmente, que permitem às pessoas dar sentido aos eventos e às situações sociais”.

No intuito de levantar uma definição mais compreensível do que é enquadramento, Porto (2004) relembra a explicação dada pelo sociólogo americano Gitlin (1980) relacionada a cobertura da mídia

Os enquadramentos da mídia [...] organizam o mundo tanto para os jornalistas que escrevem relatos sobre ele, como também, em um grau importante, para nós que recorremos às suas notícias. Enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira. (GITLIN, 1980, p. 7 apud PORTO, 2004, p. 80, tradução do autor).

A escolha, a repetição de palavras, o reforço em termos, imagens e metáforas produzem uma interpretação da mensagem. (ENTMAN, 1991 apud SOARES, 2006, p. 04). Neste sentido, Rothberg (2007, p. 03) reforça a ideia de que o enquadramento,

na prática jornalística, “é construído através de procedimentos como seleção, exclusão ou ênfase de determinados aspectos e informações, de forma a compor perspectivas gerais através das quais os acontecimentos e situações do dia são dados a conhecer”. O autor explica que é uma forma de organização da “realidade dentro de determinados eixos de apreciação e entendimento, que envolvem inclusive o uso de expressões, estereótipos, sintagmas etc.”. (ROTHBERG, 2007, p. 03).

Para delimitar a compreensão do enquadramento midiático é possível utilizar a ideia de Scheufele, que categorizou cinco fatores que podem influenciar na formação dos enquadramentos feitos por: normas e valores sociais, organização pressões e restrições, pressões de grupos de interesse, rotinas jornalísticas e orientações ideológicas ou políticas. (SHOEMAKER; REESE, 1996; TUCHMAN, 1978 apud SCHEUFELE, 1999, p. 109, tradução nossa).

Desta forma, o jornalista, além das variáveis da cobertura noticiosa, deve encarar os fatores que o influenciam na construção do texto. Soares (2006, p. 09) retoma um exemplo claro de como o enquadramento pode montar eventos semelhantes em notícias diferentes e, conseqüente, influenciar na mensagem transmitida ao público. O pesquisador utiliza da análise de Entman (1991 apud SOARES, 2006) para mostrar como o enquadramento pode esclarecer as posições e intenções dos jornais. Na pesquisa sobre a cobertura norte-americana de dois acidentes aéreos, em momentos distintos, Entman (1991 apud SOARES, 2006) expõe os contrastes nas reportagens devido ao relacionamento político dos Estados Unidos com os países dos aviões envolvidos no evento – sendo um deles de país aliado e o outro não. Vários fatores foram notados pelo autor na análise, como o espaço e tempo de cobertura, e o enfoque das manchetes. Atribuições de culpa e reponsabilidade dos acidentes também apareciam nos jornais de formas distintas, além das palavras usadas para referências aos passageiros e categorização do evento, como ataque ou tragédia.

Nos dois casos, conclui Entman, os meios de comunicação adotaram posições que refletiam as perspectivas do governo norte-americano e diversos resultados políticos documentam o impacto político dos enquadramentos dominantes das reportagens (SOARES, 2006, p. 12).

Assim como Entman (1991 apud SOARES, 2006), que buscou atributos para relacionar coberturas jornalísticas e a visão do jornal a partir dos enquadramentos dados na construção, há outras várias formas de enquadramento, que foram

desenvolvidas por pesquisadores e “métodos analíticos diversificados, como a análise de conteúdo e a análise do discurso, na busca dos dispositivos de enquadramento nas notícias”. (D’ANGELO, 2002 apud SOARES, 2006, p. 05).

O conceito de enquadramento é utilizado em pesquisas para compreensões da operação jornalística em campo, na construção da reportagem. Butler (2015) explica na sua obra *Quadros de Guerra*, que enquadrar tem vários sentidos. Segundo a autora, o termo pode ser levado de modo literal como a de uma moldura de quadro ou “da mesma forma que um criminoso pode ser incriminado pela polícia (*framed*) ou uma pessoa inocente (por alguém corrupto, com frequência a polícia)” (BUTLER, 2015, p. 21), entre outros exemplos.

Um dos pontos levantados Butler (2015) é que há vidas passíveis de luto, enquanto outras não. A mídia usa desse parâmetro para identificar o que se torna válido de ser mostrado ou não. Neste sentido, ao trabalhar com o tema guerra no âmbito político dos Estados Unidos, a autora defende que os enquadramentos moldam formas de reconhecimento que o indivíduo tem ao ser enxergar em outro ser e, por isso, se comove por meio da mídia. Butler (2015, p. 100) opina que “é que a maneira pela qual respondemos à dor dos outros e se o fazemos, e a maneira como formulamos críticas morais e articulamos análises políticas dependem de certo campo de realidade perceptível já ter sido estabelecido”. A construção desse campo perceptível é uma intervenção do que é formado pelo enquadramento e influenciado pelo imaginário coletivo, como será visto à frente.

É válido exemplificar que Butler (2015), na sua obra, menciona os atentados de 11 de Setembro como um evento em que a mídia moldou o público a viver o luto pelos mortos “passíveis” do sentimento.

Os meios de comunicação divulgaram as imagens daqueles que morreram, com seus nomes, suas histórias pessoais, as reações de suas famílias. O luto público encarregou-se de transformar essas imagens em ícones para a nação, o que significou, é claro, que o luto público pelos não americanos foi consideravelmente menor e que não houve absolutamente nenhum luto público pelos trabalhadores ilegais. (BUTLER, 2015, p. 65).

Desta forma, Butler (2015) afirma que os jornalistas podem comprometer a cobertura se transmitirem apenas de um ponto de vista. Na cobertura da Guerra no Iraque, em 2003, jornalistas estavam de acordo em mostrar imagens produzidas pela perspectiva de autoridades militares e governamentais. “Os profissionais ‘envolvidos’ viajavam apenas em determinados veículos, observavam apenas determinadas cenas

e enviavam para casa apenas imagens e narrativas de determinados tipos de ação”. (BUTLER, 2015, p. 101). A autora também analisa na sua obra o foco da fotografia de guerra, que produz um forte enquadramento do que se tem a intenção de mostrar. Neste caso, “ângulo da câmera, o enquadramento, a pose dos sujeitos, tudo sugeria que aqueles que tiraram as fotografias estavam ativamente envolvidos na perspectiva da guerra, elaborando essa perspectiva, fabricando, direcionando e validando um ponto de vista”. (BUTLER, 2015, p. 102).

A autora ainda destaca que a fotografia em circulação influencia na construção da visão política e gera indignação. Moreira (2018) ao interpretar a teoria exposta por Butler afirma que:

[...] a circulação da imagem produz deslocamentos e, de certa maneira, permite analisar o modo como agem esses enquadramentos que modificam a intensidade da comoção. Entram em cena julgamentos sobre a conduta das vítimas como condição para reconhecer a violência e gerar indignação. (MOREIRA, 2018, p. 03).

Refletindo sobre a teoria de Butler (2015), também é válido citar que em relação às vidas passíveis de luto, há grupos de indivíduos que, por sofrerem alguma diferenciação, podendo ser por estereótipos ou estigmas, são menosprezadas ou esquecidas na construção do enquadramento noticioso. Segundo a autora são “aqueles cujas vidas não são ‘consideradas’ potencialmente lamentáveis [...] são obrigados a suportar a carga da fome, do subemprego, da privação de direitos legais e da exposição diferenciada à violência e à morte”. (BUTLER, 2015, p. 41). Moreira (2018, p. 03), ao exemplificar a teoria com cenas de guerras brasileiras – que, de fato, não são combates armados, mas lutas em relação aos problemas sociais enfrentados pela população –, afirma:

[...] travestis, transexuais, mulheres, usuários de drogas ilícitas, negros, pobres, autores de delitos. Há um jogo articulado e móvel entre essas formas de enquadramento que circunscreve e incrimina sujeitos. Enquadrar o enquadramento seria não uma análise dispersa centrada na reflexividade, mas colocar em questão a própria moldura [...]. (MOREIRA, 2018, p. 04).

Desta forma, é possível questionar se os doentes mentais e suas famílias são passíveis do luto ou apenas os familiares e relacionados às vítimas? Será que é possível perceber os enquadramentos a partir do sofrimento dessas famílias, tanto do criminoso quanto da vítima, através das fotografias? Além disso, a partir do que foi visto na pesquisa de Entmann, quais os enfoques das manchetes e atribuições de

responsabilidade formados na construção da reportagem? Questionamentos que serão revistos na análise.

Para Soares (2006, p. 06), “uma análise do enquadramento das matérias jornalísticas produz dados que autorizam o autor a fazer afirmações interpretativas específicas sobre os textos analisados”. O pesquisador explica o fato das análises, geralmente, serem feitas com mais de um veículo, para que seja possível “observar os contrastes de semelhanças nas abordagens”. Segundo Soares (2006, p. 06), na interpretação dos enquadramentos é possível verificar “inferências sobre prováveis intenções dos emissores, principalmente, levando em conta o contexto em que as matérias foram produzidas e veiculadas, ou sobre determinada influência das matérias examinadas sobre a audiência”.

### **3.3.1 Intervenções do Imaginário Coletivo**

Os processos de enquadramentos são constituídos de intervenções do imaginário coletivo. Na atividade jornalística é possível operacionalizar a função do conceito, que pode ser, às vezes, não levada em conta na análise do enquadramento, por não ser como a manchete ou o enfoque, algo mais concreto. Um dos principais especialistas da noção de imaginário, Michel Maffesoli (2001, p. 74) explica que “o imaginário seria uma ficção, algo sem consistência ou realidade, algo diferente da realidade econômica, política ou social, que seria, digamos, palpável, tangível”. Maffesoli (2001) afirma que o imaginário é difícil de definir, mas fornece a interpretação de que o imaginário apresenta:

[...] um elemento racional, ou razoável, mas também outros parâmetros, como o onírico, o lúdico, a fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não racional, o irracional, os sonhos, enfim, as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas. De algum modo, o homem age porque sonha agir. O que chamo de “emocional” e de “afetual” são dimensões orgânicas do agir a partir do espírito. (MAFFESOLI, 2001, p. 76-77).

Pesquisador da área, Juremir Machado Silva elucida, em várias definições, o imaginário e faz relações dele com a mídia. Segundo Silva (2003, p. 09), “todo o indivíduo submete-se a um imaginário preexistente. Todo sujeito é um inseminador de imaginários”. De acordo com o conceito explicado por Maffesoli (2001, p. 76), “o imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo”.

Silva (2003, p. 57) diz que “o imaginário surge da relação entre a memória, aprendizado, história pessoal e inserção no mundo os outros”. O autor também reforça que o imaginário é criado do que faz diferença, ou seja, daquilo que gera sentido, significado. Desta forma, como Maffesoli (2001) defende, o imaginário influencia na criação de elos entre os indivíduos, é o que ele chama de tribalismo. Já Silva (2003, p. 11) entende o imaginário como um reservatório que “agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida”, e um motor, que realiza a realidade. Sendo assim, atribui que “o imaginário é uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como uma marca individual ou grupal”.

Conforme Benetti (2009, p. 287), “ao narrar fatos, ao ouvir especialistas que oferecem explicações, ao exibir imagens de todo tipo”, o jornalismo trata do imaginário, mesmo sem a intenção. Barros (2003, p. 38) articulou na sua pesquisa uma forma de explicar que o jornalismo, “ao contrário do que alardeia, não se escora no comumente chamado real, e sim no imaginário”. Mas como tal hipótese é apresentada? Segundo a autora, baseada no conceito de Maffesoli (1988 apud Barros, 2003, p. 38), ela buscou “estabelecer um quadro de análise que tem por única função fazer sobressair a complexidade de uma vivência existente além e aquém de toda apreensão intelectual”. Desta forma, Barros (2003) acompanhou e entrevistou diferentes jornalistas “a fim de procurar, nas suas falas, convergências e/ou divergências do imaginário sustentado jornalisticamente”. A percepção da autora na sua análise é de que:

O jornalismo que faz a leitura do mundo através da complexidade recorre antes às vivências, e não só às verificações racionais. Vai ao não-racional, que inclui o mito, o símbolo, capaz de dialogar com o imaginário. Ao invés de apenas matrizes dedutivas para apreender a experiência cotidiana, usa também a intuição. (BARROS, 2003, p. 118).

O jornalismo é alimentado de vivência cotidianas, que segundo Barros, formam o imaginário.

Agarrado a técnicas e prescrições, sejam elas as da objetividade, precisão, imparcialidade, isenção ou exatidão, o jornalismo ignora as vivências, os fenômenos que atestam a indissociabilidade do real com o imaginário, considerando o real como em si e o imaginário como versões, interpretações, pontos de vista sobre o real. Mas se o fato não é separado de alguém que o viva, percebê-lo é comunicar e até comungar, não simplesmente difundir. (BARROS, 2003, p. 178).

Como o jornalista não é inseto imaginário, Benetti (2009, p. 290) atribui que “a observação da notabilidade dos fatos não é ordenada apenas por critérios profissionais aprendidos, mas também se estabelece com base naquilo que o próprio jornalista deixa emergir do imaginário”, que é coletivo, não apenas seu, fazendo dele humano, assim como os leitores.

O entendimento do enquadramento e da influência do imaginário sob o olhar do jornalista colaboram para a descoberta de como é a construção do doente mental. Maffesoli (1988 apud Barros, 2003) afirma que o imaginário é alimentado por tecnologias, entre elas, a literatura, o cinema e os meios de comunicação. A circulação de sentidos passa pelo imaginário e, em relação ao veículo, também passa pelo enquadramento.

O olhar do homem moderno passa a ser enquadrado pela ação da objetiva, é a câmera de cinema e mais tarde a câmera de televisão, que passa a enquadrar o que deve ser visto. No cinema, surge uma câmera voltada para produzir sonhos. Na televisão, uma câmera a serviço de gêneros mais desacreditados, como a teledramaturgia ou como já dissemos, a informação. A câmera e sua objetiva são os mediadores que no cinema e, mais tarde na televisão, especificamente a câmera do telejornalismo, vão alimentar o imaginário das sociedades modernas. A câmera de cinema faz sonhar, fugir do cotidiano, da realidade que pode se tornar insuportável em um mundo complexo. (RENAULT, 2012, p. 148).

Neste sentido, Gislene Silva (2012, p. 137) revela que “o jornalismo como uma tecnologia de criação e reprodução de imaginários sociais, como fonte que alimenta com imaginários o cotidiano contemporâneo e, ao mesmo tempo, de imaginários sociais alimenta a si mesmo”.

Em relação às tecnologias do imaginário, é possível citar o cinema, cujo enquadramento também delimita a construção de uma imagem. Pontes (2010) afirma que a ideia criada de assassinos em série e crimes foram preconizados pelos estúdios hollywoodianos nas telas dos cinemas. A pesquisadora acredita que a essa linha entre a realidade e a ficção é tênue e, por isso, ganha espaço e passa a compor o imaginário. Ribeiro (2012) também concorda que os seriados e documentários policiais têm espaço relevante em veículos de grande audiência.

Eles têm em comum, além de um vigoroso imaginário que legitima as instituições de segurança, seus procedimentos científicos, critérios e suposto compromisso com a justiça e a verdade, a solução dos crimes por meio da ciência, tais como a medicina forense e seus sofisticados recursos tecnológicos, a balística, perícia e a psiquiatria. Neste contexto, além disto, o uso de armas de fogo é praticamente naturalizado e vem até os espectadores

como recurso necessário e justificável da vida em sociedades complexas. (RIBEIRO, 2012, p. 106).

De fato, como justificado na introdução, a minha grande curiosidade dos crimes cometidos por pessoas diagnosticadas com alguma doença mental surgiu por meio da literatura e do cinema e, desta forma, comecei a querer entender como o jornalista constrói a reportagem e quais os conhecimentos ou vivências que o profissional busca ao tratar do fato. Gadelha e Paiva (2007) reforçam que “os processos midiáticos têm ocupado um papel relevante na formação do imaginário” e que a construção da doença mental e da loucura no cinema pode incentivar “uma reflexão mais lúcida acerca das diversas patologias mentais”, levando a uma visão mais humana da loucura.

[...] são filmes que nos apresentam personagens psicóticos, estranhos, anormais. Portanto, levam o espectador a formar uma certa imagem do anormal, da doença mental e da loucura. Entretanto, observando-os de maneira mais detida entendemos que tais filmes tratam de modalidades de inconformismo, resistência e negação do suposto estilo de normalidade, proposto pelas regras sociais. (GADELHA; PAIVA, 2007, p. 3).

Ainda na relação do enquadramento com o imaginário, Ribeiro (2012) ao analisar a ciência no imaginário midiático, traz uma contribuição que também pode ser parte deste trabalho. Neste caso, com o foco em reportagens policiais, podem ser encontrados “nos elementos formais mobilizados para construí-las, como enquadramentos, planos, tomadas, iluminação, entre outros, são incorporadas variáveis estéticas que atribuem a estas representações uma carga emocional [...]”. (RIBEIRO, 2012, p. 96). O resultado da reportagem “passa a instituir estas imagens no imaginário coletivo e o enquadramento exibido por ele passa a ser validado pelo telespectador”. (RENAULT, 2012, p. 160).

A partir dos conceitos exibidos sobre enquadramento e intervenções do imaginário coletivo será possível a análise do caso de investigação e como o jornalismo operou na construção da loucura, quais as marcas do imaginário que podem ser verificadas e como os elementos do enquadramento são incorporados ao longo da cobertura.

### 3.4 A CIRCULAÇÃO DISCURSIVA E OS EMBATES DE SENTIDOS

A operação jornalística produz sentidos por meio de suas narrativas e o discurso proferido forma um efeito no público que o recebe. Do receptor, o discurso pode ser interpretado e novos sentidos são formados. Como Castro (2018) afirma, “os discursos circulam durante 24 horas – dos meios massivos às redes e das redes aos meios massivos; das instituições aos coletivos de atores individuais, e dos indivíduos e coletivos às instituições”.

Gadret (2016, p. 106) explica que ao adentrar ao conceito da circulação discursiva, processo que integra essa pesquisa, “primeiro, é necessário considerar o jornalismo como um lugar de produção e circulação de sentidos”. No mesmo sentido, Rosa (2018, p. 166) explica que “falar de circulação implica tensionar os papéis de produção e reconhecimento, tidos como elementos fundantes do processo comunicacional”. À frente, conforme o entendimento de Eliseo Verón (2004), a circulação é vista entre a produção e a recepção, como um intervalo entre os pólos.

Nesse aspecto, é preciso, citar que a “circulação está atrelada ao conceito de mediatização”. (DIAS; BORELLI, 2015, p. 62). Ou seja, de acordo com Fausto Neto (2018, p. 11), “o cenário da mediatização em processo tem uma relação direta com as transformações das condições de circulação de sentidos”. Baseado na teoria de Verón (2014, p. 14), um dos principais pensadores da temática, a mediatização pode ser definida como “um substantivo que dá nome a um processo, as entidades consideradas como sujeitas a tal processo são, na maioria dos casos, as sociedades em si ou subsistemas particulares delas”.

Diversos autores exploraram em pesquisas o conceito de mediatização, pois há várias compreensões e olhares que moldam sua definição. Mas, de maneira sucinta, para tentar se aproximar do eixo da circulação, opta-se por definir a mediatização como uma “ambiência, um novo modo de ser no mundo, [...] que caracteriza a sociedade atual” (GOMES, P., 2016, p. 18), e seguindo essa linha, Brito (2019, p. 19) completa afirmando que “pode-se pensar a partir disso a forma como que a sociedade vem agindo com suas inúmeras transformações, em específico, as comunicacionais”.

Entende-se, então, que a cultura dos meios passou a integrar os indivíduos, não sendo mais necessários os mediadores como os meios, visto que não são mais os meios de massa que regem o controle social. “Subordinada originalmente ao polo de emissão, o qual mantinha como postulado, a sua atividade de controle sobre o

funcionamento do circuito de mão única” (FAUSTO NETO, 2018, p. 29) e, assim, os receptores, fazem de uso e se apropriam de um espaço e de técnicas jornalísticas que antes eram em específico da produção. O processo da sociedade em midiatização é mais amplo do que, de certo modo, a palavra midiatização é supostamente interpretada. Rosa (2012, p. 61), afirma:

a midiatização não diz respeito somente aos meios ou às maneiras de mediação, mas essencialmente aos processos de comunicação que passam a levar em conta as dinâmicas tecno-discursivas e as lógicas das mídias. Entretanto, convém destacar que estas lógicas não se referem apenas ao caráter tecnológico ou instrumental, mas, sim, dentro de uma perspectiva mais complexa e ampla, como dispositivos de construção de uma rede de afetações mútuas.

Há autores que entendem a midiatização como um processo em andamento. Para Dias e Borelli (2015, p. 62), a midiatização está “ainda em curso” que alteração os processos sócio-técnico-discursivos. A circulação é evidenciada “quando o que está em discussão são as mutações decorrentes do fenômeno da midiatização”. (DIAS; BORELLI, 2015, p. 64). E, de forma mais didática, até mesmo, mais compreensível, Sgorla (2009, p. 67) explica como, na prática, a midiatização atua:

[...] a midiatização afeta os meios de comunicação social tradicionais; por exemplo: quando o jornalismo abre espaço em blogs para a participação do público (“cidadão repórter”); quando o radialista conversa com o ouvinte por meio de mensagens instantâneas pela internet; quando os programas televisivos passam a utilizar a linguagem da internet em sua estética; quando o telespectador tem a oportunidade de enviar seus próprios vídeos aos telejornais ou programas de auditório; dentre outros casos.

Adentrando ao processo circulatório, aproximando da abordagem que será vista nesta pesquisa, tais processos de interação que “se dão entrecortadas por diversos dispositivos”, como Rosa (2012, p. 71) coloca, mostram que “a circulação surge onde há troca, isto é, reconhecimento de um valor, onde produção e recepção se dizem acordo”. (ROSA, 2012, p. 78).

Verón (2004, p. 53) alega que a circulação “[...] se define com a defasagem, num dado momento, entre as condições de produção do discurso e a leitura feita na recepção”. Ou seja, a circulação seria o elo entre a produção e seus efeitos, mas como um intervalo entre os dois pólos. A defasagem seria uma falta de sintonia, um espaço para embates. Em contraponto, Rosa (2012, p. 78) afirma que:

[...] a circulação não é a defasagem, pois defasagem representa um hiato no tempo, a circulação é um processo de igualdade onde produção e reconhecimento se equivalem e se ligam. Desta forma, tanto os traços da produção como do reconhecimento, as leituras possíveis de serem realizadas precisam ser retomadas, pois o foco da circulação está no que ocorre no caminho entre a produção em si, e suas regras, até o efeito gerado na recepção, como, por exemplo, a reinscrição destes materiais significantes. Há que se ter em mente que as condições da circulação são variáveis conforme o tipo de suporte ou dispositivo midiático e também segundo a “dimensão temporal que se leva em consideração”. Portanto, compreender a circulação é compreender como se dá o trabalho de construção do sentido e como o sentido se transforma ao longo do tempo.

A exemplo do caso de investigação, na análise será possível verificar que o crime se transforma com o tempo, pois o caso foi retomado 20 anos após ter acontecido para mais uma atualização. Então, é possível verificar por meio da pesquisa, como o sentido da construção noticiosa se deslocou nas retomadas dentro do próprio discurso jornalístico.

De acordo com Dias e Borelli (2015, p. 63), a partir da compreensão sobre a conceituação de Verón (2004) sobre a circulação, existem pistas que mostram a circulação por meio de análises no corpus de pesquisa, ou seja, “em que os atores sociais produzem mensagens e as colocam em circulação a partir de motivações as quais apontam para distintas intenções que deixam marcas na superfície dos discursos”. Por exemplo, no envio de denúncias a canais televisivos ou a jornais, na intenção de obter retorno do poder público ou outro, o ator social busca acesso a circulação.

Um dos exemplos usados por Rosa (2012) é a plataforma YouTube, no qual vídeos de atores individuais são reapropriações de um conteúdo jornalístico. Para a pesquisadora (2012, p. 80), a circulação é “um processo em que o sentido circula, muda, altera-se conforme a lógica dos meios que, ao sintetizarem fatos na forma de discursos (imagéticos ou não), reinterpretam, gerando outras formas de vínculos”. Fausto Neto atribui ao surgimento da internet (2018), um incremento nas configurações e dinâmicas de processos comunicacionais, em que traços da circulação emergem. Ou seja, há possibilidade de criação e feedback vinda do público que, antes, era apenas passivo receptor, compartilhando o mesmo espaço.

Produtor e receptor tornam-se interagentes no processo de comunicação, saem de suas instâncias estanques, compartilham o mesmo espaço simbólico de interação e alternam de lugar frequentemente. Os atores sociais, antes acostumados a receber os produtos midiáticos com poucas chances de reverberar seus singulares modos de consumo, agora produzem suas

próprias ofertas discursivas, as compartilham e as fazem entrar em um fluxo de circulação contínuo. (DIAS; BORELLI, 2015, p. 64).

Desta forma, a circulação constitui um processo não linear, mesmo que formada por apropriações de sentidos, “mais do que sinalizar a convergência, aponta também para divergências de ordem discursiva” (DIAS; BORELLI, 2015, p. 66) e de embates. Como Borelli (2017, p. 38) expõe, “a circulação dissolve discursos construídos com um fim específico e também aciona discursos não previstos e não planejados”.

Como mencionado anteriormente, a emergência da internet teve influência nas condições de circulação dos discursos sociais. Em um trabalho desenvolvido por um grupo de pesquisadores, a abordagem enfatiza a circulação do sofrimento como um efeito que se tornou “público” conforme a alteração no cenário das sociedades midiáticas. (LERNER et al., 2018). Ou seja, “em especial no que é considerado passível de evocar sofrimento”, ou luto, como visto com Butler.

[...] observa-se a emergência de uma nova economia moral em que o sofrimento individual torna-se uma emoção socialmente reconhecida e valorizada e, embora ainda permaneça a expressão de infortúnios da ordem social, proliferam no espaço público os que antes seriam considerados privados e íntimos. Passam, também, a ser de especial interesse crimes, catástrofes, doenças e outros eventos adversos que atingem não apenas os reis, políticos e celebridades, mas indivíduos comuns. Expandem-se, portanto, os atores sofredores, mas também a natureza dos eventos considerados causadores de sofrimento, abrangendo situações corriqueiras antes não percebidas desta forma. (LERNER et al., 2018).

Vale incluir os casos de crimes midiáticos, aqueles em que a cobertura jornalística aciona os atores sofredores, como vítimas e suas famílias, como será visto à frente, na análise dos observáveis. Os autores ainda destacam que:

[...] a narrativa deste tipo de experiência não apenas passa a fazer sentido para as novas audiências, mas passa a contar com uma legião de indivíduos desejosos por enunciá-la, desejo que é viabilizado e potencializado pela ampliação das possibilidades tecnológicas e incorporação de novas lógicas e racionalidades *massmediáticas*. As formas usuais de mediação dos jornalistas, que narravam a partir da noção de verdade aquilo que viam, passaram a conviver com os inúmeros testemunhos dos sofredores que falam, trazendo uma verdade pessoal e reconfigurando as distintas formas de autoridade possíveis, por exemplo, imprimindo reforço e autenticidade à autoridade da experiência. (LERNER et al., 2018).

A circulação do discurso ganhou novos formatos com tal emergência. Gomes, D. (2016, p. 206) afirma que “o discurso jornalístico promove a circulação de sentidos

no social capazes de criar ambiência e mobilizar as pessoas”. Com a adequação dos jornais nas plataformas digitais, em que são possíveis a descrição de opiniões em caixa de comentários ou a partir do compartilhamento da notícias em redes sociais, conforme Furlanetto e Borelli (2018) a “circulação dos discursos nos comentários dos perfis dos jornais tomam novos rumos à medida em que os participantes da rede têm a possibilidade de comentar, criticar, ressignificar, refutar ou questionar a produção jornalística”.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Rosa (2013, p. 05) afirma que “a circulação ampla leva a uma distribuição maciça e tal distribuição implica num apagamento de outras vozes, ou seja, na exclusão de outras perspectivas”. Mas, a pesquisadora alerta, que o resultado “não está somente na exclusão que determina uma escolha, mas, sim, no que se escolhe”. (ROSA, 2013, p. 05). Nessa seleção, estão os critérios de valor-notícia, factualidade, hierarquização, espaço e o modo enquadramento do conteúdo.

Em relação à doença mental, o jornalismo pode enfatizar discursos e acionar outras perspectivas na recepção, um deles é a propagação do medo, como se o doente mental, numa forma generalizada, pode ter como característica a tendência à violência, posteriormente ao crime. Ao narrar a realidade e apresentar dados concretos, o jornalismo “tende a mobilizar crenças, valores e emoções que criam ambiência, ultrapassam a esfera racional e promove um imaginário que parece evidenciar a saúde como ideal a ser perseguido, e a doença, um mal a ser combatido” (GOMES, D., 2016, p. 179), resultado da circulação, entre a produção e a recepção.

### **3.4.1 O Acontecimento nas Operações de Produção**

Diante da prática jornalística, para se chegar a tais formulações sobre circulação, a articulação entre produção e reconhecimento são ligadas pela construção do acontecimento.

A instância de produção e a instância de recepção se acham engajadas num processo de transação, no qual a primeira instância desempenha um duplo papel de testemunha do mundo e de interpelados de um público-cidadão, e a segunda, um papel reativo de espelho deformante, pois o discurso que circula entre os dois depende de imaginários sociais. (CHARAUDEAU, 2009, p. 124).

Conforme Charaudeau (2009, p. 132) afirma, “o acontecimento só se torna notícia a partir do momento em que é levado ao conhecimento de alguém”. Há um padrão seguido por jornalistas na construção da notícia, como o autor explica, é “um conjunto de informações que se relaciona a um mesmo espaço temático, tendo caráter de novidade, proveniente de uma determinada fonte e podendo ser diversamente tratado”. (CHARAUDEAU, 2009, p. 132). No sentido de perceber a notícia com uma forma de discurso, o autor (2009) define em “descrever o que se passou, reportar reações, analisar os fatos”.

Segundo Charaudeau (2009, o acontecimento nunca é passado em seu formato bruto. Antes, existem três estratégias principais que operam a seleção dos fatos: o tempo, o espaço e a hierarquia, “ou ainda, como atualidade, proximidade e importância”. (BATISTA; RIZZOTTO, 2006, p. 39). Relacionando com Verón (2014), tais elementos podem ser vistos como marcas de operações da produção que refletem nas apropriações ou reproduções do reconhecimento. A notícia permanece com notoriedade enquanto estiver na condição de atual, ou seja, enquanto o acontecimento ainda conter um elemento de novo. “O discurso das mídias se fundamenta no presente de atualidade” (CHARAUDEAU, 2009, p. 134) e, por isso, o jornalismo pode usar os acontecimentos com interrogações na construção da notícia, sobre a origem e o devir. É assim em muitos casos de polícia, em que em uma primeira notícia não há quase nenhum desdobramento.

A partir dos critérios de importância ou hierarquização, Charaudeau (2009) define que existem os critérios externos e internos. Os critérios externos dizem respeito a forma em que o acontecimento surgiu e são divididos em três tipos. Tem o acontecimento inesperado, que pode ser comparado com as situações criminais, não esperadas, elas se enquadram no que Charaudeau (2009, p. 138) chama de “*acontecimento-acidente*”, aquele que surge sem planejamento da mídia. Além desse, há mais dois tipos, o “*acontecimento programado*”, como próprio termo diz, que podem ser os julgamentos dos casos criminais, e o “*acontecimento suscitado*”, “aquele que é provocado por setores” com fins estratégicos. Os critérios internos, segundo Batista e Rizzotto (2016, p. 39), “dizem respeito às escolhas que a mídia faz seguindo o princípio de saliência, ou seja, são escolhas feitas a partir do que deve emocionar ou não o público”.

Assim como os valores-notícia agem na seleção dos fatos – como morte, notoriedade, proximidade, relevância, tempo, notabilidade, inesperado e conflito –,

trazidos por Traquina (2005), Charaudeau (2009, p. 140) salienta que o chama a atenção das mídias para o acidente é “o que ele comporta de drama humano”.

[...] o *insólito*, que desafia as normas da lógica; o *enorme*, que ultrapassa as da quantidade, obrigando o ser humano a se reconhecer como pequeno e frágil; o *misterioso*, que remete ao além como lugar de poder, muito mais das forças do mal que do bem; o *repetitivo*, que transforma o aleatório em fatalidade; o *acaso*, que faz coincidir duas lógicas em princípio estranhas uma à outra, obrigando-nos a pensar nessa coincidência; o *trágico*, que descreve o conflito entre paixão e razão, entre pulsões de vida e pulsões de morte; o *horror*, enfim, que conjuga a exacerbação do espetáculo da morte com frieza no processo de exterminação. (CHARAUDEAU, 2009, p. 141).

Na linha do pesquisador francês, Batista e Rizzotto (2016, p. 40) afirmam que “o acontecimento é dividido em três momentos, que podem ter ligação entre si ou não”. Para Charaudeau (2009), os modos de organização do discursivo de acontecimentos midiáticos são: relato, comentário ou provocação.

*Relatar* o que acontece ou aconteceu no espaço público, construindo um espaço de mediação que chamamos de “acontecimento relatado” (AR). Tal acontecimento é construído por fatos e ações de atores que aí se acham implicados: trata-se, nesse caso, de “fato relatado” (FR); mas também de palavras com declarações e demais reações verbais dos atores da vida pública: é o que chamamos de “dito relatado” (DR).

*Comentar* o porquê e o como do acontecimento relatado por análises e pontos de vista diversos mais ou menos especializados e justificar eventualmente seus próprios posicionamentos. A explicação dada pode incidir tanto sobre o fato relatado quanto sobre o dito relatado. É o que chamamos de “acontecimento comentado” (AC).

*Provocar* o confronto de ideias, com o auxílio de diferentes dispositivos, tais como as tribunas de opinião (TO), entrevistas (E) ou debates para contribuir para a deliberação social. É o que chamamos de “acontecimento provocado” (AP). (CHARAUDEAU, 2009, p. 150-151).

Na pesquisa, atendo ao modo discurso do acontecimento relatado, que pode ser um fato relatado ou um dito relatado. Como, brevemente citado acima, o fato relatado é “objeto de uma *descrição*, de uma *explicação* e de *reações*”. De acordo com Charaudeau (2009, p. 152), “a descrição do fato depende do ‘potencial diegético’ e da encenação discursiva usada pelo sujeito que relata”.

Na descrição não podem faltar as perguntas básicas, de “o quê”, “quem”, “onde” e “quando”. Explicar o acontecimento através do fato, conforme Charaudeau (2009, p. 154) é “tentar dizer o que motivou, quais foram as intenções de seus atores, as circunstâncias que o tornaram possível, segundo qual lógica de encadeamento, enfim, que consequências podem ocorrer”, sendo nesta parte, as perguntas básicas “como” e “por que” e as mais necessárias “por que é assim” e “como é possível”,

consequentemente, remetendo à causa e à finalidade, e à consequência. Por último, é a descrição das reações, que “podem tomar a forma de uma declaração (oral ou escrita) ou de um ato”. (CHARAUDEAU, 2009, p. 155).

Quando se lida com matérias policiais, o jornalista trata de um acontecimento que requer uma narrativa reconstituída, pois são de momentos já passados. Nessa narrativa há a seguinte composição: abertura, reconstrução dos fatos, o comentário explicativo e fechamento da narrativa, o que não se refere ao fechamento do fato (CHARAUDEAU, 2009, p. 160).

Já o dito relatado, segundo o autor, é “o ato de enunciação pelo qual um locutor relata o que foi dito por um outro locutor” (CHARAUDEAU, 2009, p. 161), ou seja, é relatar um discurso proferido. “A descrição de um dito relatado se baseia em três tipos de operações: a seleção feita do dito de origem (DO), a identificação dos elementos dos quais dependem o DO e a maneira de relatar”. (CHARAUDEAU, 2009, p. 164).

Em relação aos dois outros modos de discursivos, Batista e Rizzotto (2016) explicam de maneira objetiva o acontecimento comentado na visão de Charaudeau:

trata-se de uma atividade discursiva que complementa o relato. Para comentar, é preciso argumentar, e isso, pode ser feito por meio de três ações: problematização elucidação e avaliação. A primeira trata de questionar os fatos e argumentar. Elucidar diz respeito ao modo como o enunciador irá esclarecer o que está oculto. Avaliar é posicionar-se perante o acontecimento, expor a opinião. (BATISTA; RIZZITTO, 2016, p. 40).

De acordo com o autor, o comentário exige o trabalho de pensamento crítico, de raciocínio para elaboração de um enunciado. Por último, há o acontecimento provocado, que no caso de grandes coberturas tais formas de encenação são em formato de artigos e colunas, em relação ao jornalismo impresso.

Para Charaudeau, as mídias não se contentam em somente relatar e comentar os acontecimentos, elas contribuem também para realizar debate no espaço social. O autor fala em três formas de encenação do acontecimento provocado. A primeira diz respeito a fonte, que deve ser sempre de fora das mídias, justificada pela identidade, ou seja, se é especialista, testemunha, etc. Deve dizer respeito a um tema de atualidade. A encenação dessa provocação deve ser feita em um espaço de visibilidade da mídia e apresentada por um representante (jornalista, entrevistador). (BATISTA; RIZZITTO, 2016, p. 40).

A noção de espaço público nesta pesquisa pode ser explicada pela presença dos especialistas e cidadãos externos à cobertura, a fim tentar trazer pluralidade ao tema. Segundo Charaudeau (2009, p. 194), os especialistas são aqueles que, quando

solicitados pela mídia, “sabem que devem falar de uma determinada maneira e, ao mesmo tempo, exhibir-se como um bom especialista”. No caso do objeto, são os psiquiatras, psicólogos, agentes da saúde mental, que podem atribuir opinião sobre a situação. Em relação ao cidadão na mídia, “percebe-se que ele aparece essencialmente sob duas figuras: o do cidadão vítima ou reivindicador, ou o do cidadão testemunha”. (CHARAUDEAU, 2009, p. 194). A participação do cidadão também deve ser elemento observado na análise.

Visando aprofundar o que foi exposto para embasamento teórico da construção do doente mental, no próximo capítulo, será apresentada a metodologia para a análise do caso do atirador do shopping, que passados 20 anos do crime, voltou aos portais de notícia e até as páginas dos jornais. O caso teve várias repercussões ao longo dos anos, com o deslocamento de sentidos e a retomada da circulação do acontecimento.

## 4 METODOLOGIA

Este trabalho é organizado a partir de uma hipótese inicial, configurada através do questionamento se o jornalismo problematiza pouco ou de forma rasa a loucura em reportagens de polícia. O movimento de método desta pesquisa partiu de um contato exploratório inicial em acervos dos jornais Folha de S. Paulo e O Globo, com vistas a constituição do caso de pesquisa.

Assim, na primeira aproximação com a pesquisa empírica foi percebido que o acontecimento relatado é narrado por fontes oficiais, vítimas e testemunhas. Posteriormente, no decorrer do caso há desdobramentos que não condizem com as primeiras impressões da leitura.

Após esta breve pesquisa exploratória, o movimento de método foi acionar os quadros teóricos, contudo, neste percurso muitas etapas da construção da persona foram repensadas até aqui. O processo que me levou a escolha do tema foi a sensação que há a falta de profundidade quando o jornalista se depara com tais situações – onde há a existência da loucura. Como exemplo, utilizo a matéria veiculada em GaúchaZH, em 20 de junho de 2019, sobre um jovem preso em flagrante pela morte dos pais na zona sul de Porto Alegre. Apesar de haver o fator da crueldade que destoa da normalidade, as impressões de transtornos são informadas pela polícia e como conclusão o encaminhamento do sujeito ao Instituto Psiquiátrico Forense. Não houve maiores desdobramentos ou repercussões do caso. Diferentemente, dos casos gaúchos do menino Bernardo Boldrini, em que foram investigadas as funcionalidades mentais dos envolvidos, e mais recente, do Rafael Winques, ainda em investigação. A característica da função mental é um principais fatores a serem investigados.

Essa falta de profundidade estaria também ligada a ausência de relações com tratamentos, análises de especialistas psiquiátricos, falta de laudos e o uso de discursos da polícia. Inicialmente, havia essa preocupação em entender as escolhas jornalísticas a partir do momento em que o repórter se depara com a doença no crime. Como é a criação da notícia ao optar por contar os relatos inconclusivos da polícia ou escolher contar o crime, sem formar essa relação aprofundada com a doença. Justificar ou não o fato de o sujeito estar transtornado? Também foi repensada a carga que tais crimes colocam sobre pessoas diagnósticas com transtornos mentais e o uso de uma suposta doença como defesa para diminuição de penas. Com o agrupamento

de questionamentos iniciais e rastros de uma compreensão acelerada do acontecimento, que cheguei ao problema que contextualiza o caso de pesquisa.

Para o passo seguinte deste trabalho, é preciso a elaboração do processo metodológico, pode ser entendido como um “conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”. (GIL, 2008, p. 8). Após o contato prévio com o problema, ou pode-se entender que não foi completamente conhecido, utilizo do processo de investigação hipotético-dedutivo para testar e identificar a efetividade dos objetivos específicos da pesquisa. De acordo com Gil (2008, p. 12), esse método se adequa quando a partir de “[...] hipóteses formuladas, deduzem-se consequências que deverão ser testadas ou falseadas”, ou seja, derrubadas com evidências empíricas que provam o contrário do que se pensava. Se a hipótese inicial não for falsa, podem ser refutadas no futuro a partir de novos entendimentos. Esse método de abordagem é muito comum quando se trata de pesquisa em comunicação, pois não se busca a certeza, mas novas considerações sobre o tema.

#### 4.1 PESQUISA DA PESQUISA

Utilizando dos termos jornalismo, loucura, crime e circulação, busquei através dos portais da Capes e da Intercom, trabalhos que pudessem dialogar com a minha dissertação. Não são muitas as pesquisas que investigam coberturas midiáticas de crime e doentes mentais. Houve uma certa dificuldade em encontrar pesquisadores que tratassem do mesmo assunto. A representação da loucura, normalmente, é vista em análises de produções de cinema ou em contextos de pesquisas em Direito, quando o crime é relacionado.

Na pesquisa de Pimentel (2004, p. 01), o objetivo era a análise “[...] dos discursos produzidos por jornais on-line e internautas acerca da execução sumária de suspeitos, acusados e sentenciados pelos crimes hediondos de estupro e homicídio qualificado de criança, adolescente e mulher”. O autor explica como a execução sumária é detalhada no jornal a partir de descrições dos fatos e com menor participação do jornalista, para não se perceber a mediação.

Desta maneira, o leitor pode construir e visualizar as condições das vítimas/criminosos encontrados pelos executores sumários, que podem ser justificadas pelo ato de revolta da população, justiça com as próprias mãos ou destacar informações da fonte policial. “Nesse caso, o veículo não assume a versão

como verdade inquestionável”. (PIMENTEL, 2004, p. 08). O trabalho de Pimentel aborda a circulação do discurso criado a partir da reportagem em que existiu a execução sumária, por meio da explicação sobre os comentários dos internautas. A partir dessa problemática, o pesquisador observa a concepção e prática da cidadania.

Assim como Pimentel, procuro visualizar a coprodução da notícia, ressaltando que “o ponto final do texto escrito pelo repórter não encerra a história. A narrativa se coletiviza com as contribuições do público, podendo caminhar para sentido não expressamente propostos pelo veículo”. (PIMENTEL, 2004, p. 12). Além disso, notar o estigma e a estereotipagem presente ou não nos comentários, o que não deixa de ser entendido com a prática da cidadania, mesmo se for de forma excludente.

Sousa e Aguiar (2008, p. 01) investigaram as notícias sobre crime que foram veiculadas na Revista *Veja*, em uma edição especial, para “compreender de que forma tais notícias influem na construção de uma realidade imaginada pelo leitor a respeito do crime, de seus praticantes e das leis designadas à punição de seus atos”. De forma sucinta, os pesquisadores afirmam que o veículo “assume a função de punir, principalmente quando fala no lugar do criminoso, castigando-o com o direito do silêncio” e que os jornalistas, com a narrativa maniqueísta, “procuram legitimar as soluções sugeridas para o combater o crime”. (SOUSA; AGUIAR, 2008, p. 13).

Como Sousa e Aguiar (2008) destacam, será possível verificar a realidade dualista entre vilões e vítimas na descrição dos casos. Em concordância, a punição pode ser legitimada a partir do posicionamento do jornal na escolha de manchete, imagens e expressões, e em como o criminoso, que não é comum, é enquadrado. Contudo, ainda há diferença, pois sigo em uma abordagem que tem o criminoso atrelado à loucura.

Já Gomes e Salzedas (2012) analisaram a “transposição de um relato de um fato real [...] para o meio audiovisual, por meio da reprodução desse mesmo fato no discurso fílmico”. A análise teve como base o caso do assalto ao trem pagador, publicado em *O Globo*, em 1960. A partir da comparação entre os discursos, foram apontadas semelhanças entre os dois meios midiáticos e concluído que há peculiaridade em cada meio e “são encontradas diferentes maneiras de tocar o interesse do leitor/espectador”. (GOMES; SALZEDA, 2012). Este trabalho conversa com a minha pesquisa em relação a parte que o objeto empírico não ganha cobertura apenas de uma mídia, mas de várias. Na retomada do caso fica evidente a

espetacularização audiovisual do caso, com elementos que mexem com o imaginário do leitor. No entanto, essa relação não será aprofundada.

Aproximando do tema saúde mental, Santos e Cardoso (2011) tratam das reflexões de profissionais de Comunicação acerca da loucura. Com a elaboração de entrevistas com profissionais de comunicação, as autoras puderam extrair concepções sobre a loucura, experiências e vivências com a loucura e relação mídia e loucura. Santos e Cardoso (2011, p. 728) afirmam que são percebidas “[...] nas narrativas, informações relevantes acerca da maneira ainda estigmatizada e excludente com que a loucura é tratada, reforçando as ideias de periculosidade e segregação com as quais o portador de transtorno mental. A visão delas reforça a ideia de que a loucura não circula apenas por ser tratada como assunto de interesse público, mas sim quando “está associada à rejeição e, até mesmo, à violência”. (SANTOS; CARDOSO, 2011, p. 737).

Com algumas diferenciações do trabalho citado, pois não serão realizadas entrevistas, proponho a compreensão da construção do acontecimento e da loucura a partir das escolhas ou a falta delas no texto jornalístico, como a exposição de laudos e opiniões médicas. Além disso, com a inserção da circulação discursiva, sendo o discurso retomado diversas vezes, pela voz dos leitores e pelos próprios jornalistas, quando o acontecimento ressurgir.

#### 4.2 DELINEAMENTO E TIPO DE PESQUISA

O desenvolvimento do trabalho será alicerçado em dois recursos metodológicos: estudo de caso e análise da circulação discursiva. Como já citado, o episódio do atirador do shopping, em São Paulo, em novembro de 1999, será o caso estudado. Conforme Yin (2001, p. 32), “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Para Yin (2001, p. 28), o estudo de caso norteia-se pelos questionamentos de como e por que de um fato que o pesquisador não tem controle. O autor também destaca no estudo de caso o poder diferenciador “é a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações”. O levantamento para a análise do objeto empírico será com base

nessas evidências. Para Becker (1993, p. 118), o estudo de caso faz uma análise detalhada de um episódio para o conhecimento do fenômeno e possibilita o acesso a dados que, no princípio, o pesquisador não previa. O autor explica:

O estudo de caso geralmente tem um propósito duplo. Por um lado, tenta chegar a uma compreensão abrangente do grupo em estudo: quem são seus membros? Quais são suas modalidades de atividade e interação recorrentes e estáveis? Como elas se relacionam umas com as outras e como o grupo está relacionado com o resto do mundo? Ao mesmo tempo, o estudo de caso também tenta desenvolver declarações teóricas mais gerais sobre regularidades do processo e estrutura sociais. (BECKER, 1993, p. 118).

Nesse sentido, o trabalho também está ancorado no tipo de pesquisa qualitativa, pois não trata de uma verificação que será uma prova da realidade. Mas uma interpretação, que conforme Martino (2018), preocupa-se aqui em “compreender as ações humanas, não explicá-las”. A pesquisa qualitativa é imprecisa, pois “[...] lida com o universo da subjetividade, das motivações e elementos pessoais de alguém que, naquele momento, participa da pesquisa”. (MARTINO, 2018). Mais do que esclarecido pela escolha do objeto empírico, a pesquisa qualitativa não tem “[...] critérios estatísticos ou de probabilidades, o desafio é criar um critério de seleção da amostra”. (MARTINO, 2018). A pesquisa é encerrada a partir do momento em que é percebida a repetição dos procedimentos de análise na fase de coleta dados, de maneira em que não há mais o que ser aprofundado.

O estudo de caso será efetivado por meio da análise empírica das reportagens em três frentes: a narrativa, a dimensão imagética e as marcas da loucura. Os períodos selecionados para análise são divididos em três momentos do mesmo caso de investigação: o crime, o julgamento e a retomada do caso. “O uso de informações documentais é essencial para confirmar e valorizar as evidências encontradas em outras fontes, como conferir nomes, datas, fazer inferências, confrontar dados contraditórios”. (DUARTE, 2005, p. 230).

Para isso, a análise terá no campo de observação os primeiros cinco dias de cobertura do crime, em 1999, após as reportagens da cobertura do julgamento, que aconteceu em 2004 e perdurou quatro dias e, por último, a retomada do caso na data dos 20 anos, composta por apenas uma reportagem. O recorte deste trabalho, na primeira fase, quando o crime ocorre, é composto pelos primeiros cinco dias, pois em contato exploratório, foi notado que a demarcação do enquadramento do criminoso

frente a loucura ocorre nesse conjunto. Não significa que outras reportagens importantes não tenham sido feitas no período subsequente.

Definido os conceitos do Estudo de Caso, o trabalho contará, também, com os procedimentos metodológicos da análise da circulação discursiva. Na medida do que for possível, será vista a circulação dada a partir de comentários dentro dos sites de notícia dos jornais Folha de S. Paulo e O Globo na retomada do caso em 2019, quando há a possibilidade de soltura do atirador após 20 anos do crime, a fim de verificar semelhanças nos sentidos antigos e novos. Ou seja, há dois vieses de circulação possíveis de análise: os sentidos produzidos pelos leitores e o reaparecimento do conteúdo que não estava em pauta há vários anos.

Destaca-se, contudo, visto que à época do crime, em 1999, não havia o formulário nos sites de notícias que permitissem o comentário. Mesmo com avanços tecnológicos, novamente, em 2004, os comentários são possíveis ou não se encontram mais disponíveis para a visualização. Em 2019, quando o caso ressurgiu é possível observar os comentários. Por isso, a circulação será analisada em três pontos distintos do mesmo caso.

O corpus da pesquisa será constituído de acervos digitais dos jornais Folha de S. Paulo e O Globo da época do acontecimento do atirador do shopping. A escolha dos veículos se deu pela proximidade geográfica em que as redações estão localizadas do local do crime, pois acredito que o contato com as fontes foi uma vantagem que profissionais de São Paulo tiveram, diferentemente se fosse um veículo gaúcho fazendo a cobertura. Para outros estados, provavelmente, o caso se daria por meio de conteúdo de agência ou das conhecidas *escutas*. O Globo, apesar de ser do Rio de Janeiro, também fez a cobertura própria do caso.

Como critérios para a opção pela coleta deste conjunto de frames temporais indica-se: a) os cinco primeiros dias de cobertura do crime com vistas a identificar como o jornalismo apresenta a narrativa do caso ante sua emergência; b) os quatro dias de acontecimentos do julgamento em 2004, para trazer à tona o enquadramento e os discursos; e c) a soltura que só aparece na Folha e não em O Globo. Destaca-se que estes conjuntos nos permitem verificar: as operações jornalísticas mobilizadas; os movimentos de circulação e sentidos; as apropriações de atores sociais em 2019; e, em especial, as marcas da loucura manifestas tanto em texto quanto em imagem.

### 4.3 LIMITAÇÃO DE MÉTODO

Todo método apresenta-se como potencial, mas também revela suas limitações. Neste caso, indica-se como limitação a quantidade de matérias observadas. Foram mais de 80 páginas de reportagens coletadas ao longo dos 20 anos observados. Contudo, apenas deste conjunto foram selecionadas reportagens de pelo menos 40 páginas. Outro ponto diz respeito à qualidade dos acervos de Folha e O Globo. Enquanto um deles nos permitia acesso digital ao arquivo em cores, Folha não disponibiliza os materiais na íntegra, o que perde na possibilidade analítica da dimensão imagética. Destaca-se como uma limitação para a investigação dos circuitos interacionais, certamente presentes quando do caso, que é a não existência do espaço de comentários nos dois veículos em 1999 e também em 2004, sendo possível recuperar apenas em 2019. Apesar disso, considera-se pertinente esta inclusão, pois os comentários revelam a produção de sentido e os imaginários em torno da doença mental.

Por fim, há uma limitação de método o fato de o crime não permitir entrevistas ou o contato com os repórteres que não pelo próprio enunciado dos textos jornalísticos, o que acrescenta ampla subjetividade à análise qualitativa. No entanto, considera-se que esta subjetividade é marca dos trabalhos em comunicação, tanto cientificamente como na prática da redação.

## 5 ANÁLISE DOS OBSERVÁVEIS

Neste capítulo será feita a análise mais abrangente do caso de investigação como forma de verificação da hipótese inicial e exploração das operações jornalísticas e as marcas dos discursos. Será analisada a narrativa jornalística do caso, adentrando na dimensão imagética do crime, ou seja, mostrando as imagens e conteúdos gráficos publicados à época do delito e mais recentemente.

Busco a partir das reportagens, as representações da doença mental – a loucura – do criminoso, os enquadramentos dela nas reportagens e espaço dado atribuído nas páginas dos jornais. Além disso, será visto como sucede, na retomada do caso ao longo dos anos, o fenômeno da circulação discursiva.

### 5.1 A NARRATIVA DO CRIME: NOVEMBRO DE 1999

#### 5.1.1 Descrição do Acontecimento

Na noite de 3 de novembro de 1999, quarta-feira, por volta das 21h15min, o estudante de Medicina Mateus da Costa Meira, de 24 anos, disparou tiros de uma submetralhadora contra a plateia que assistia ao filme Clube da Luta, na sala cinco do MorumbiShopping, na capital paulista.<sup>1</sup> Na sessão, que era a última da noite, 29 pessoas assistiam ao filme, sendo a capacidade da sala de até 140 lugares. A ação do atirador matou três pessoas e feriu quatro.

Minutos antes do ataque a tiros, o estudante foi até o banheiro carregando sua mochila. Ele tinha assistido aproximadamente 15 minutos do filme. Mateus testou a arma atirando contra o próprio reflexo no espelho e vendo que o equipamento estava funcionando, ele voltou para a sala e efetuou os disparos. Segundo testemunhas, os tiros aconteceram pausadamente, diferentemente do funcionamento em rajadas, como é comum de uma metralhadora. Foram cerca de 40 tiros durante quase três minutos na sala, que ainda estava escura.

Quando Mateus foi recarregar a arma com mais munições, alguns espectadores conseguiram detê-lo, impedindo que o ataque continuasse. Seguranças do cinema chegaram na sala, interrompendo o início de um linchamento contra o

---

<sup>1</sup> Dados extraídos das reportagens da Folha de S. Paulo e O Globo durante a observação do caso.

atirador. Os guardas levaram Mateus até a polícia do shopping, onde ele foi encaminhado à delegacia.

As vítimas fatais do tiroteio foram a fotógrafa Fabiana Lobão Freitas, 25 anos, o economista Júlio Maurício Zemaitis, 29 anos, e a publicitária Hermè Luiza Jatobá Vadasz, 46 anos. Os três não se conheciam e estavam em fileiras diferentes na hora do ataque.

Na delegacia, Mateus disse que escolheu o filme para o ataque porque se identificava com um dos personagens, mas nunca tinha visto a produção antes. Em depoimento, ele disse que não tinha motivos para o ato que havia cometido. O jovem afirmou que sofria com esquizofrenia e tinha problemas com drogas e álcool. Mateus já tinha passagem pela polícia e, na mesma noite, foi apurado que recentemente ele havia sido internado por distúrbios psíquicos, desta forma, levou à polícia a considerar a doença mental como fator importante da investigação.

Natural de Salvador (BA), o jovem estava morando em São Paulo para cursar a residência médica. Mateus tinha acompanhamento psiquiátrico desde a adolescência quando ele foi diagnosticado com problemas de personalidade e, recentemente, tinha parado de ingerir seus medicamentos por conta própria. De acordo com familiares e colegas, ele tinha dificuldades de se relacionar com outras pessoas e não mantinha amigos ou namorada em São Paulo.

### **5.1.2 A Narrativa Jornalística no Caso do Atirador do Shopping**

#### **#DIA 1: 4 de novembro**

No dia 4 de novembro, o caso foi manchete de capa da Folha de S. Paulo com foto e um resumo do crime, que foi mais detalhado dentro do jornal. Mateus é citado como atirador. Até o momento da publicação, só havia uma morte confirmada, a de Fabiana. A edição do caderno São Paulo, uma espécie de editoria local do jornal, foi finalizada às 2h04min da quinta-feira.

A operação jornalística destaca a fala do secretário de Segurança Pública do estado de São Paulo, Marco Vinicio Petrelluzzi. Na primeira matéria publicada no dia seguinte ao ocorrido já há a informação de que Mateus sofreria de problemas psíquicos. O texto é construído a partir do relato da fonte que, conforme visto na discussão teórica a partir de Charaudeau (2009, p. 161), se enquadra no modo de dito

relatado, em que “a palavra do outro está sempre presente em todo ato de enunciação”.

O secretário opina que a aparência de Mateus é de uma pessoa que estava sob o efeito de drogas e usou a expressão “tresloucado”, cometido por alguém desprovido de razão, para caracterizar o ato. Além disso, a autoridade defende que a ação não foi por falta de segurança, mas que o crime foi influenciado por casos internacionais. Outra fonte da primeira matéria foi o tenente-coronel Fernando Roberto Telini Franco, que comparou a ação do atirador com cenas vistas apenas em filmes e atribuiu que a aparência de Mateus é de alguém que não despertava suspeitas.

Figura 1 - Capa da edição de 4 de novembro

**FOLHA DE S. PAULO** 1999

São Paulo, quinta-feira, 4 de novembro de 1999  
 DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FREITAS FILHO • UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL • ALAMEDA BARÃO DE LIMEIRA, 442 • AHO 72 • 39 21 761 • 88 123

Aluno de medicina dispara metralhadora em sessão de 'Clube da Luta' no Morumbi Shopping; ferido tem morte cerebral

# Atirador mata 1 em shopping

**Juiz do caso Pinochet estuda ação no Brasil**  
**Lula perde na Justiça ação contra a Folha**  
**Padhilha afasta dois no caso do DNER**  
**No Rio, ação do tráfico intimida deputados**  
**Pitta nega cargo e Nicé pede a separação**  
**Justiça decide tirar os pontos do São Paulo**

**DEZ ANOS DEPOIS**  
**1 em cada 5 alemães quer o muro de volta**

**KGB tinha plano para eliminar João Paulo 2º**

**ATMOSFERA**  
 São Paulo: 11°C, Mínima: 7°C  
 Curitiba: 12°C, Mínima: 8°C  
 Brasília: 18°C, Mínima: 14°C  
 Manaus: 28°C, Mínima: 24°C

**224-4000**

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

Na continuação do caso, nas páginas do caderno São Paulo, a operação jornalística reconstitui o momento em que Mateus foi detido pelos seguranças do

shopping, antes das possíveis agressões do público que estava na sala, para que o leitor pudesse entender a tensão do momento. O texto colocado na cartola destaca que o atirador não tinha falado à polícia as motivações do crime. Além das duas fontes da segurança, a reportagem traz a primeira voz de uma pessoa que fazia parte da rotina do atirador: o porteiro do prédio. O jornalista, na busca por mais detalhes, parte para uma investigação individual e destaca as impressões do porteiro sobre Mateus: *“Segundo o porteiro, uma vez Meira chegou a pedir as chaves da casa de força dizendo que a pessoa que o perseguia estava lá dentro”*.

No O Globo, o caso do atirador entrou na terceira edição veiculada no dia 4 de novembro, em um espaço menor do que foi dado pela Folha. Uma matéria com as primeiras informações do crime, sendo a fonte principal foi o secretário Petrelluzzi.

Figura 2 - Primeiras informações na edição de 4 de novembro

8 • O PAÍS O GLOBO 3ª edição • Quinta-feira, 4 de novembro de 1999

---

## Atirador mata um e fere 5 em shopping de SP

Estudante de medicina assistia a 'Clube da luta' no cinema e descarregou dois pentes de metralhadora na platéia

• SÃO PAULO. Terminou em tragédia ontem a sessão das 22h do filme "Clube da luta" no Cinema 5 do Shopping Morumbi, bairro de classe média alta da Zona Sul da capital paulista. O estudante de medicina Mateus da Costa Meira, de 24 anos, que assistia ao filme, por volta

das 23h sacou uma submetralhadora M-11, americana, de calibre nove milímetros, e abriu fogo contra os espectadores. Ele descarregou dois pentes de bala, num total de 60 tiros.

Morreu na hora Fabiana Lobão de Freitas, de 23 anos, e fi-

caram feridas mais cinco pessoas. Uma delas — um homem de 30 anos, não identificado — teve o crânio atravessado por uma bala e está com morte cerebral. As vítimas foram atendidas nos hospitais Albert Einstein e Santa Catarina, nas proximidades.

Mateus foi imobilizado por espectadores e entregue a policiais que estavam no shopping. Filho de médico e de enfermeira, ele cursa o sexto período da faculdade e já tinha passagem pela polícia, por uso de drogas. À meia-noite o atirador estava sendo interro-

gado no 96º DP e disse que não tinha nenhum motivo para o ato que cometeu. A polícia já apurou que ele já teve problemas psíquicos e que a submetralhadora que usou foi comprada ontem mesmo.

O secretário de Segurança Pública do estado, Marco Viní-

cius Petrelluzzi, que esteve no local, disse que não considerava o incidente resultado de uma falha da segurança do shopping.

— É uma falha da sociedade. Foi um ato trespouco, inspirado em modelos internacionais — afirmou. ■

Fonte: Acervo O Globo (1999).

### #DIA 2: 5 de novembro

O caso ganhou mais espaço e destaque no dia 5 de novembro, tanto na Folha de S. Paulo como no O Globo. Passadas mais de 24 horas do crime, os jornais tiveram tempo para apurações e desdobramentos atuais. Em ambos, o caso foi manchete nas capas com a mesma informação de que o crime havia sido planejado há sete anos, ou seja, a operação jornalística já traz a ideia de premeditação do crime. Além disso, os dois jornais apresentaram fotos do caso na capa, sendo elas diferentes.

Na Folha de S. Paulo é consolidada a forma de citar Mateus como o atirador do shopping. No resumo da capa, é detalhado brevemente o que já tinha sido apurado sobre o depoimento de Mateus e sobre a inspeção da polícia no apartamento do estudante, onde foram encontrados elementos para a comprovação de que o crime havia sido premeditado. As informações da capa são mais aprofundadas nas nove páginas dedicadas ao crime, que levam uma espécie de cartola denominada como *momentos de terror*. A Folha traz na capa quatro fotos, sendo uma foto do atirador



Figura 4 - Capa de 5 de novembro O Globo

HOJE, NAS BANCAS, POR MAIS R\$ 5,90, A QUARTA FITA DA COLEÇÃO DE DESENHOS DISNEY

# O GLOBO

Fundador: RENE F. MARINHO RIO DE JANEIRO, SEXTA-FEIRA, 5 DE NOVEMBRO DE 1999 - ANO LXIV - Nº 24.174 Presidente: ROBERTO MARINHO

---

## Crime no cinema estava planejado há sete anos

Assassino guardava munição em casa e deixou vários bilhetes culpando as drogas por seus atos

Com uma fita que impressionou os policiais, o estudante de medicina Mateus da Costa Meira, que na noite de assassinato dispunha uma sala de aula dentro de uma sala de cinema do Mercado Shopping (SP), casando três pessoas e lotando outras quatro, revelou que está se preparando e em três meses terá sete anos. Seu nome chama atenção em sinais de arrependimento, o assassino disse que escreveu uma carta ao filho "Cláudio da lata" para colocar a cabeça por ter se identificado com um personagem esquizofrênico. Em seu apartamento havia munição, cocaína e crack, além de bilhetes em que culpava as drogas por seus atos. **Páginas 3 e 9**



FOTO: MATEUS DA COSTA MEIRA, preso depoimento após ser preso



EMOÇÃO: PARENTES choram no enterro de Helder Leite



A SUBMETRALHOCORA Cobay M-11, usada no crime

---

**A lista dos classificados no concurso do Banco do Brasil**

Página 13 Classificados

**Mercado apoia medidas para dívida interna**

O Governo anunciou ontem 21 medidas, que serão adotadas nos próximos meses, para aliviar o peso da dívida interna e evitar juros altos. Embora sem impacto imediato, as medidas foram bem recebidas pelo mercado. O dólar caiu ontem 1,2% e fechou cotado a R\$ 1,91. **Páginas 25 e 26 e Miriam Leitão**

**Alerj aprova proteção para torturados**

A Assembleia Legislativa aprovou ontem projeto de lei que prevê proteção a vítimas de tortura, com acompanhamento médico, psicológico e jurídico pago pelo estado. O projeto foi apresentado após uma série de reportagens do GLOBO. **Página 24**

**ABL: projeto de Niskier é suspenso**

Em reunião hoje, o presidente da Academia Brasileira de Letras, Américo Niskier, foi obrigado a suspender a criação do Instituto do Brasil. Intelectuais que já havia até uma diretoria autônoma. **Página 23**

## PF prende traficantes e caça policiais ligados ao tráfico

CPI do Narcotráfico vai se instalar na Assembleia para ouvir acusados

Operação iniciada sábado pela Polícia Federal já identificou e está a procura de pelo menos 30 policiais civis do Rio envolvidos em esquemas contra traficantes, prendeu oito suspeitos de tráfico de drogas ligados à quadrilha do Fernandinho Beza-Mar e gravou cerca de 200 fitas de conversas de criminosos. Ontem, o governador Anthony Garotinho entregou à CPI do Narcotráfico dossiê sobre o crime organizado. Os integrantes da CPI anunciaram que vão se instalar na Assembleia Legislativa para tomar depoimento dos citados no dossiê, que tem mais de 400 páginas. Segundo Garotinho, o dossiê relaciona pessoas de vários setores da sociedade — até mesmo do Legislativo do Executivo e do Judiciário — em atividades com traficantes. Entre os policiais acusados pelo governador está o delegado Cláudio Góes, afastado da Superintendência de Polícia Especializada. **Páginas 10 e 13 e editorial "O crime acusado", página 6**

**Tiroteio fere aposentados durante roubo a banco**

Doze pessoas ficaram feridas num tiroteio que começou próximo ao Banco Itaú no Largo da Freigangia, em Jacarepaguá. Oito bombeiros armados trocaram tiros com vigilantes de uma comêrte que chegava com dinheiro. Um bandido, dois vigilantes e seis pessoas que estavam na fila, a maioria aposentados, foram feridos. **Página 16**

**BO SHOW** **SEGUNDO CADEIRO**

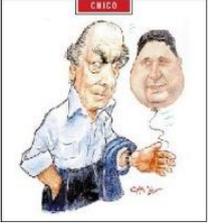
Com 18 cinemas, restaurantes e um complexo de jogos eletrônicos, o New York City Center é a nova área de lazer da Ilha.

Com atrações em 72 bairros do Rio, começa hoje o Paqueta de Letz, que contará com um salão de literatura (ilustração).



**JUSTIÇA PARADA: Liminar beneficia o TRTSP**

Em dia nacional de protesto, juíza do Paraná criticou o Governo e pediu reajuste de salários. O movimento levou adesão de 80% dos juizes federais no país. Enquanto a Justiça Federal parava, o STF concedeu liminar considerando legal o contrato da contratação local com o TRTSP. A devolução de R\$ 169 milhões desviados foi suspensa. **Páginas 14 e 15**



**CRÔNICA**

Fonte: Acervo O Globo (1999)

As coberturas jornalísticas dos dois jornais seguiram basicamente as mesmas novidades do caso. Em ambos, a primeira matéria foi sobre o planejamento do atentado, revelado em depoimento, que contou com fontes oficiais como o delegado de polícia, o psiquiatra de Mateus, que já o acompanhava antes, e o advogado de defesa. O delegado reforça as palavras de Mateus sobre sofrer esquizofrenia e afirma que o jovem consumia drogas e que teve “*problemas de alcoolismo*”. O delegado opina que Mateus “*pode ter distúrbios, mas não na proporção do crime que ele cometeu*” e, por isso, jovem teria consciência da gravidade do crime. O psiquiatra explica que Mateus “*sofre de distúrbio persecutório, um quadro de esquizofrenia em que a pessoa tem mania de perseguição*”. O crime, segundo o delegado, seria uma

forma de Mateus se livrar das vozes que o perseguiram. O estudante contou que havia comprado a arma um dia antes do ataque do seu mecânico e que também tinha o contratado como motorista. O mecânico foi preso na mesma noite, mas negou as afirmações do atirador. Conforme é possível observar nas Figuras 5 e 6.

A seleção das fontes e a fala do psiquiatra apresentam a ideia de que Mateus fez o que fez porque sofria com a perturbação imaginária, de vozes sussurrando para ele. Mas, ao mesmo tempo que o leitor pode ter uma noção de como o estudante estava no momento do crime, parecendo fora de si, a partir do detalhamento do depoimento, os jornais recortam um sentido do crime premeditado, que é de uma pessoa que sabia o que estava fazendo, que não foi um ato involuntário. Neste sentido, abre uma margem para dúvidas sobre o grau de loucura de Mateus.

É importante ressaltar que o jornalismo, principalmente no início do caso, se valeu da utilização de informações do depoimento do atirador à polícia, colhido na madrugada de quinta-feira. Ou seja, a reportagem reproduziu o discurso do discurso aproximando o conteúdo da polícia de maneira jornalística para a veiculação nos jornais. Uma readequação com o *lead*, que utiliza da novidade, nesse caso que o crime havia sido planejado e depois segue uma ordem parcialmente cronológica do acontecimento.

Figura 5 - Manchete da edição de 5 de novembro

**Atirador que matou três planejava crime desde 92**

da Reportagem Local

O estudante de medicina que invadiu uma sala de cinema do Morumbi Shopping, disparou uma submetralhadora, matou três pessoas e feriu pelo menos cinco afirmou que pensava em matar havia pelo menos sete anos. Em depoimento de três horas, Mateus da Costa Meira, 24, disse à polícia que a ideia passou a persegui-lo quando ele começou a ouvir vozes e a se sentir observado. O crime, disse, seria uma forma de se livrar dos sussurros e de seus perseguidores.

“Ele disse que ouve vozes, que as paredes cochicham no seu ouvido, que se sente observado e que está sendo perseguido”, disse o delegado Olavo Reino Francisco, que preside o inquérito.

Segundo o psiquiatra de Meira, José Célio Nascimento Pitta, ele sofre de distúrbio persecutório, um quadro de esquizofrenia em que a pessoa tem mania de perseguição.

**Morte no shopping**

Foi por esse problema que o atirador ficou internado dos dias 11 a 20 de outubro numa clínica psiquiátrica. Ele recebeu alta, mas tinha que tomar psicotrópicos.

Meira suspendeu por conta própria a medicação na quinta-feira passada.

O psiquiatra Nascimento Pitta afirmou que o universitário tem um comportamento agressivo desde a adolescência. A interrupção do medicamento, segundo ele, pode ter sido a causa do surto que teria acometido o estudante, que na terça-feira deixou seu apartamento em Santa Cecília (centro) para se hospedar em um hotel na mesma região.

De lá, ele saiu no dia seguinte determinado a cometer o crime. Por volta das 22h15, ele iniciou os disparos de uma submetralhadora recém-adquirida.

Meira disparou pelo menos 40 tiros nas cercas de 25 pessoas que assistiam ao filme “Clube da Luta”, na sala como o Morumbi Shopping. So parou os disparos porque foi confundido por espectadores, que tentaram linchá-lo. Foram os seguranças do shopping que im-

pediram o linchamento e entregaram Meira à polícia. Ele foi levado ao 96º DP (Brooklin). Lá está numa cela com um outro preso jurado de morte. A polícia teme que ele seja morto pelos demais detentos.

Para o delegado Olavo Francisco, Meira tinha consciência de seus atos. Por isso, foi indiciado por triplo homicídio e lesões corporais, além de portar ilegal de arma e drogas.

Os primeiros a morrer após o ataque do atirador foram a estudante e fotógrafa Fabiana Lobão Freitas e o economista Júlio Maurício Zeimadís. Os dois foram enterrados ontem, em São Paulo. A publicitária Hermê Luísa Jatoia Vadasz teve morte cerebral declarada.

Nenhuma das outras cinco pessoas feridas por balas ou por estilhaços está em estado grave. As vítimas eram pessoas de classe média e alta que frequentam o shopping.

A família do estudante, que é de Salvador (BA), só deve chegar a São Paulo hoje. O advogado constituído pela família afirmou que ainda e cedo para afirmar se Meira tinha ou não consciência do que estava fazendo e se

ele é ou não imputável.

Na madrugada de ontem, a polícia prendeu o mecânico Marcos Paulo de Almeida dos Santos, 24, acusado de ser o homem que vendeu a metralhadora a Meira por R\$ 5.000. O mecânico nega o crime, mas Meira afirma conhecê-lo há cerca de um mês.

Segundo o delegado, Santos é o traficante que fornece drogas a Meira, que confessou ser usuário de cocaína, mas negou que estivesse drogado no momento do crime.

Na manhã de ontem, a polícia encontrou no apartamento de Meira, 33 papéletes usados de cocaína e 4 cheios, totalizando 5 gramas. Foram apreendidos também três bibeletes nos quais o sextanarista culpava as drogas por sua atitude.

→ LEIA MAIS na pág. 3-2A3-9

PARTICIPARAM NESTA COBERTURA  
 Alencar Brito, Alessandro Silva, Antônio Lemos, Azeleano Buarque, Celso Almeida, Cleber Tosta, Clóvis de Gus. Deane Charate, Gonzalo Navarro, João Carlos Silva, Marcelo Oliveira, Mônica Bergamo, Otávio Cabral, Priscila Lamberte Silva-Curba

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

Figura 6 - Manchete da edição de 5 de novembro

Sexta-feira, 5 de novembro de 1999 O GLOBO 3

**O PAÍS**

# Crime foi planejado por 7 anos

Estudante que matou três em cinema disse que se identificou com personagem

**SÃO PAULO**

O estudante de medicina Mateus da Costa Meira, de 24 anos, planejou durante sete anos o crime que cometeu autônomo à noite, quando metralhou a platéia que assistia ao filme "Clube da Luta". Ele matou três pessoas e feriu outras cinco, na Sala 5 do Morumbi Shopping, um dos mais sofisticados da capital paulista.

Mateus depois durantes três horas para o delegado Olavo Reino Francisco, no 96º DP, onde está preso numa cela separada, porque os demais presos ameaçaram agredi-lo. Ele pode ser transferido hoje para outra delegacia, possivelmente o 13º DP, na Casa Verde.

No depoimento, Mateus alegou que é esquizofrênico, mas disse que já está arrependido do que fez. Explicou ao delegado que escolheu o filme "Clube da Luta" porque nele há um personagem que faz o papel de um esquizofrênico, com quem se identificou. O delegado, porém, informou que ele não tinha assis-

tido ao filme antes. Mas Mateus contou que havia visto um vídeo outros filmes sobre violência recentemente.

No seu apartamento, no bairro de Santa Cecilia, a polícia encontrou 300 cartuchos da submetralhadora americana Cobray, calibre 9mm, além de 37 papéletes de cocaína, 33 delas já sido consumidos.

**Em casa, bilhete responsabiliza a droga**

Foram encontrados ainda uma pedra de crack e um bilhete amassado, jogado no lixo, que parecia a explicação antecipada de seu crime: "Isso é efeito da droga. Eu não sou assim". Outros dois bilhetes tinham o mesmo texto: "Mikla, realidade sociedade hipócrita". No apartamento havia ainda um sofisticado equipamento de pirataria de CDs.

— Ele disse que consumia drogas e já teve problemas de alcoolismo. Alegou que ouvia vozes e sofria de esquizofrenia e tentou criar uma imagem que não era a dele. Mateus tinha consciência do que estava fazendo. Pode ter distúrbios, mas não na proporção do crime que ele cometeu — disse o delegado, que informou ainda que o estudante contou que tinha planejado o crime durante sete anos.

Segundo o delegado, Mateus estava tranqüilo e teve apenas alguns lapsos de memória no depoimento, que foi acompanhado por seu psiquiatra, José Cássio do Nascimento Pitta.

Mateus resolveu, dois dias antes do crime, se hospedar no Hotel Príncipe, na Avenida São João. Segundo os policiais, ele se mudou por temer destruir seu próprio apartamento.

— Ele ouvia vozes ameaçadoras e sentia medo — disse o delegado.

Mateus afirmou que, no cinema, ouviu vozes antes de iniciar os disparos.

— Mateus ouvia um voz que dizia "vou te pegar, vou te matar" — disse o advogado Ademar Gomes, que em seguida foi informado, por um fax enviado de Salvador pelo pai de Mateus, que não seria o advogado do filho.

Estagiário de medicina da Santa Casa de Misericórdia e cursando o sexto ano de faculdade, Mateus foi submetido a exame resíduo gráfico e toxicológico para se saber se no momento do crime ele estava drogado.

**Mecânico vendeu a submetralhadora**

O delegado disse que o estudante comprou, dois dias antes do crime, a submetralhadora do mecânico Marcos Paulo Almeida dos Santos, de 25 anos, que já tinha sido preso por porte ilegal de armas e por tráfico de drogas. Mateus pagou R\$ 3 mil e deu ainda uma pistola para Marcos. O mecânico foi preso em flagrante e autuado como co-autor de triplo homicídio e lesões corporais. Marcos estava trabalhando para Mateus, que tem um carro Chrysler, como motorista nos últimos dias.

— A família de Mateus é de classe média alta. Seus pais bancavam seu estudo, o tratamento médico e ainda davam R\$ 500 para despesas — contou o delegado. ■

---

*'Mateus tinha consciência do que estava fazendo. Ele pode ter distúrbios mentais, mas não na proporção do crime que ele cometeu'*  
OLAVO REINO FRANCISCO  
Delegado

*'Não estou acreditando que isso está acontecendo com a gente. O chão me falta. Parece um pesadelo. Não sei como vai ser agora sem ele em casa'*  
TERESA ZEMAITIS  
Mãe do economista João Zemaitis, morto na chacina

*'Quando dei uma gravata no cara (o atirador), ele ficou mole esperando. Curiosamente não reagiu e estava tranqüilo. Não teve reação física nem verbal.'*  
RENATO LUCENA FERNANDES DE MELLO  
Publicitário

Fonte: Acervo O Globo (1999).

A segunda parte em comum entre as coberturas diz respeito à ida da polícia até o apartamento de Mateus, onde foram encontrados três bilhetes escritos à mão. Entre eles, o bilhete que mais teve repercussão tinha a frase: *"Isso é efeito da droga. Eu não sou assim"*. Os jornais chamam a matéria no título pela frase exata do bilhete. Novamente, a ideia da premeditação do ato é reforçada pela mídia.

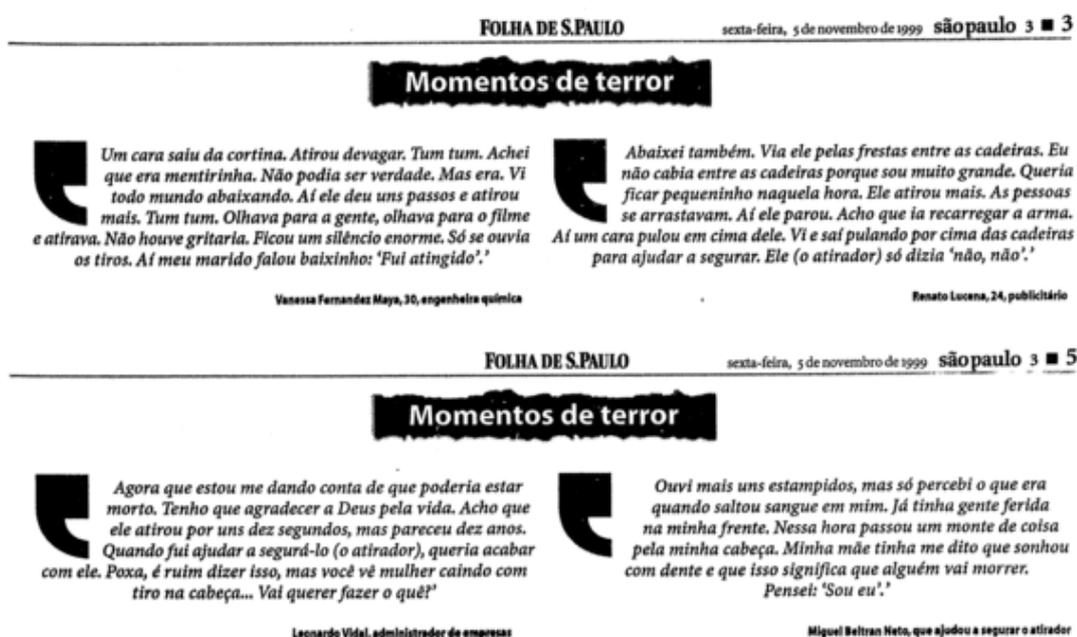
Na matéria da Folha, apenas o delegado foi a fonte para detalhar a ida ao apartamento e de mais informações do depoimento. Segundo ele, durante o depoimento, Mateus teve lapsos de memória que o delegado acredita terem sido *"forjados"* para *"traçar um perfil psicológico falso, para parecer louco"*. Ou seja, no princípio do caso, havia a hipótese de uma doença existente há algum tempo, mas, nesse ponto, a situação já entendida pelo delegado como forma de subterfúgio conveniente para a ação.

Além dos bilhetes, foram encontrados papéletes de cocaína, que levaram mais suspeita sobre o uso do entorpecente antes da ação no cinema. Mas o laudo do exame toxicológico, pedido pela polícia, poderia levar cerca de um mês para ficar pronto, mas o resultado foi divulgado antes. No apartamento também foram encontrados aparelhagem para a falsificação de CDs e de programas para a instalação de sistemas operacionais, entre outros. A polícia afirmou que Mateus obtinha renda a partir da venda dos produtos fruto de pirataria. O texto jornalístico assume uma

postura investigativa, recuperando parte de um passado ainda não conhecido de Mateus, além de ser apenas um estudante de medicina. Aliás, a referência dele estar cursando medicina apresenta uma impressão de um jovem classe média alta, que tinha acesso a uma educação de qualidade, com recursos familiares para morar em outro estado e uma capacidade cognitiva normal, já que ele estava no sexto semestre. Os detalhes do que tinha no apartamento de Mateus, as frases, os objetos que eram usados para a pirataria, reconstituem o cenário de onde o jovem vivia.

Há detalhe que vale ser destacado na Folha de S. Paulo, seguindo a lógica da cartola *momentos de terror*. Nas nove páginas dedicadas ao acontecimento, na parte do cabeçalho, foram reproduzidas frases de vítimas, com percepções individuais do momento dos disparos. Além das vítimas, há frases do advogado e especialistas da área médica, conforme pode ser observado na Figura 7. Essa operação mostra a visão de vários ângulos do mesmo acontecimento, uma forma de reviver o momento, fazendo jus a denominação da cartola, levando o leitor a enxergar-se na posição da vítima, dando ênfase a um enquadramento dos passíveis de luto.

Figura 7 - Momento de terror



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

Já no O Globo, a matéria sobre o bilhete tem como fonte principal o psiquiatra de Mateus, José Cássio do Nascimento Pitta, que levanta a ideia de que Mateus estava em surto psicótico, pois tinha parado por conta própria o tratamento com

“medicamentos que evitavam suas crises de agressividade”. Nesta matéria, o médico ressalta a alteração na personalidade de Mateus diagnosticada desde a adolescência. O especialista descreve como um “quadro de agitação e agressividade verbal e física”. No entanto, o médico não confirma a alegação de Mateus de que ele sofria mesmo com esquizofrenia e relaciona que o ato agressivo pode ter sido influenciado por filmes violentos.

A partir do discurso de quem conhecia Mateus, o jornalismo faz a tentativa de construir quem era o atirador, além do que foi dito pela polícia. O texto do jornal O Globo e a apresentação de opiniões sobre Mateus coloca em choque os sentidos sobre o jovem. São destacadas algumas características como “introvertido, autoritário, com problemas de se relacionar e dificuldade de aceitar regras”, como impressões de colegas, professores, vizinhos e do porteiro do prédio. Entre as citações, há a fala da mãe do atirador que afirmou: “Ele é um bom filho. Sempre foi um pouco nervoso, mas isso não justificava tratamento com psiquiatra”.

Figura 8 - Bilhete do atirador

## ‘Isso é efeito da droga’, diz bilhete

da reportagem local

Na manhã de ontem, a polícia encontrou cinco no apartamento do estudante Mateus da Costa Meira, em Santa Cecilia (região central). De acordo com o delegado Cláudio Francisco, havia 33 papétes (a maioria da droga e outros quatro inchados — totalizando cinco gramas).

No depoimento de mais de três horas, que terminou na madrugada de ontem, Meira afirmou que usava drogas eventualmente, mas negou que tivesse usado drogas antes do crime.

A polícia não acreditou na versão dele e pediu um exame toxicológico para verificar a eventual presença de drogas em seu sangue. O laudo demora 30 dias.

Meira foi indultado por porte ilegal de entorpecentes. Ele disse que a droga era para uso próprio.

Também foram encontrados no apartamento de Meira 350 cartuchos de munição e de pistola semi-automática.

Além da manhã de ontem, a polícia encontrou no laço do apartamento de Meira três bilhetes. Feitos com papel atômico em folhas de papel sulfite, os bilhetes devem ter sido escritos dois ou três dias antes do crime, antes de Meira deixar o apartamento e se alugar em um hotel.

Uns deles tinham a mesma

mensagem: “Mídia, realidade, sociedade hipócrita”. No outro, ele assumia o problema com as drogas: “Isso é efeito da droga, eu não sou assim”. Para a polícia, os bilhetes são provas concretas de que Meira planejou o crime.

Lapsos de memória

Meira depois durante três horas para dez policiais, que se revezavam. Segundo o delegado Cláudio Francisco, o depoimento foi linear, sem contradições. Mas, em muitos momentos, Meira apresentou lapsos de memória. O delegado admitiu que os lapsos podem ter sido forçados, com intenção de traçar um perfil psicológico falso, para “passar limpo”.

Meira passou todo o dia de ontem isolado em uma sala separada da carceragem do 9º DP, no Brooklyn (zona sudoeste). A polícia decidiu isolá-lo logo após a prisão, por temer que os outros presos pudessem mata-lo ou que ele tentasse o suicídio.

“Os presos querem fugir das celas para mata-los, há um grande risco de vida”, explicou o delegado Cláudio Renato Francisco, titular da Delegacia Imediata 901.

O médico Marcos Paulo Almeida dos Santos, que vendeu a arma do crime, está em uma cela comum, em uma passagem que abriga 50 presos acusados de homicídios, roubos e tráfico. (GLOBO)

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

Figura 9 - Recado deixado pelo atirador

O GLOBO

3ª edição • Sexta-feira, 5 de novembro de 1999

**MATADOR:** Para colegas, professores e vizinhos, uma pessoa com problemas

## Estudante deixou recado em bilhete: 'É efeito da droga, eu não sou assim'

Mateus esteve internado durante nove dias e recebeu alta em 20 de outubro

José Luis da Conceição

• SÃO PAULO e SALVADOR. No apartamento de Mateus da Costa Meira, que matou três pessoas e feriu quatro no MombiShopping, a polícia encontrou três bilhetes. Dois estavam escritos em letra de forma com a mesma frase: "Mídia-Sociedade-Hipócrita". O outro dizia: "Isso é efeito da droga, eu não sou assim". Seu psiquiatra, José Cássio do Nascimento Pitta, acha que ele teve um surto psicótico, provavelmente provocado pelo fato de ter deixado de tomar, há uma semana, os fortes medicamentos que evitavam suas crises de agressividade.

Professor de psiquiatria clínica da Escola Paulista de Medicina, Pitta teve quatro contatos com Mateus, que ficou internado entre os dias 11 e 20, quando teve alta. Sua última consulta com o psiquiatra foi na semana passada, no dia 27, na presença de seu pai, um médico oftalmologista, que mora em Salvador. Ontem, Mateus tinha consulta marcada para às 11h30min.

— Ele tinha alteração no desenvolvimento de sua perso-



UM DOS três bilhetes encontrados pela polícia no apartamento do estudante, todos escritos a mão

Fonte: Acervo O Globo (1999).

A edição do dia 5 é composta por várias entrevistas. No O Globo, há o relato de três espectadores que estavam na sala de cinema e das famílias das vítimas. O jornal adota o termo *matador*, na frase superior da reportagem, ao se referir a Mateus, tensionando uma caracterização brutal da figura do atirador. Seguindo a frase após a caracterização matador, há a colocação do espectador que impediu que Mateus continuasse os disparos como o herói do acontecimento. Um dos pontos destacados na entrevista com um espectador é de que o ataque aconteceu pouco tempo depois de um personagem do filme falar que poderia metralhar o local onde trabalhava.

# Figura 10 - Cartola usa termo matador

## MATADOR: Médico observa que ataque ocorreu 5 minutos após cena em que personagem fala em metralhar um lugar 'Quando dei uma gravata, ele sequer reagiu'

Publicitário conta como conseguiu imobilizar o atirador. Continuou se emocionando: 'A moça que morreu foi meu escudo'

• SÃO PAULO. Aliecionado por cinema, o publicitário Renato Lucena Fernandes de Melo, de 28 anos, viveu na sala 5 do cinema do Morumbi Shopping, ao vivo e em cores, uma violência que só tinha visto nos filmes. Sentado na quinta fileira do cinema, ele viu de perto Mateus da Costa Meira entrar na sala e atirar contra os espectadores. Como na ficção, Renato se transformou em herói ao ajudar a imobilizar o atirador, enquanto os seguradores do shopping não chegavam.



DO LADO DE outro espectador que estava no cinema, o publicitário Renato (ao centro) e o cineasta Miguel (à direita) contam como foi a chacina durante o filme 'Clube de lutas'

— Aquilo que ele nunca deu a atrair, um rapaz baixinho pulou em cima dele e eu corri para ajudar. Quando dei uma gravata no cara, ele ficou mole e esperamos. Curiosamente, não reagiu e estava tranquilo. Não gritou, só murmurou para que saíssem de cima dele — contou Renato, que quebrou um dente ao se jogar no chão e se considera um homem de sorte por ter saído vivo.

O cineasta Miguel Beltrão Neto, de 20 anos, disse que correu o primeiro tiro, disparado por Mateus no banheiro. Mas pensou que se tratasse de uma pane no projetor do cinema.

— Quando o cara entrou na sala, achei que era uma pedada, uma câmara escondida. Ele não falava nada. Foi aí que percebi que a moça que morreu (Fabiana Lobato Freitas) me empurrou para o chão. Depois ela veio de falar, mas não vi sangue na minha calça, achei que tinha sido atingido, mas era dela. A moça foi meu escudo — contou Miguel, emocionado.

## Famílias das vítimas perplexas com a violência

Pais de fotógrafa culpam falta de investimento em educação e sociedade pela tragédia

• SÃO PAULO. Muito abaladas, as famílias de duas vítimas do atirador do Morumbi Shopping estão perplexas com a tragédia. Ainda assim, a família do economista João Maurício Zemaniti, de 28 anos, disse que vai rezar pelo estudante de medicina Mateus da Costa Meira, que metralhou a plateia na sala 5 do cinema. O estudante foi atingido na cabeça e morreu às 3h30 de ontem na Santa Casa de Santo Amaro.



PARIENTES E AMIGOS veem o corpo do economista João Zemaniti, atingido por um tiro no cabeça

— Quando o cara entrou na sala, achei que era uma pedada, uma câmara escondida. Ele não falava nada. Foi aí que percebi que a moça que morreu (Fabiana Lobato Freitas) me empurrou para o chão. Depois ela veio de falar, mas não vi sangue na minha calça, achei que tinha sido atingido, mas era dela. A moça foi meu escudo — contou Miguel, emocionado.

Antes do tiroteio, a avó de um personagem do filme O pássico André Senechal, de 25 anos, contou que Mateus entrou atirando na sala do cinema cinco minutos após a seqüência do filme em que o ator Edward Norton, protagonista de 'Clube de lutas', fala em metralhar o escritório: 'Se você me provocar, eu juro uma metralhada e vou matar todo mundo'.

— Não estou acreditando que isso está acontecendo com a gente. O chão me bilta. Parece um pesadelo. Não sei como vai ser agora senão eu e em casa — desabafou a mãe, que foi ao Instituto Médico-Legal (IML) liberar o corpo.

Júlio morava com o pai e a irmã, Ana, no bairro Alto da Lapa, na Zona Oeste. A família soube que ele fora baleado e estava hospitalizado às 2h da madrugada. Júlio morreu logo após a chegada da mãe e da irmã ao hospital.

Segundo Patrícia Ferro, amiga da família, Júlio completaria 28 anos no dia 20 de dezembro e era um aliecionado por cinema. Ele foi ao cinema acompanhado da ex-namorada Andréia Lang, também atendida. O corpo foi velado no Cemitério da Lapa e será enterrado esta manhã em São Caetano do Sul, no ABC paulista.

Muito chocada, a família de Fabiana Lobato de Freitas vê razões sociais para o crime e espera justiça. A mãe da fotógrafa, a professora Selma Freitas, disse que a tragédia foi consequência da falta de investimento em educação. — Minha filha não vai voltar mais. De governantes têm de se concentrar de que só com educação não veremos mais coisas desse tipo acontecendo — afirmou Selma. Já o pai de Fabiana, o geólogo Carlos Geraldo Luz de Freitas, disse que sua filha foi muo-

Fonte: Acervo O Globo (1999)

Na segunda página do caderno São Paulo, da Folha de S. Paulo, é feita uma abordagem explicativa sobre a metralhadora que foi usada no crime, com informações sobre a capacidade de disparos e restrições. Mas na parte superior da página, é exposta na coluna de opinião sobre o caso do atirador. Com o título de que "Já foi boa a terra da garoa", a colunista opina sobre a série de crimes que tem em São Paulo, "[...] nós temos tudo e mais um pouco: degolamos em rebelião de internato de jovens infratores, chacinas e agora, veja quanta modernidade, ganhamos até um serial killer de metralhadora semi-automática". Pela primeira vez, Mateus é referido como serial killer. Ela finaliza tensionando que nem mais o shopping oferece tranquilidade.

O jornal paulista traçou a rota do estudante antes do crime, na página 4 do caderno São Paulo, em que foi constatado que Mateus passou a véspera do ataque em um hotel e não usou álcool, além de ter saído sem ser notado. A operação jornalística reconstrói o quarto onde o atirador passou a noite que "antecedeu à matança do shopping", conforme o relato da camareira. Detalhadamente, o jornal

descreve: *“Meira consumiu seis refrigerantes, duas águas, um filé grelhado e seis chocolates Garoto. Não tomou cerveja nem deixou sinais de que tivesse consumido bebida alcoólica”*. A camareira que não sabia da ida da polícia ainda durante a madrugada, encontrou um quarto bagunçado:

*“Estava uma desordem. O colchão no chão e um ferro de passar roupas sobre a penteadeira. Tinha uma tesoura de ponta fina, algodão e gaze espalhados pelo carpete. Havia muitas pedrinhas parecidas com miçangas pelo chão e papéis parecidos com os de cartão de crédito. Eu limpei tudo com o aspirador”*.

A partir do relato, é possível deslumbrar a desorganização do quarto deixado por uma pessoa desvairada. O jornal também dá destaque às características generalizadas por pessoas que conviviam com Mateus, mas sem atribuir menção direta a fonte específica: *“Os estudantes que conviviam com ele e os vizinhos do prédio limitaram a descrevê-lo em poucas frases pontuadas de não: “quase não falava”, “não gostava de festa”, “não tinha namorada”*”. Ainda a atribuição de que o atirador era antissocial, conforme o funcionário da limpeza do prédio onde Mateus morava. Um estereótipo isolado, sem contato com outras pessoas e introspectivo é construído até o momento.

Na mesma página, a Folha traz uma breve entrevista com a prima do estudante, reforçando que ele não tinha amigos. Por último, há o relato da mãe de Mateus, em que se repetem as frases sobre ele ser um bom filho e de que um certo nível de nervosismo não justifica os atos. Além dessas, a Folha também fez entrevistas com familiares de vítimas.

Em termos de construção desse caderno dedicado ao crime, pelo menos nas matérias analisadas do mês de novembro, as vítimas não tem o mesmo espaço do que foi disponibilizado ao Mateus e toda reconstituição dos seus passos antes do crime, da sua vida pessoal e entrevistas com pessoas relacionadas a ele. O enquadramento jornalístico, no entanto, quando mostra as famílias, evidencia o luto, a tristeza e a insatisfação de não compreender as motivações. Como o exemplo de uma das manchetes da Folha, sobre o velório de Fabiana, uma das vítimas: *“Pai de garota morta nem pensa em justiça, ele só quer saber o porquê”*.

Já no O Globo, a chamada evidencia na manchete a frase *“Famílias das vítimas perplexas com a violência”*, e na linha de apoio, *“Pais de fotógrafa culpam falta de investimento em educação e sociedade pela tragédia”*. A mesma pessoa, o pai de

Fabiana fala que “sua filha foi morta não por um homem, mas por toda uma sociedade” e ressalta que a culpa está sob “[...] os traficantes de armas e drogas. Só quero saber aonde estão os responsáveis por esse crime. Quem deixou um doente como aquele ficar nas ruas?”.

É abordado pela Folha que drogas potencializam o surto psicótico, com a explicação de uma psiquiatra como fonte. Com alguns recortes da análise da médica, o jornalismo destaca que há duas possibilidades para o paciente que faz uso de drogas: aquele que “[...] já apresentou um distúrbio prévio, sob efeito da droga pode ter um surto mais forte. Mas, mesmo que não esteja sob efeito da droga, o uso frequente dessas substâncias pode tornar os delírios mais frequentes e mais sérios”. Explicando o que pode ter sido o caso de Mateus, antes de qualquer posição oficial. A reportagem também destaca que Mateus tinha deixado de tomar seu remédio antipsicótico, de acordo com o psiquiatra, e isso pode ter influenciado no crime. Na mesma página é trazido que o estado mental do agente criminoso pode reduzir a condenação e o Mateus poderia ser considerado semi-imputável, isto é, uma abordagem jornalística que se valida mais de uma perspectiva jurídica do que da saúde.

Figura 11 - Drogas potencializam o surto

# Drogas não causam doença, mas potencializam o surto psicótico

**PRISCILA LAMBERT**  
de reportagem Local

**Morte no Shopping**

O uso de drogas cada vez mais comum, como a cocaína e o crack, não provoca o aparecimento de doenças mentais, mas pode potencializar e aumentar o risco de ocorrência de surtos psicóticos.

Novos investidores Mateus da Costa Meira, que, segundo sua própria mãe, Cassio Nascimento Pitta, se possui um distúrbio mental — um quadro de esquizofrenia em que a pessoa tem mania de perseguição —, o consumo dessas drogas pode ter agravado o quadro, tornando os surtos psicóticos mais frequentes e mais violentos.

De acordo com o psiquiatra Harma Xavier da Sáveira, diretor do Proadi (Programa de Orientação e Assistência à Dependência), as drogas, com exceção do álcool, não causam doenças comportamentais violentas, mas podem desencadear quadros que estavam latentes. “Mas as drogas, mesmo álcool, e uma situação de estresse podem ser fatores agravantes”.

A cocaína e o crack levam o usuário a uma sensação de grandiosidade, euforia, irritabilidade e tremores, num quadro conhecido como psicose aguda.

Os sintomas podem variar de entre delírios e alucinações como “ruído” (de paranoia), quando apresentam praticamente um ataque de pânico, trançam portas e janelas e correm pelos corredores.

Hoje há possibilidades. O paciente que já apresentou um distúrbio prévio, sob efeito da droga pode ter um surto mais forte. Mas, mesmo que não esteja sob efeito da droga, o uso frequente dessas substâncias pode tornar os delírios mais frequentes e mais sérios.

**Delírios**  
O delírio persecutório é uma das características de um paciente

psicótico (que perde o contato com a realidade). A pessoa pode ter apenas o delírio da perseguição, como apresentar delírios auditivos e visuais.

O paciente cria uma fantasia — pensa que está sendo vigiado ou que alguém o está perseguindo — e acredita no que sente. Durante os surtos, pode chegar ao extremo de planejar atos violentos conscientemente, mas, depois, quando o surto acaba, normalmente se arrepende”, diz Altair Guerra de Andrade, coordenador do Gra (Grupo de Estudo de Alcool e Drogas), do Hospital das Clínicas de São Paulo.

A doença se desenvolve em surtos e geralmente se manifesta na adolescência.

A decisão de manter um psicótico internado é uma questão complicada. “Se a família tem condições de acompanhá-lo de perto não recomendamos a internação, mas um tratamento psiquiátrico interno”, diz o psiquiatra Mauro Menduante.

Os pacientes atualmente são tratados com drogas antipsicóticas muito modernas, que agem no sistema nervoso central. A medicação é muito forte e, por isso, deve ser ministrada apenas durante os surtos. Fora esses períodos, são utilizadas medicações mais leves.

Meira estava tomando um antipsicótico, mas suspendeu o tratamento por conta própria, o que, segundo médicos, pode ter facilitado o surto.

Alguns estudos científicos mostram que há maior incidência dessa doença em pessoas que têm antecedentes familiares.

Também estão em andamento pesquisas que apontam uma alteração bioquímica no cérebro dos portadores de distúrbios de personalidade.

Fatores emocionais, como os cuidados na primeira infância, o relacionamento afetivo entre mãe e filho e ambientes familiares desequilibrados são considerados fatores agravantes para pessoas predispostas.



O psiquiatra José Cassio Nascimento Pitta diz que Meira tem quadro de mania de perseguição

**Estado mental pode reduzir condenação**

de reportagem Local

Por causa do distúrbio mental que apresenta, o estudante de medicina Mateus da Costa Meira pode ser considerado semi-imputável pelo crime que cometeu.

Na linguagem jurídica, imputável é a pessoa que tem perfeita capacidade de entender as coisas. É responsável pelos próprios atos.

Já o semi-imputável é aquele que tem capacidade reduzida de entendimento, ou seja, não tem total consciência do crime que cometeu ou não tem controle completo de suas ações.

Uma pessoa que não tem nenhuma capacidade de entendimento e discernimento é considerada imputável. Nesse caso, ela é absolvida automaticamente e o juiz lhe impõe uma medida de segurança (internação em manicômio judiciário).

“Dificilmente Meira será considerado imputável. Ele fez vestibular e estava no 6º ano de medicina”, afirma o advogado criminalista Alberto Zacharias Torres, professor de direito penal da FUC de São Paulo.

Como Meira tem histórico de internação em clínica psiquiátrica, o juiz deverá solicitar exame de insanidade mental baseado em parecer de seu psiquiatra, José Cassio Nascimento Pitta.

Se for considerado semi-imputável, Meira deve ser levado a julgamento por um júri popular como prevê lei para homicídios dolosos.

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

Para fechar a edição do dia 5, que foi extensa, O Globo estampa em uma das páginas a afirmação do advogado de defesa que diz que Mateus está fora de si. Ponto a ser destacado é a caixa, à direita na página, dando uma breve explicação sobre esquizofrenia. Além do advogado, tem a análise de dois psiquiatras sobre Mateus. Uma das frases, destacada na parte superior da página, propõem a avaliação de que Mateus teria realizado o ataque para ser famoso. Neste sentido, retomo a explicação de Barros (2003, p. 24) que “os criminosos notórios, ou aspirantes a esse perverso estrelato, sentem-se satisfeitos e engrandecidos em seus egos com a repercussão na mídia de seus feitos”.

Figura 12 - Advogado opina sobre o atirador

Sexta-feira, 5 de novembro de 1999 • 2ª edição O GLOBO O PAÍS • 9

**MATADOR: Para psiquiatra, pessoas hoje podem matar até para aparecer: 'sou assassino famoso, logo existo'**

## Advogado de Mateus diz: 'Ele está fora de si'

Explicações de médicos passam por drogas, problemas psíquicos, ambiente familiar ruim e violência urbana

• SÃO PAULO. O advogado do estudante Mateus da Costa Meira, Eduardo Bizarro Carneiro, disse que trocou poucas palavras com seu cliente e que ele se mostrou perturbado, além de preocupado.

— Perguntei se ele premeditou o caso e ele disse que vivia um processo psicótico há sete anos. Parece que ele está fora de si, fora do estado normal.

• Carneiro afirmou que ainda não sabe como fará a defesa, mas poderá usar o desequilíbrio mental do cliente para alegar que ele não poderia ser responsabilizado pelo crime.

As explicações possíveis para a tragédia são várias. Para a psicanalista e psiquiatra Clara Helena Portella, o estudante assassino de São Paulo é um esquizofrênico que agiu durante um surto da doença, talvez desencadeado pelo uso de drogas.

— A maioria dos jovens esquizofrênicos é introspectiva, não fala com os outros, tem delírios de perseguição, manias de grandeza. Alguns casos raros chegam a estes atos de extremo ódio e violência.

Um amigo meu, o médico Rodolfo Rocco, foi morto este ano com vários tiros em seu consultório por um psicótico — disse Clara Helena.

O psiquiatra e psicanalista Marco Aurélio Jorge, vice-diretor do Complexo Psiquiátrico Pedro II, no Engenho de Dentro, disse que o ambiente violento da família e da cidade, além do fácil acesso a armas e drogas, aumenta as dimensões destes surtos.

— Todos nós temos traços psicóticos, mas nem toda a loucura leva à violência. Há formas belas e produtivas de loucura como a pintura, a música, a poesia. Mas o ambiente violento leva a surtos de violência.

Marco Aurélio Jorge comentou ainda que a sociedade contemporânea que trata as pessoas como objetos leva algumas delas a fazer qualquer coisa para que passem a existir, para aparecer.

— Nos Estados Unidos já se mata há muito tempo para ficar famoso. É a máxima "sou um assassino famoso, logo, existo". ■

**O que é esquizofrenia**

• É um tipo de transtorno psíquico que pode ser desencadeado por fatores genéticos ou afetivos. Segundo o psiquiatra e psicanalista Giovanni Gangemi, o esquizofrênico vive uma dissociação. Sua razão não se comunica com suas emoções. O mundo e as pessoas estão divididas entre bons e maus. Há fantasias de perseguição, mas o esquizofrênico também é vítima, em outros algoz. As fantasias básicas são de que o mal está no mundo e então o esquizofrênico tenta destruí-lo, ou o mal está dentro dele e por isso os outros tentarão destruí-lo. Num surto, o esquizofrênico dificilmente se mata. É mais freqüente que mate os outros.

Fonte: Acervo O Globo (1999).

### #DIA 3: 6 de novembro

Nas capas da Folha de S. Paulo e de O Globo, edição do dia 6 de novembro, foi publicada em um espaço secundário o pedido do pai de Mateus. Deolino Wanderley Meira pedia para que o filho fosse perdoado pelas famílias das vítimas. Na Folha, o caso teve espaço em sete páginas com reportagens, e no O Globo, duas páginas.

Para a Folha, o pai do atirador do shopping relata que previa problemas no futuro do jovem e que a família temia por isso. Na matéria da primeira página do caderno São Paulo, a fonte que fala ao jornal é o advogado da família e não o pai, que permaneceu ao lado do defensor, mas não se pronunciou no momento. A operação jornalística destaca a opinião dos policiais sobre o momento da visita de Deolino a Mateus, na delegacia, como “*um encontro frio*”.

Ainda, no caderno São Paulo, uma outra entrevista com o pai de Mateus foi publicada. Dessa vez, as declarações de Deolino foram obtidas pela Agência Folha, “durante o voo que o levou de Salvador para São Paulo”, na manhã do dia 5, em menos de um dia do acontecimento. Nesse momento, o jornalista consegue detalhar o semblante do pai do atirador, que viajou calado quase que todo percurso. Ele disse ao jornal que acreditava que Mateus tinha cometido o crime devido ao uso de drogas e que o traficante teria induzido o filho dele a usar as substâncias. Deolino disse que não sabia que Mateus usava drogas como cocaína e crack. Além disso, ele confirmou que Mateus era medicado por causa de problemas mentais. A produção do sentido construído a partir da fala do pai leva a crer que Mateus tinha distúrbios mentais, por causa de um histórico problemático evidenciado desde a adolescência, mas que o fator que desencadeou o crime foi a partir do uso de drogas.

Já para O Globo, Deolino responde rapidamente os três questionamentos: “Qual o sentimento de um pai num momento trágico com esse? O que o sr. pretende dizer ao seu filho quando encontrá-lo na delegacia? Depois de uma crise como essa, como está a sua saúde?”. Essa parte da fala do pai é destacada na página com uma retranca, uma espécie de caixa, com a cartola *Corpo a Corpo*, referindo-se ao encontro entre o pai e o jornalista de fato. Não há assinatura da produção do texto, o que deixa subentendido como as mesmas informações já descritas pela Agência Folha, durante a viagem de Salvador a São Paulo.

A reportagem conseguiu mostrar nitidamente o abalo do pai de Mateus. Para a segunda pergunta, Deolino falou: “Que eu realmente não esperava algo como aquilo. Mas como ele é meu filho, e como um pai sempre adora o seu filho, eu jamais vou desprezá-lo. Estou com ele para o que der e vier. Mesmo numa situação em que ele está errado”. Ou seja, Mateus é passível do amor paterno, independente da ação cometida.

No O Globo, o promotor do caso fala que a suposta insanidade mental de Mateus é apenas especulação e afirma que “parece que ele tinha capacidade de entender o caráter criminoso de seus atos. Não temos ainda nenhum dado concreto sobre doença mental”. Na mesma matéria, o advogado contesta que o crime foi premeditado e afirma que há sete anos Mateus sofria com o quadro da doença, que até o momento, não havia de fato sido explicada pelas fontes escolhidas qual era a doença, a não ser pelo próprio Mateus quando disse aos policiais que sofria com esquizofrenia e pelo seu psiquiatra quando disse que eram problemas de

personalidade. No enquadramento escolhido pelo O Globo, o termo *matador* se repete na cartola. Mateus passa a ser reconhecido, de forma que ocorre a repetição dos adjetivos utilizados para referência a ele, além de matador, como assassino e atirador. Mesmo que no primeiro instante fosse entendido o perfil de Mateus como doente mental e drogado, a construção evidencia mais a maneira calculista e fria, através dos discursos dos policiais e da justiça, do que da insanidade mental, consolidando um prejuízo midiático.

Figura 13 - Promotor acredita na sanidade mental do atirador

10 • O PAÍS

O GLOBO

3ª edição • Sábado, 6 de novembro de 1999

**MATADOR: Para a polícia, bilhetes encontrados no apartamento do estudante indicam premeditação do crime**

## Promotor: atirador sabia o que estava fazendo

Advogado anuncia que pedirá exame de insanidade para mostrar que Mateus não tinha consciência do crime

• SÃO PAULO. O promotor Norton Geraldo Rodrigues da Silva, encarregado de acompanhar o caso do universitário que metralhou a platéia do Cine Morumbi na noite de quarta-feira, considera que a suposta insanidade mental de Mateus da Costa Meira, por enquanto, é apenas uma especulação. Ele disse que vai trabalhar para que Mateus seja responsabilizado e punido pelo crime, que deixou três mortos e quatro feridos. O advogado do estudante, Eduardo Pizarro Carneiro, já decidiu que

val pedir o exame de sanidade mental de Mateus para delendê-lo. Mas, para o Ministério Público e também para a polícia, Mateus estava consciente de seus atos quando entrou no cinema e disparou.

— No momento, parece que ele tinha capacidade de entender o caráter criminoso de seus atos. Não temos ainda nenhum dado concreto sobre doença mental. A posição da promotoria é de puni-lo pelos crimes bárbaros que cometeu — disse o promotor.

Para o delegado Olavo Francisco, a compra da submetralhadora e o bilhete encontrado no apartamento de Mateus são fortes indícios da premeditação e da intenção do crime.

— Ele comprou a arma, saiu de casa, hospedou-se num hotel, foi ao cinema e atirou contra as pessoas.

A polícia vai fazer a reconstituição do crime nos próximos dias, antes da conclusão do inquérito, que tem prazo de dez dias.

Caso seja considerado mentalmente insano, Mateus não poderá ser responsabilizado pelos crimes que cometeu. Ele foi preso em flagrante e indiciado por homicídio doloso qualificado, lesões corporais e porte ilegal de arma.

O advogado de Mateus, no entanto, nega que o pedido de exame de sanidade mental seja uma estratégia de defesa. Segundo ele, a medida é necessária e inevitável diante do quadro. Carneiro disse que não há solução mágica para seu cliente porque, mesmo que seja considerado inimputável, terá de ficar internado numa instituição psiquiátrica.

— Se eu vier sustentar insanidade e inimputabilidade da pena, não será por estratégia de defesa. Para mim, são muito claros os indícios de que ele sofre de problemas psíquicos — salientou Carneiro, informando que conversou ontem de manhã com o pai do estudante para saber de seu histórico psicológico.

O advogado de Mateus contestou ainda tese de que o crime foi premeditado e de que o rapaz planejava matar há sete anos.

— Há sete anos, já no quadro da doença, ele afirmou ter pensado em matar alguém. Isso é muito diferente de dizer que há sete anos vinha planejando a tragédia que houve no shopping — afirmou Carneiro.

O resultado do exame resduográfico na arma usada por Mateus deu negativo. No entanto, segundo o delegado, não significa que o rapaz não estivesse com a arma porque era semi-automática, o que dificulta o teste. Além disso, pode ter havido falha na perícia da arma. ■

Fonte: Acervo O Globo (1999).

Ainda na edição do dia 6, no Folha de S. Paulo, a polícia afirma que Mateus retornaria ao shopping para a reconstituição do crime para a investigação analisar como sucedeu o fato. A narrativa evidencia mais o que a polícia já tinha de pistas sobre o caso e o que queria descobrir, destacando uma visão mais técnica e operacional da investigação e nenhuma marca da doença mental.

Seguindo as publicações da Folha, na terceira página dedicada ao caso, o jornal consegue uma entrevista exclusiva com Mateus (Figura 14), por meio de uma pessoa intermediária, que visitou o atirador, mas não foi identificada. Foram 17 questionamentos levados a Mateus, em que algumas perguntas agem de forma com que o estudante tenha respostas prepostas, mas o retorno tem alguns “*não sei*”. A abordagem tem um formato que encurrala Mateus, indicando a premeditação do crime. Além disso, a pessoa enviada pelo jornal conta quantas foram as vítimas fatais dos disparos de Mateus no cinema, assumindo um lugar inédito no caso ao levar uma informação nova ao criminoso. Dias depois, essa entrevista foi contestada pela

defesa, por não ter deixado explícito que as respostas foram anotadas pelo intermediador e não escritas por Mateus, de maneira direta. O jornal assume o erro.

Figura 14 - Entrevista da Folha de S. Paulo com o atirador

**SÍLVIA CORRÊA**  
da Reportagem Local

**Morte no Shopping**

(O sextoanista de medicina Mateus da Costa Meira não ouve, na prisão, as vozes que o mandam matar. É o que diz o estudante, em entrevista exclusiva por escrito a Folha.

Ele dizia ainda que não sabia que seu ataque havia causado a morte de três pessoas e ferido pelo menos outras cinco. Leia a íntegra da entrevista:

★

Folha - Por que você atirou contra a platéia?

Meira - Já havia pensado nisso.

Folha - Você ouviu vozes? O que elas diziam?

Meira - Que eu deveria matar.

Folha - Você ainda está ouvindo vozes?

Meira - Não.

Folha - Você acha que poderia ser solto ou mataria novamente?

Meira - Não pensei nisso.

Folha - Que pena você acha que merece?

Meira - Não pensei nisso.

Folha - Em que você está pensando desde que foi preso: na família, em seu futuro ou no crime?

Meira - Na minha família.

Folha - Por que você atirou contra o espelho?

Meira - Estava experimentando a arma.

Folha - Você sabe quantas pessoas morreram e quantas ficaram feridas?

Meira - Não.

Folha - Morreram três. Como você se sente tendo matado três pessoas?

Meira - Não sei o que falar.

Folha - O que você quer dizer para a família das vítimas?

Meira - Não sei.

Folha - Você tem raiva de alguém?

Meira - Não.

Folha - O psiquiatra disse que você não tem namorada nem amigos. Você não confia nas pessoas?

Meira - Não quero falar disso.

Folha - Você foi obrigado a fazer medicina? Por que não queria fazer plantão?

Meira - Não fui obrigado.

Folha - Por que você comprou a arma?

Meira - Não sei.

Folha - Por que você saiu de casa e foi para um hotel?

Meira - Não sei.

Folha - Por que saiu armado do hotel? Já planejava matar?

Meira - Sim.

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999)

Depois que Mateus diz que não ouve vozes na cadeia, a reportagem aborda que ele recusa medicamentos, pois quer permanecer consciente. Ainda é destacado que a defesa e a acusação discutiam sobre a sanidade do atirador. A defesa sustentava a importância de uma perícia psiquiátrica, enquanto a acusação dizia que o exame era desnecessário, pois era considerado que Mateus sabia o que estava fazendo.

Um recorte do jornalismo que reflete na construção da loucura de Mateus é a ênfase dada a uma informação do depoimento no qual o jovem diz que a droga o

colocava dentro de um filme, pois se sentia observado. O depoimento foi publicado na íntegra, mas, antes, o texto tem uma abertura jornalística com destaques, como a confissão de Mateus sobre estar usando cocaína há cerca de dois meses. O jornalismo forma sua própria análise do crime, quando coloca: *“A narrativa que Meira faz do crime é linear, sem contradições, contando em detalhes tudo o que fez na quarta-feira até entrar no cinema do MorumbiShopping e disparar com sua submetralhadora, matando três pessoas”*. Reforça os instintos doentios do depoimento como a alegação de Mateus por sofrer *“tendências agressivas e depressivas”* e que ele acredita que foi a falta dos medicamentos antipsicóticos que o levaram a uma crise.

A edição, em ambos os jornais, também aborda que a faculdade de Mateus não o expulsou, apenas fez a suspensão do estudante, que caso poderia acelerar o veto a comercialização de armas que seria votado no Congresso. Além disso, os jornais publicaram que o filme Clube da Luta foi substituído por uma comédia no MorumbiShopping no dia seguinte ao crime, ou seja, existia a culpabilização de que o filme foi um fator que influenciou o ato de Mateus. Mas a afirmação do cinema é que de que a mudança da programação estava prevista e não foi por causa do crime.

A Folha de S. Paulo e O Globo destacaram a reabertura da sala de cinema onde ocorreu o ataque. A reportagem volta, literalmente, à cena do crime. No O Globo, a operação jornalística destaca no título que o filme foi substituído por uma *“comédia para adolescentes em vez do Clube da Luta”*. Em ambas reportagens, é detalhado que a sessão tinha poucas pessoas e que as poltronas atingidas foram trocas e os buracos cobertos. Para enfatizar a curiosidade que o crime gerou nas pessoas, o jornalismo seleciona fontes para ouvir sobre a sensação de estar na cena do ataque. A Folha recorta alguns discursos dessa sensação para mostrar ao leitor: *“Só entrei nesse cinema por causa do horário. Dá um pouco de aflição. A gente fica sentindo um certo incômodo, pensando no que aconteceu aqui”*; *“Fiquei com muito medo. Cada vez que passava alguém, eu me assustava”*; *“O que contou foi a comodidade do horário, mas eu e meus amigos também olhamos para ver se tinha alguma cadeira baleada ou algo que lembrasse o crime”*; *“Não entraria nessa sala nem ferrando. O clima ainda está muito pesado e acho que é muito cedo para reabrir a sala”*.

O Globo conversa com estudantes que estiveram na sala e descreve que *“eles não escondiam que estavam mais interessados em ver o local do crime do que no*

filme”. É notável a espetacularização do crime, em que as pessoas vão até o cenário ver além do que já foi mostrado pela reportagem.

Figura 15 - Reabertura da sala de cinema

Sábado, 6 de novembro de 1999 O GLOBO O PAIS • 11

**MATADOR:** Segundo o shopping, o número de freqüentadores foi normal ontem

## Cinema reabre com comédia para adolescentes em vez do 'Clube da luta'

Curiosidade levou estudantes ao local da tragédia de quinta-feira à noite

• SÃO PAULO. A empresa Paris Filmes reabriu ontem a sala cinco no Cine Morumbi, onde na noite de quarta-feira o estudante de medicina Mateus da Costa Meira matou três pessoas e feriu outras cinco a tiros de metralhadora. O drama violento "Clube da luta" foi substituído pela comédia "American pie - A primeira vez é inesquecível". Na primeira sessão, apenas nove pessoas assistiram ao filme (a sala tem capacidade para 140 lugares).

A sala foi limpa, as 19 poltronas atingidas foram substituídas e os buracos das 40 balas foram cobertos.

Os estudantes do Segundo Grau Roberto de Oliveira, de 18 anos, Roberta Basile, de 19, e Thiago Carvalheira, de 18, foram os primeiros a comprar os ingressos. Eles não escondiam que estavam mais interessados em ver o local do crime do que no filme.

— Deu vontade de ver onde aconteceu aquilo e o pessoal morreu — disse Roberto.

Para Roberta, a curiosidade é maior do que o medo.

— Acho que não vou me sentir bem num lugar onde morreram três pessoas. Sozinha eu não vinha. Vou sentir um arrepio — disse.

O estudante Camilo Mota, de 14 anos, garantiu que não foi ao shopping para ver o local do crime. Já para a estudante Bianca Maluf, de 17 anos, que foi assistir ao filme com três amigas, o shopping deveria colocar detectores de metais nas portas.

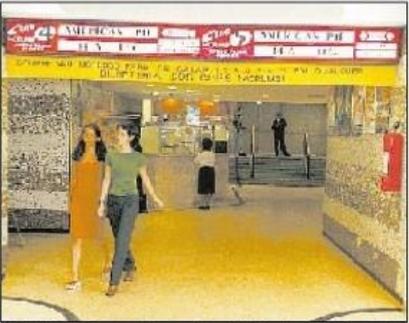
— Não tenho medo de que isso aconteça de novo, mas é melhor prevenir.

Segundo o shopping, o número de visitantes ontem foi normal. ■

**PARTICIPARAM DESTA COBERTURA:** Débora Ribeiro, Vanice Ciocari, Evandro Nogueira, Luiz Henrique Amaral (SP) e Waldomiro Júnior (Salvador)



A SALA 5 DO Cine Morumbi, onde na noite de quinta-feira um estudante de medicina matou três pessoas



AS SALAS 4 e 5, esta última também exibindo o filme "American pie"

Fonte: Acervo O Globo (1999).

### #DIA 4: 7 de novembro

No dia 7, no O Globo, é publicado que especialistas da violência estavam preocupados com a possibilidade de haver novos ataques no mesmo *modus operandi* de Mateus e retomam casos em que houve o efeito contágio, cuja repercussão influencia outras pessoas a fazer a mesma ação. É notável que, a partir do quarto dia de apurações, o jornalismo começa a buscar desdobramentos como, por exemplo, outros crimes e a ouvir especialistas diferentes do que são envolvidos no acontecimento. No dia, O Globo destacou apenas uma página para o caso do atirador.

Figura 16 - Efeito contágio

Domingo, 7 de novembro de 1999

O GLOBO

O PAÍS • 11

## Atirador: 'efeito contágio' preocupa especialistas

Após crime no cinema, estudiosos lembram que casos como a queima do índio Galdino se repetiram em série

Ronaldo D'Ercole

■ SÃO PAULO. Embora o Brasil se inclua entre os países com as mais altas taxas de criminalidade do mundo, ostentando uma taxa nada honrosa de 25 homicídios para cada grupo de 100.000 habitantes, ou cerca de 42.500 pessoas assassinadas ao ano, o caso do MorumbiShopping preocupa os estudiosos da violência pelo que eles chamam de "efeito contágio". Eles temem o risco de que a enorme repercussão do caso induza outras pessoas, por razões variadas, a repetir o gesto do universitário Mateus da Costa Meira. Ele metralhou uma platéia de cinema, matando três pessoas e ferindo outras cinco, aparen-

temente sem motivo algum.

— Isso (o "efeito contágio") aconteceu depois do caso do índio GaGaldino, vítima de um grupo de adolescentes que atearam fogo em seu corpo enquanto dormia, em Brasília, e com os incêndios em carros, que se espalharam pelo interior paulista — diz Túlio Kans, coordenador de pesquisas do Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Crime (Ilanud).

Múltiplo "shooting" começou com veteranos do Vietnã. Kans observa, ainda, que o caso do MorumbiShopping pode ser caracterizado como um múltiplo shooting (atentado em que um único atirador dis-

para contra várias pessoas em local público), tipo de homicídio pouco comum no país. Kans lembra que essa modalidade de crime começou na década de 70 com os veteranos da Guerra do Vietnã, nos Estados Unidos. Segundo o coordenador do Ilanud, de 1975 até 1997 houve 386 casos de múltiplo shooting, cerca de 18 por ano, o que faz dos americanos recordistas nesta estatística.

— Essa possibilidade realmente existe, mas não como uma onda com delitos um atrás do outro. Esse tipo de crime é típico de pessoas com características muito particulares — diz o psicanalista forense Guido Palomba.

Segundo Palomba, características como a ausência de ra-

ção plausível, a prática solitária, sem cúmplices, a multiplicidade de golpes, a voracidade e ausência de remorso são típicos de indivíduos vítimas de uma cisão psicopatológica com a realidade.

**Probabilidade seria menor que receber raio na cabeça**

Do ponto de vista estatístico, o coordenador do Ilanud diz que é mais fácil ser atingido por um raio do que sofrer um atentado como o do MorumbiShopping. Kans lembra que a maioria dos homicídios no país tem dinâmica diferente desse, e que mais de 80% são praticados com armas nacionais de baixo calibre (o estudante usou uma submetralhadora). ■



O ESTUDANTE MATEUS, autor dos disparos: tipo de crime raro no país

Fonte: Acervo O Globo (1999).

Na segunda edição da mesma página, O Globo substitui o espaço da matéria dos especialistas por uma entrevista com o irmão da publicitária, morta no ataque. O enquadramento mostra a revolta da família da publicitária Hermè Luísa, de forma que torna visível de que ela e sua família são passíveis do luto, pois são vidas dignas e que não poderiam ser destruídas. A reportagem traz a benevolência da vítima, que pediu, no passado, à família que doassem seus órgãos se lhe acontecesse a morte cerebral. A família, em nota, diz à imprensa *"que o Brasil vive uma guerra civil e manifestaram receio de que Mateus não seja punido pelo que fez"*. A operação jornalística faz um recorte de que a família não enxerga a doença no atirador como no trecho de que eles *"não vão aceitar sua internação num manicômio judiciário"*. O irmão da publicitária aponta Mateus como *um animal*, mas que ele sabia o que estava fazendo. Em relação ao velório de Hermè, a Folha de S. Paulo detalha que a família usava roupas brancas e que havia celebridades no cerimonial. As atrizes Glória Pires e Denise Dumont, amigas de infância da publicitária, prestaram homenagens.

Já na capa da Folha, do dia 7, é apresentada uma chamada sobre o caso do atirador em relação à esquizofrenia. O jornal publicou que *"Ação violenta é pouco comum"*, e que ao mesmo tempo é imprevisível, referindo que são poucos os casos de pessoas com problemas mentais que agem como Mateus agiu. A reportagem destaca que *"não existem características lineares de comportamento"* para adiantar que uma pessoa cometerá um crime, como o estudante fez. Não há fonte afirmando a colocação quando o jornalismo justifica que numa cidade como São Paulo, onde "as

*patologias são rotuladas como esquisitices*” e pelo desempenho escolar não afetado, a loucura de Mateus não tenha sido notada. Nas páginas internas, o tema é aprofundado por profissionais da psiquiatria.

Figura 17 - Ato imprevisível

São Paulo, Domingo, 07 de Novembro de 1999 **FOLHA DE S. PAULO cotidiano**  
[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

## **Ato violento é imprevisível**

da Reportagem Local

Identificar doentes que tenham todos os elementos para disparar o gatilho é difícil, não existem características lineares de comportamento e os atos são geralmente imprevisíveis.

As várias doenças do estudante Mateus da Costa Meira não foram percebidas pelos colegas de classe nem por seus professores, mesmo dentro dos muros de uma faculdade de medicina.

Numa cidade de personagens anônimos, as patologias muitas vezes são rotuladas de esquisitices. Como seu desempenho escolar não foi totalmente afetado, sua "loucura" passou despercebida.

"Há anos ele vinha sinalizando que estava doente, chegou a disparar um tiro no banheiro no cinema, mas não encontrou ninguém para dizer que não fizesse aquilo", diz Cecília Casali Oliveira, psicóloga da PUC (Pontifícia Universidade Católica) de São Paulo.

De acordo com o psiquiatra Jair Mari, da Universidade Federal de São Paulo, a solução para esse problema é um desafio entre os profissionais da área.

"Para tomar medidas preventivas teríamos de submeter uma quantidade grande de pessoas a uma série de restrições. Tudo isso para atingir aquela que realmente representa um risco à segurança da população", diz.  
(PL e AB)

Fonte: Folha de S. Paulo - Ato... (1999).

No título da primeira página do caderno São Paulo, é trazida a informação que *“é necessário um coquetel de perturbações para desencadear um acesso violento”* em adultos esquizofrênicos ou com outros distúrbios. A página seguinte segue com informações sobre as chances do envolvimento de pessoas com esquizofrenia com atos extremos são maiores, mas não é comum chegar ao assassinato. Além de especialistas, a matéria retoma pontos já mencionados pelo psiquiatra do estudante.

São quatro páginas dedicadas ao caso e desdobramentos com a visão da saúde, em que explicações sobre os principais distúrbios mentais e a diferenciação com o transtorno de personalidade antissocial, a psicopatia, com o exemplo do maníaco do parque, cujo caráter é frio, impulsivo e tem plena consciência de seus

atos. Há um quadro, na lateral da matéria, com a pergunta: “*Seu filho tem um distúrbio mental? Algumas atitudes podem ser indícios*”. A edição passa a retomar o caso com outro viés, agora, dando mais enfoque à saúde mental, a outros casos de pessoas que sofrem com esquizofrenia e seus pensamentos. Mesmo atribuindo importância ao assunto, o jornalismo consegue acionar outros sentidos e compreensões do leitor, como trazido anteriormente, um desses sentidos é a propagação do medo, como se o doente mental não tivesse tratamento ou até o temor de ter um filho que chegue a fazer o que Mateus fez.

Figura 18 - Distúrbios mentais

3 ■ 2 são paulo domingo, 7 de novembro de 1999 FOLHA DE S. PAULO

**RISCO Esquizofrênicos têm de 5 a 6 vezes mais chances de se envolver com a Justiça, mas assassinatos são raros**

# Surto desencadeia acesso de violência

de reportagem Local

A associação entre alguns transtornos mentais e a violência existe e é científica, embora os especialistas ressaltem que a incidência de atos extremos, como assassinatos, é muito pequena.

Entre os demais de variações desses transtornos, algumas se destacam como mais prováveis de apresentar risco de violência. Pessoas que sofrem de esquizofrenia se envolvem em problemas que acabam na Justiça com cinco ou seis vezes mais frequência que a população em geral.

“Mas raramente são atos tão violentos como homicídios, mas infrações menores”, afirma Jair Mari, professor titular de Psiquiatria da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo).

O esquizofrênico é aquele que tem surtos psicóticos com ideias delirantes — tem mania de perseguição, ouve vozes. É durante essas surtos que ele sente necessidade de agir contra os “perseguidores”, em alguns casos, violentamente. É esse o diagnóstico do es-

quizeiro Mateus da Costa Meira, segundo seu psiquiatra, José César Nascimento Pitta.

O esquizofrênico não consegue se relacionar adequadamente e suas ideias podem ser desagregadas — ou seja, em sua fala, as frases são soltas, embastalhadas.

A principal diferença entre o esquizofrênico e o paranoico é que este tem a personalidade mais preservada, não tem distúrbios afetivos nem pensamento desagregado. Ele tem delírios de perseguição e de ciúmes (quilo agride a mulher porque ela passou batom para ir à padaria).

Outro distúrbio que está relacionado à violência é o transtorno de personalidade anti-social, ou seja, o psicopata. Ele tem uma falta de caráter, é frio, impulsivo e, diferentemente dos outros, tem plena consciência de seus atos. É o caso, por exemplo, do motociclista Francisco de Assis Pereira, o “manaco do parque”.

A periculosidade é expressivamente maior, segundo especialistas, em um período de um ou dois transtornos mentais que seja dependente de álcool ou drogas, como a cocaína ou o crack — e dependência química é mais uma situação de distúrbio mental.

“As drogas e o álcool, mesmo para pessoas que não apresentaram entre os transtornos, são muito mais nocivos para a sociedade pelas distorções de percepção e agressividade que provocam”, diz Valterlei Geronzi, professor titular de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP.

Para isso, esses transtornos há tratamentos considerados eficazes, com medicação e acompanhamento psicológico, o que permite o controle dos surtos.

No entanto, esse controle fica prejudicado nos pacientes que não aderem ou que suspendem o tratamento por conta própria, como ocorre com o esquizofrênico. Segundo o psiquiatra da Unifesp, estima-se que 20% a 30% dos pacientes com diagnóstico de esquizofrenia estão sem tratamento hoje no Brasil. (FRISCELA LAMBERT e AURELIANO BIANCARIELLO)

### Seu filho tem um distúrbio mental?

Algumas atitudes podem ser indícios:

- Discursos defensivos, com argumentações de alguém que se sente perseguido
- Indiferença pelos sentimentos alheios
- Apego exagerado a atividades religiosas
- Dificuldade de manter relacionamento social
- Dificuldades de relacionamento sexual
- Desprezo a normas sociais ou obediência cega às normas
- Dificuldade de assumir culpa e responsabilidades e propensão para culpar os outros

### Os principais distúrbios mentais

**Transtorno de personalidade**  
O portador tem um distúrbio de caráter e é frio, impulsivo e tem plena consciência de sua atos (personalidade psicopática). Pode ser uma pessoa manipuladora, charlatã.

**Transtorno afetivo bipolar**  
Os pacientes têm fases de euforia intensa e de como os de depressão. Durante a fase eufórica, podem apresentar um quadro de instabilidade e ficam em situações de risco de suicídio.

**Esquizofrenia**  
Doença mental que provoca ideias delirantes, alucinações auditivas, dificuldades de relacionamento afetivo e desagregação do pensamento (ideias embastalhadas, ruptura de pensamento). Os pacientes têm uma distorção da sensação de prazer e vontade. Principalmente durante os surtos, pode haver comportamento de auto-agressão ou agressão aos outros. Os surtos se acentuam em pacientes jovens, com envolvimento com drogas e aqueles que não aderem ao tratamento.

**Dependência ao álcool e às drogas**  
Segundo especialistas, o abuso de álcool ou drogas excitantes, como cocaína e crack, são importantes fatores desencadeantes de comportamentos violentos.

**Crimes**  
Pacientes sofrem delitos que podem ser de quatro tipos: perseguição (mania de perseguição), de ciúmes, de grandeza e delírios religiosos múltiplos. A doença pode causar também alucinações auditivas. Mas o indivíduo paranoico não tem desagregação de pensamento nem distúrbio afetivo como o esquizofrênico. Sua personalidade é mais preservada.

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

Na terceira página, a cartola traz a descrição de um paciente de esquizofrenia que “*relata delírios e afirma que teme perder o controle de sua consciência*”. A reportagem destaca que quem sofre de esquizofrenia tem “*oscilações de humor, ouvem vozes, sentem que estão sendo observadas e perseguidas e que seus pensamentos são lidos*”. E segue atribuindo características a personalidade de quem tem esquizofrenia “*conversam com objetos e, muitas vezes, sentem o corpo coçar, arder e doer*”. A operação tenta construir um perfil que seja parecido com as descrições de Mateus, mesmo que atribua em algumas frases características estereotipadas, há a intenção de comparar o relato de um paciente para os leitores entenderem a cabeça do atirador, se ele é o doente que alega ser.

Na quarta página, há a informação de que Mateus está sendo medicado, na cartola, e que dormiu bem, mas acordou ansioso. A operação mostra no título a preocupação do profissional que acompanha o atirador sobre a possível tentativa contra sua vida, o título é *“Psiquiatra teme suicídio de estudante”*. Nesse recorte, Mateus volta a ser estudante, termo que condiz com a construção de toda edição, sobre a doença e os reflexos na personalidade. Há o criminoso, mas existe também o estudante doente, que acorda bem ou, às vezes, irritado e nervoso na delegacia. A seleção do jornalismo em relação às fontes, priorizou o médico, mas adiante, a fala do profissional é confirmada pela do advogado de defesa que alega que não será passado mais detalhes da *“situação psicológica”*. O advogado aparece novamente, com a afirmação de que não tinha a intenção de pedir a soltura do rapaz e que era *“melhor mantê-lo sob a custódia do Estado”* dada a gravidade do crime e a *“dúvida sobre a integridade mental”*.

#### **#DIA 5: 8 de novembro**

Há uma gradativa perda de interesse que se manifesta na perda do privilégio do destaque, logo, isso se desdobrará no gradativo apagamento do caso ao longo do tempo. Assim, a publicação do dia 08, quinto dia após o crime, em ambos jornais, é dedicado apenas uma página. No O Globo, o caso não é nem o principal da página, sendo o secundário entre a principal e uma terceira. Entende-se que já não há novidades a ponto de render mais espaço. A publicação refere-se sobre a reconstituição do crime, cujos advogados de Mateus, citado como atirador do cinema, são contra, pois já houve provas o suficiente com o depoimento do estudante e das testemunhas. Na mesma sequência, há a informação de que Mateus estaria curioso para saber se iria para o Complexo do Carandiru. No final do texto, há um parágrafo sobre o menino que recebeu o fígado da publicitária morta no atentado, que não resistiu. Nota-se a procura por assuntos relacionados ao crime, mesmo que não diretamente ligados à Mateus, para que seja reforçado as dores mesmo após a detenção do atirador.

O menino, de dois anos, que sofria com cirrose e morreu após o transplante foi a chamada da página dedicada ao crime na Folha. Na cartola, remetem Mateus como franco-atirador, o adjetivo caracteriza-o um atirador exímio, como se ele tivesse acertado o menino que nem estava na cena do crime.

Figura 19 - Foto de arquivo do atirador

4 ■ 4 são paulo segunda-feira, 8 de novembro de 1999 FOLHA DE S. PAULO

**FRANCO-ATIRADOR** Garoto tinha cirrose e foi receptor do órgão da publicitária morta em tiroteio no MorumbiShopping

## Morre menino que recebeu fígado

CLÁUDIA COLLUCCI da Redação

O menino Leonardo de Jesus Francisco, de 2 anos e 4 meses, morreu na manhã de ontem após ter sido submetido a um transplante de fígado.

Ele recebeu parte do órgão da publicitária Heróia Lúcia Jatebá Vaidos, uma das vítimas fatais do franco-atirador que deixou três mortos e cinco feridos na noite de quarta-feira, numa sala de cinema do MorumbiShopping.

Além de Leonardo, outras três pessoas receberam órgãos da publicitária, que foi a terceira vítima fatal de Mateus da Costa Meira, 24. Meira, ortomolista de medicina, está preso no 99º DP (11ª zona policial).

Segundo a assessoria de imprensa do Instituto de Ciência do Hospital das Clínicas, a cirurgia teve início às 13h30 de ontem e terminou às 23h. A morte ocorreu às 6h30 de ontem e foi provocada pelo não funcionamento do fígado transplantado.

O menino já nasceu com uma doença chamada stressa (restrição) dos vias biliares, que evitou para uma cirurgia hepática.

Nos últimos quatro meses, ele só se alimentava por meio de sondas. O transplante era a única chance de cura.

Por se tratar de um órgão regenerativo, o fígado pode se recompor e a saúde do bebê melhorou.

**Morte no Shopping**



O estudante Mateus da Costa Meira (à esq.), com colegas em competição esportiva há três anos

**Defesa pode tentar barrar reconstituição**

da Reportagem Local

Os advogados de defesa do estudante Mateus da Costa Meira, autor dos disparos que deixaram três mortos e cinco feridos em um cinema do MorumbiShopping (zona sudoeste de SP), podem tentar impedir na Justiça a reconstituição do crime.

A polícia anunciou a intenção de fazer esta semana a reconstituição do crime, ocorrido na última quarta-feira.

No entanto, um dos advogados que defendem Meira afirmou ontem que não há motivos para que ela seja feita.

"Não vejo necessidade de fazer a reconstituição. Já não se sabe como foi o fato? Já não houve confissão", disse ontem o advogado Roberto Soares Garcia, em frente ao 99º Distrito Policial, após visitar seu cliente.

Garcia não quis falar sobre o motivo que pode levar a defesa a barrar a reconstituição. Questionado sobre uma possível preocupação quanto ao estado psicológico de Meira, ele disse não saber avaliar. "Não sou psiquiatra."

O advogado esteve no 99º DP para levar livros e revistas por Meira. O estudante foi acusado de ter cometido o crime que ci matou, pois não recebeu os alívios dos remédios que abrandam o sono.

Garcia opôs por revistas e variedades e dois livros com críticas de Meira (Faria e José Ubaldino Ribeiro). "Em princípio, ele estava tranquilo e calmo e disse que tinha conseguido dormir em razão dos medicamentos que está tomando", disse Garcia.

Segundo o advogado, a única pergunta feita por Meira foi de uma vez foi sobre a possibilidade de ele ser transtornado.

Na semana passada, a polícia chegou a avaliar a possibilidade de ele transtornado, devido à sua postura revoltosa de outros presos.

Até agora, os três presos do delito têm se mantido tranquilos, disse o delegado Fábio de Almeida Akelata.

Segundo os policiais, Meira passou o dia calado em sua cela, não fez nenhuma pedido e social e tomou seus medicamentos regularmente, às 20h em momentos em que não havia os carcereiros, que em minutos seguindo instruções do médico do estalante.

LIADÃO CARLOS SILVA

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

Como matéria secundária, também é trazido que a defesa tentava barrar a reconstituição do crime. Além disso, são passadas atualizações sobre como está Mateus pelo advogado e pelos policiais, que afirmam que ele não lê sobre o crime, passa a maior parte do dia calado e toma seus medicamentos regularmente. A impressão trazida é de que o atirador está sob controle emocional e não tem se alterado, apesar da revolta existente na delegacia onde ele ficou preso.

Ao longo do mês de novembro, as reportagens foram se dissipando entre os dias, trazendo esporadicamente novidades da investigação. Como o resultado do teste toxicológico, informado pelo delegado responsável pela investigação no dia 12, no qual atestou que Mateus agiu sob o efeito de cocaína durante a ação no cinema, que novamente compôs a capa. Contudo, o desaparecimento gradual do caso é notável. Neste sentido, o recorte deste trabalho, nesta primeira temporalidade dá conta destes primeiros cinco dias. Isto não significa que outras reportagens importantes não tenham sido feitas no período subsequente, apenas não integram o corpus por uma questão: o foco é demarcar o enquadramento do criminoso frente a loucura o que já ocorre nesse conjunto ora exposto.

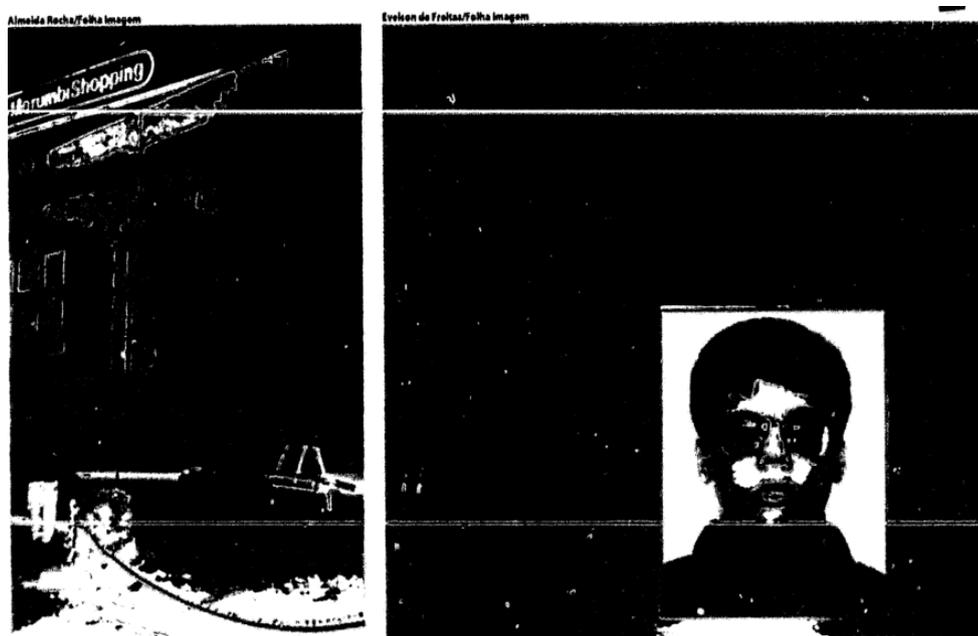
### 5.1.2.1 A Dimensão Imagética do Crime

Neste tópico, ao observar a dimensão imagética composta pelas fotos, infográficos, legendas e a relação construída com o texto, a organização será por veículo e pelo dia da publicação, seguindo o recorte dos primeiros cinco dias de repercussão do crime.

#### #DIA 1: 4 de novembro

Folha de S. Paulo – Na capa da edição foram publicadas duas imagens. Devido a qualidade disponível no acervo online da Folha de S. Paulo, não é possível completa compreensão do que aparece nos recortes. São duas fotos colocadas lado a lado, sendo uma da fachada do MorumbiShopping, em que o letreiro é mostrado para que o leitor reconheça o local do crime, com uma viatura de polícia na frente. A outra é uma foto detalhe da carteira de identidade de Mateus, ou seja, houve um crime cujo atirador já foi identificado.

Figura 20 - Foto da identidade é usada na capa

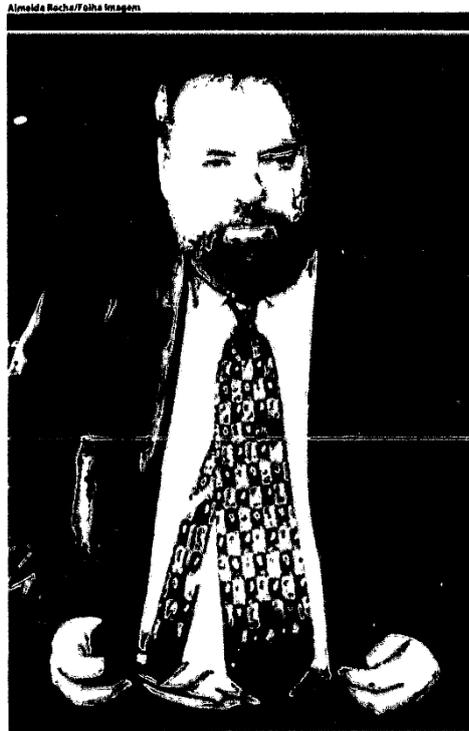


A polícia no MorumbiShopping, depois que o estudante Mateus Meira (destaque) abriu fogo em cinema com metralhadora  
Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

A segunda imagem vinculada ao caso publicada pela Folha, foi uma foto do secretário de Segurança Pública de São Paulo, Marco Vinicio Petrelluzzi, na 96ª Delegacia de Polícia do bairro do Brooklin, após crime cometido pelo estudante em cinema. Ele foi o porta-voz oficial das primeiras informações do ataque, após ter o

depoimento do atirador. Na matéria, o jornalismo usa apenas o discurso do secretário, então a imagem é mais ilustrativa para que o leitor conheça quem é que fala. No texto há um pequeno mapa que mostra a localização do shopping, sem destaque.

Figura 21 - Porta-voz do crime



O secretário da Segurança, Marco Vinício Petrelluzzi, no 96º DP

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

O Globo – Não há nenhuma imagem, possivelmente pela falta de tempo entre a apuração e publicação.

### **#DIA 2: 5 de novembro**

Folha de S. Paulo – Duas fotos, lado a lado novamente, são colocadas na parte superior da capa junto da manchete: “*Atirador do shopping planejou ato por 7 anos*”. Na imagem à esquerda, Mateus é conduzido por um polícia na delegacia, conforme se pode observar na Figura 22. Essa imagem tornou-se referência, pois, passados os anos, ela retorna, como será visto adiante. O estudante com os braços para trás aparece de cabeça baixa, sem olhar para o fotógrafo, sendo esta a primeira imagem do momento presente do atirador, ou seja, não é uma foto de outra foto, como a identidade. O destaque não é apenas o criminoso, o jornal traz a imagem do pai de Fabiana, fotógrafa vítima dos disparos. A foto é posicionada de uma maneira que

pareça que os olhos do pai de Fabiana se direcionem ao estudante que matou sua filha. Mesma altura e mesmo enquadramento fotográfico americano.

A página ainda dá destaque a outras duas fotos na capa, sendo uma da ex-namorada de uma vítima, em lágrimas, e uma de Leonardo Vidal com a mão na testa, mostrando consternação. Ele foi um dos espectadores que agiu como “herói” ao deter Mateus na sala de cinema. Ambas possuem o mesmo ângulo e enquadramento próximo do rosto, que evidencia as emoções do momento.

Figura 22 - Imagens da capa da edição de 5 de novembro

O estudante Mateus da Costa Meira, que está preso no 96º DP; à direita, o pai de Fabiana Freitas, morta no tiroteio

## Atirador do shopping planejou ato por 7 anos

O estudante de medicina Mateus da Costa Meira, 24, que matou três pessoas e feriu cinco em cinema de São Paulo, anteriormente, afirmou que pensava em fazer isso havia pelo menos sete anos.

Meira disse à polícia que o crime — cometido em uma sala do Morumbi Shopping, com uma metralhadora — seria uma forma de se livrar de vozes que ouvia e de perseguidores imaginários.

Em sua casa, foram achados bilhetes com as frases “mídia, realidade, sociedade hipócrita” e “isso é efeito da droga, não sou assim”. Para a polícia, isso pode provar que o crime foi premeditado.

A arma usada é uma Colt 9mm, feita nos EUA, de uso restrito do Exército. Meira afirmou que a comprou no dia do crime, do ex-condenado Marcos Santos, que também está preso. São Paulo

### Nossa civilização está fundada no mal-estar

CONTARDO CALLIGARIS  
Colunista da Folha

Existe e é opacante um modelo de explosão assustadora específica à cultura ocidental contemporânea.

Os assassinos são todos rapazes e homens jovens de classe média. Eles estão no gênero e na hora de se tornar alguém. É notes que hoje a novidade patológica de nossa cultura.

Todas as civilizações produzem algum mal-estar, mas a nossa é a única que está fundada no mal-estar. Pág. 3-8

Andréia Lang, ex-namorada de uma vítima

Leonardo Vidal, que ajudou a render Meira

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

A primeira página do caderno São Paulo apresenta três imagens dispostas como uma espécie de montagem, acompanhando o título: “Atirador que matou três planejava crime desde 92”. À esquerda e vertical, Mateus é conduzido por policiais após prestar depoimento na delegacia, em São Paulo. Novamente, o atirador aparece de cabeça baixa, com policiais ao seu redor. As fotos que ficam à direita da montagem são das famílias das vítimas. O enquadramento próximo dos enlutados tenta mostrar

a dor da perda dos entes. Ao mesmo tempo que dá enfoque ao atirador, o jornalismo destaca os passíveis de luto.

Figura 23 – Montagem coloca atirador ao lado dos enlutados



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

A partir do segundo dia após o crime, a Folha passa a usar um tipo de selo nas páginas dedicadas ao crime, criando um símbolo presente na construção das reportagens sobre o caso. Na Figura 24 se pode observar o selo que leva a frase “*Morte no Shopping*” com uma arma, possivelmente uma submetralhadora, que devido a qualidade da página não fica claro, tornando o objeto um código de referência ao crime. A figura é publicada ao longo das páginas em um espaço dentro da primeira coluna, no primeiro parágrafo dos textos.

Figura 24 - Selo da cobertura do caso



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

A partir do segundo dia após o crime, a Folha passa a usar um tipo de selo nas páginas dedicadas ao crime, criando um símbolo presente na construção das reportagens sobre o caso. O selo leva a frase “Morte no Shopping” com uma arma, possivelmente uma submetralhadora, que devido a qualidade da página não fica claro, tornando o objeto um código de referência ao crime. A figura é publicada ao longo das páginas em um espaço dentro da primeira coluna, no primeiro parágrafo dos textos.

Figura 25 - Delegado mostra submetralhadora

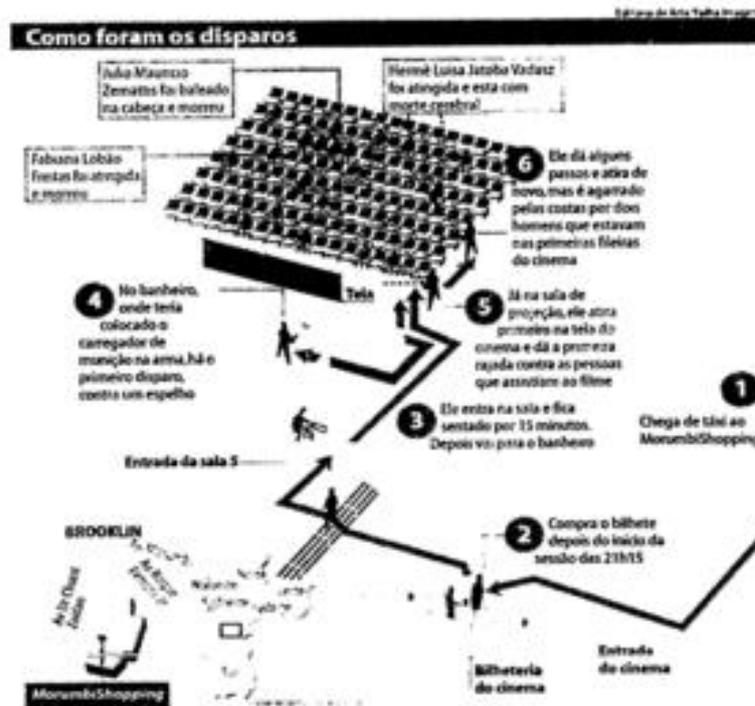


O delegado Olavo Francisco, do 96º DP, mostra a arma usada pelo aluno Mateus da Costa Meira

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

A terceira página traz um elemento novo, uma arte que mostra como foram os disparos. A imagem remonta a sala de cinema e demarca os acontecimentos por ordem cronológica, ou seja, o jornalismo explica exatamente como aconteceu o crime, passo a passo. A arte é colocada ao lado do texto que traz informações sobre como Mateus obteve a arma com o traficante, que também lhe fornecia drogas e foi seu motorista antes do crime. É como se fosse construído o caminho entre a compra e o objetivo executado.

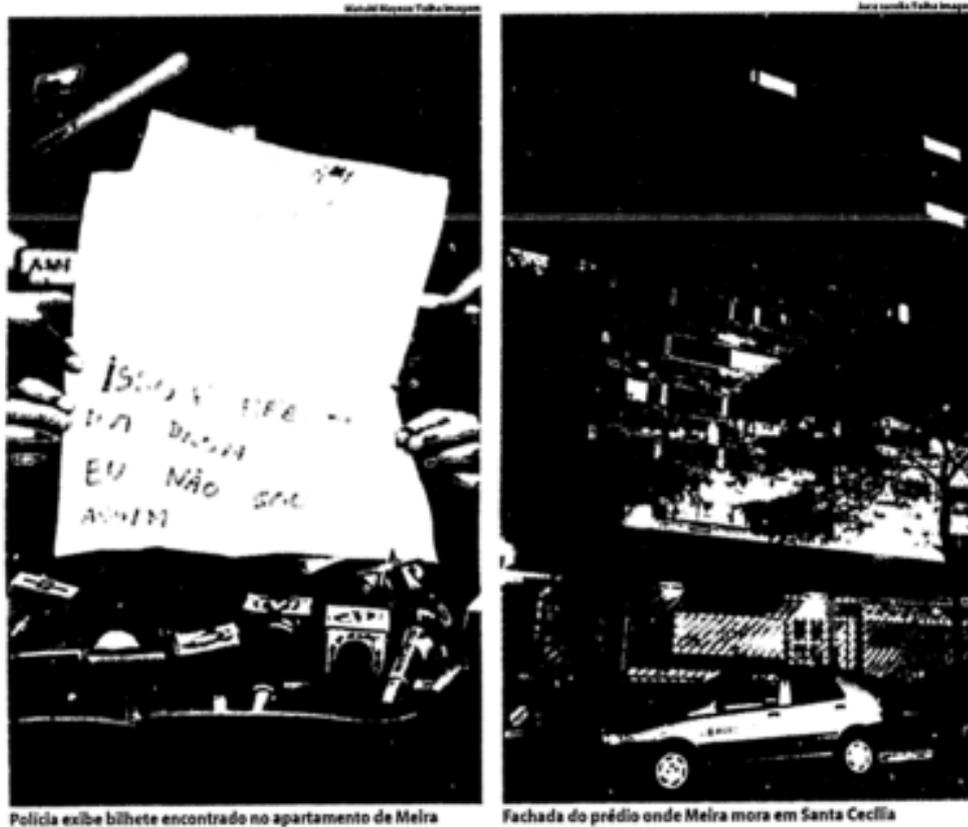
Figura 26 - Como foram os disparos



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999)

Na quarta página, duas fotos são colocadas em destaque com o mesmo tamanho. Uma delas é o bilhete encontrado na inspeção da visita ao apartamento do atirador, conforme a legenda descreve. O bilhete é segurado por três mãos para que fique exposta a frase *“Isso é efeito da droga. Eu não sou assim”*, em um cenário de coletiva, pois vários microfones aparecem abaixo do papel, que é enquadrado no centro. Ao lado, conforme a legenda, é a *“fachada do prédio onde Meira mora em Santa Cecília”*, na capital paulista. O endereço do jovem se torna público. O título acima das fotos destaca que o estudante não dormiu em casa antes do crime e que não usou álcool, ou seja, não era a bebida o atenuador da situação e o bilhete é elemento que prova isso. Ainda na página, é apresentado o rosto do advogado de Mateus, mesmo que as matérias chamem pela mãe e prima do atirador, a imagem remete ao defensor. O que também deixa subentendido não houve a possibilidade de fotos com as duas familiares que aparecem no texto.

Figura 27 - Bilhete escrito à mão e endereço do atirador são revelados



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

Figura 28 – Advogado representa a família



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

Na quinta página, novamente, o jornal apresenta a reconstrução do crime em ilustrações desde o momento em que o estudante adentra a sala de cinema com a submetralhadora em uma bolsa até ser contido pelos seguranças do shopping. Por meio das ilustrações, o jornalismo revive o acontecimento, já que era impossível uma

testemunha ocular em cena. A montagem feita a partir do depoimento de Mateus, é colocada ao redor da reportagem que recorre a descrição dos momentos pela visão de três espectadores e suas impressões a ouvirem os primeiros disparos. A diagramação da página permite ao leitor compreender o horror do momento acompanhando cada movimento de Mateus, nos três minutos da ação.

Figura 29 – Passo a passo do crime

# “O assassino olhava para a gente, olhava para o filme e atirava”

**da Reportagem Local**

O estudante Mateus da Costa Meira entrou na sala de cinema de Mourum bishopping quase sem ser notado. Lá, sentado de um sujeito apareceu do lado esquerdo da tela. Vi ele parado, olhando para a platéia e para o filme, para a platéia e para o filme. Cheguei a pensar “O que essa cara está fazendo?” Eu não via nada na mão dele”, lembra o jornalista Renato Lucena, 21. “De repente, ouvi um estorrido.”

Meira havia dado o primeiro disparo. Ele atirou para cima, acima e para o lado da tela e disparou mais”, afirmou o administrador de empresas Leonardo Vidal, 25.

“Estava bem na cena em que um dos personagens diz que o chefe dele não pegava mais leve, ele lá metralhando todo mundo. Chegou a rir. Pensei que era pagodinho, botocadeira de programa de televisão. Daquelas de mau gosto”, disse Miguel Beltran Neto, 24, estudante de direito.

“Chei muito sus sus sus sus. Mas só percebi o que era quando soltei sangue em mim”, promete Beltran Neto.

As pessoas que estavam sentadas na primeira fileira se abalaram. Quem estava nas outras fileiras seguiu o movimento. Alguns se jogaram no chão.

“Já tinha gente ferida na minha frente. Meia hora passou um monte de coisas pela minha cabeça. Minha mãe tinha me dito que combata com dentes e que não significava que alguém ia morrer. Pensei: ‘Sou eu’”, disse Beltran Neto. “A moça que estava ao meu lado me passou. Abalhei, e ela ficou quem era cima de mim.”

Antes disso, os espectadores ouviram os estorridos em silêncio. “Ninguém falou nada, não houve gritaria. Ficou um silêncio enorme. Só se ouviam os tiros”, afirmou a engenheira Vanessa Maya, 30. “Aí meu marido falou bobagem: ‘Fui atingido’. Foi pra ele ficar calmo, mas eu tremi.”

Antonio Martins, o marido de Vanessa, foi atingido por estilhaços e teve ferimentos leves. “O assassino olhava para a gente, olhava para o filme e atirava. Sempre de cima”, disse a engenheira.

“Os primeiros feridos atingiram mortalmente. Tinha stênis com tiros na cabeça. “Estavam todos perto de mim. Uns na frente, outros ao lado. Foram caídos”, afirmou Leonardo Vidal.

Alguns minutos depois, os tiros pararam. O filme continuava a rolar na tela. “Eu arrastei até a quinta fileira, onde eu estava”, disse Lucena. “Tive um pauzete e atirou mais”, lembra Vanessa. “Foi mais fúria, mais estorrido e choro de pólvora”, promete Lucena. “Eu dei péssimas. Eu não sabia entre os cadáveres porque sou grande. Queria ser pequenininho naquela hora.”

Muitas pessoas se arrastaram pelo chão, tentando alcançar o fundo da sala. “Eu e o irmão que me passou nos arrastamos para o lado oposto ao dos tiros. Achei que, em movimento, era mais difícil para ele nos acertar”, disse o estudante Beltran Neto. “Mas uma bala o corpo dele parou.”

“De repente, alguém gritou: ‘bomba, bomba’, correu Vanessa. Começou a correria. “Cafaram meus documentos, minha bolsa. Fiquei no péssimo.”

Beltran Neto também saiu correndo. “Fiquei a minha perna de bala da mulher e perdi todas as coisas. Já tinha gente tentando segurar o assassinato. Foi o filme.”

As pessoas saíram por cima das cadeiras, gritando que havia feridos. Não dava para acreditar”, disse Lucena, que também correu para render o estudante. Mas se entendeu, sem reação. Aos sussurros, só dizia: “Nôôôôôô.”

“Vá a casa dele. Esse cara de bom aluno, um bobão. Deve ter visto como os caras ficam famosos nos Estados Unidos fazendo essas locuras e pensou: ‘Como isso não me acontece no Brasil, vou ser o próximo?’.”

Com Mateus morto, os seguranças do cinema chegaram, e as luzes foram acesas. Poucos espectadores ainda permaneciam na sala. A maioria estava encoberto de sangue.

Beltran Neto viu que sua mãe estava entangulada. Pensou que havia sido baleado. Mas não sentia dor. “Aí pensei: ‘Foi a moça que me passou’. Corri para a direção dela. Estava caída. Nem reagiu. O marido também estava ferido, mas ficava tentando fazer da conta. Gritava: ‘Ajudem a minha mulher!’.”

Caí na cabeça, ainda no chão, e chorava escondido. “O cara que estava na frente da minha fileira também estava caído. Coloquei a mão na cabeça dele e disse: ‘Calma, cara. Vamos te socorrer’. Mas ele não reagiu”, diz Leonardo Vidal.

Beltran Neto também se aproximou do corpo. “Virei o rosto dele. Os olhos tinham um furo. Nem entendi. Ele levou um tiro no olho. A Polícia Militar foi a última a chegar. Só encontramos poltronas perfuradas, sapatos e bolsas espalhados pelo chão.”

Os bombeiros chegaram em seguida, para carregar os mortos e feridos. A Polícia Militar foi a última a chegar. Só encontramos poltronas perfuradas, sapatos e bolsas espalhados pelo chão.

(JULIANA CORRÊA, OTÁVIO CABRAL, DENISE CRABATO e MÔNICA BERGAMINI)

1. O estudante Mateus da Costa Meira estava à polícia que, na tarde de quarta, compareceu a uma subestação, e saiu de uma loja e pertencente à cidade de São Paulo. Foto: Divulgação/Shopping

2. Meira entrou na sala 5 do cinema com a bolsa e se sentou em uma das primeiras fileiras. Momentos depois, foi ao banheiro, onde disparou contra um espectador.

3. Em seguida, cambaleou de volta para a sala, onde entrou pelo lado esquerdo da tela, já empunhando a submetralhadora.

4. Meira cambaleou junto à tela e atirou para cima. Depois, disparou na direção das primeiras fileiras se abalaram. Muitos pensaram que era uma “pagodinha” e começaram a ver o filme.

5. Um espectador vê de boca aberta da tragédia quando um pouco de sangue espurta nele. A projeção continuou e a sala ainda estava escura. Ninguém moveu os olhos do lado de fora devido ao tratamento acústico do cinema.

6. As pessoas começaram a se jogar no chão e as poltronas, todas com o sangue de Meira, foram sendo seguras e... atiradas. Outros três alunos: Beltran Neto, Renato Lucena e... também assistiram a embalar o corpo de Meira.

7. Um espectador das primeiras fileiras se abalou. Outros três alunos: Beltran Neto, Renato Lucena e... também assistiram a embalar o corpo de Meira.

8. Meira tentou agarrar o assessor dormido e foi caído pela telão.

9. Os seguranças chegaram depois e entregaram Meira à polícia.

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

Seguindo as publicações do caderno no dia 5, na página 7, o jornal dá destaque aos velórios das vítimas fatais. Em enquadramento próximo, em plano americano, a foto com tamanho maior mostra a irmã de Fabiana com os braços por cima do caixão. Abaixo, outra foto, desta vez dos familiares do economista Júlio. A imagem foca na ex-namorada, Andréia Lang, a mesma da capa, chegando ao velório. O

enquadramento mostra movimento de Andréia com o apoio de um homem e também um tipo de bengala sendo usado, na legenda é informado que ela estava no cinema e foi atingida por disparos. Nem a irmã de Fabiana, nem Andréia, ambas foco das fotos, deram entrevistas nesse dia.

Figura 30 - Enterro de Fabiana Lobão



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

Figura 31 - Enterro de Júlio Zeimaitis



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

O Globo – O jornal, em sua edição de 5 de novembro, apresenta o crime na capa com três imagens significantes. A maior, colocada à esquerda, mais próxima do título, mostra Mateus sentado, rodeado por policiais, com o olhar direcionado para

baixo, sendo a legenda da foto, colocada abaixo da imagem, a descrição do acontecimento. No entanto, assim como no texto, a legenda denota o estudante como uma pessoa fria em relação a emoções: “FRIO. Mateus da Costa Meira presta depoimento após ser preso”. A legenda também reforça o enquadramento da imagem, que mostra Mateus no centro e atrás das grades, de fato, preso.

Ao lado, duas imagens horizontais dividem espaço. Acima, a foto mostra o que se repete na legenda: “EMOÇÃO: PARENTES choram no enterro de Fabiana Lobão”. Abaixo, é a imagem da submetralhadora usada pelo atirado no crime. O objeto é segurado por uma mão, dando a impressão de que está sendo apontada para um alvo, uma possível reprodução do que foi feito por Mateus na sala de cinema. Havia a possibilidade de que as vítimas tivessem o enfoque maior na capa, mas, ao que indica, o crime e o criminoso são mais chamativos editorialmente.

Figura 32 - Imagens da capa edição de 5 de novembro de O Globo



Fonte: Acervo O Globo (1999).

Na página seguinte sobre o crime, O Globo traz uma ilustração com a intenção de reconstruir a chamada “tragédia no Cine Morumbi”. Em três passos descritos cronologicamente, a ilustração mostra Mateus no banheiro, atirando contra o espelho, após sua volta à sala, quando efetua os disparos. É uma ilustração nítida e que deixa evidente o ângulo alcançado no ataque. Na lateral da ilustração, são colocadas três imagens para compor os elementos do crime: o atirador, o local e a arma. Há uma

certa repetição do aparecimento da submetralhadora, que constrói um espetáculo em cima do objeto, já que foi considerado altamente letal.

Figura 33 - Como aconteceu a tragédia

## ▶ Veja como aconteceu a tragédia no Cine Morumbi

**1** Por volta das 21h de quarta-feira, o estudante de medicina Mateus da Costa Meira, armado com uma submetralhadora, compra uma entrada para o filme "Clube da Luta" num cinema do Shopping Morumbi, Zona Sul de São Paulo. Depois de assistir a cerca de 15 minutos da sessão, que começara às 21h15m, ele se levanta e vai ao banheiro, que fica fora da sala de projeção. Segundo testemunhas, lá dentro ele teria atirado contra a própria imagem no espelho.

**2** Mateus sai do banheiro e segue para a sala, entrando pela segunda entrada, do lado direito da tela. Ele avança até a altura da quarta fileira de poltronas, saca da metralhadora e começa a atirar na direção das pessoas que estavam na plateia.

A capacidade da sala era de 140 pessoas, mas apenas 29 assistiam ao filme

**3** Apesar de estar escuro e de apenas 29 pessoas estarem na sala, Mateus dispara cerca de 40 tiros e acaba atingindo sete pessoas, que se encontravam no lado oposto, matando três delas. Testemunhas dizem que a arma estava com defeito e por isso os tiros foram disparados um a um, e não em rajadas. Enquanto trocava o pente da metralhadora, Mateus foi dominado por alguns espectadores e, em seguida, pelos seguranças do cinema

**O ATIRADOR**  
Foto: Imagem  
**Mateus da Costa Meira**, 24 anos, baiano. Estudante de medicina da Santa Casa, em São Paulo. Segundo vizinhos ele tinha um comportamento estranho e mania de perseguição

**O LOCAL DO CRIME**  
SÃO PAULO Centro Para o Rio de Janeiro  
JARDIM MORUMBI VILA SÃO FRANCISCO SHOPPING MORUMBI  
O crime aconteceu numa das seis salas de cinema do Shopping Morumbi, na Zona Sul de São Paulo. A sala onde Mateus estava era a de número cinco, e a sessão das 21h15m era a última da quarta-feira

**A ARMA DO CRIME**  
Foto: José Luiz de Oliveira  
**Submetralhadora M-11**, fabricada pela Cobray, em Dakota do Sul (EUA). De uso restrito no Brasil, pode ser disparada em rajadas ou em tiros individuais. O recarregador (pente) pode guardar até 40 balas e arma dispara até 1.200 tiros por minuto

**As armas no Brasil**  
Brasil 20 milhões de armas, sendo que desse total 1 milhão e 600 mil são cadastradas  
Estado SP 600 mil em es legalizadas, 3 milhões delas são clandestinas  
A polícia paulista apreende 3 mil armas por ano

FONTES: Departamento de Polícia Civil e estatísticas ligadas à questão da segurança pública e Agência Estado (SP) - revista de notícias que cobra a venda de armas em exposição na Câmara

**Ardele Cury Long** Ferida

**Vilto Maurício Zornatto** Morto

**Arbete José de Carvalho Martins** Ferido

**José Eduardo Abovank de Silva** Ferido

**Hermi Luísa** Morta

**Carlos Eduardo Porto de Oliveira** Ferido

**Fabiana Lubão** Morta

**Antes de atirar no espelho, Mateus teria discutido com um rapaz, que não aceitou a provocação**

**Quarta fila**

Fonte: Acervo O Globo (1999).

O Globo também apresenta o bilhete de Mateus, mas diferente da Folha. O papel está colocado sobre uma mesa com a arma e as munições próxima da folha. A legenda descreve “Um dos três bilhetes encontrados pela polícia no apartamento do estudante, todos escritos à mão”. O enquadramento coloca o bilhete no centro e pela aproximação do fotógrafo dos elementos, é possível perceber que foi possível o planejamento da foto, diferentemente de quando o elemento é exposto em uma coletiva, deixando restrito o ângulo conforme a posição das mãos que o seguram. A foto e o título se repetem, o que é descrito e visto na imagem é a mesma informação.

Abaixo, na mesma página, O Globo utiliza uma imagem da Folha, a mesma que foi capa no jornal paulista, Mateus, algemado, conduzido por um policial. O acervo do O Globo disponibiliza as páginas em uma qualidade maior, então é possível visualizar o fundo da foto e os detalhes com mais clareza.

Figura 34 - Bilhete e submetralhadora como prova



UM DOS três bilhetes encontrados pela polícia no apartamento do estudante, todos escritos a mão

Fonte: Acervo O Globo (1999).

Figura 35 - Meira sendo conduzido por policial



MATEUS DA COSTA Meira - apreendido no 96º Distrito Policial  
Fonte: Acervo O Globo (1999).

Em entrevista com espectadores que estavam no ataque, os mesmos com que a Folha conversou, O Globo mostra o trio sentado à mesa, onde aparecem dois gravadores e um celular. O espectador mais à esquerda e o que está no centro da imagem exibem com gestos o momento em que Mateus aponta contra a plateia. O título condiz com a foto que é uma frase do entrevistado que aparece mais à direita da imagem: “*Fui salvo por aquela moça que morreu*”, se referindo a Fabiana. Esse aparece boquiaberto, com as mãos sobre a mesa. Na legenda, o jornalismo destaca a palavra sobreviventes e segue “*dizem que nasceram de novo depois que viram as pessoas morrer*”. O enquadramento destaca a gestualidade de dois entrevistados, com a expressão do manuseio da arma e do choque.

Na mesma página, há espaço para as famílias das vítimas, uma foto que representa os velórios, que foram cobertos pelos meios jornalísticos. Do mesmo modo, a cobertura de velórios é parte do jornalismo policial parte. A questão é que

eventos de grande comoção se tornam mais difícil de formam uma aproximação. Com o enquadramento, se percebe um zelo em registrar a dor do outro, mas sem uma certa proximidade, o que não gera familiaridade com vítima.

Figura 36 - Espectadores que estavam no cinema



AO LADO DE outro espectador que estava no cinema, o publicitário Renato (ao centro) e o contínuo Miguel (à direita) contam como foi a chacina durante o filme "Clube da luta"

Fonte: Acervo O Globo (1999).

Figura 37 - Velório do economista Júlio Zeimaitis



PARENTES E AMIGOS velam o corpo do economista Júlio Zeimaitis, atingido por um tiro na cabeça

Fonte: Acervo O Globo (1999).

### #DIA 3: 6 de novembro

Folha de S. Paulo – Na edição de 6 de novembro, o caso do atirador do cinema ganha novamente espaço na capa, que apresenta duas imagens. A maior e com mais

destaque é a da entrada do cinema, em que um funcionário troca o letreiro do filme Clube da Luta para American Pie. Nota-se um enquadramento que mostra o movimento da ação do funcionário. A legenda repete o que aparece na foto. Entretanto, a manchete da edição não tem relação com a foto. Abaixo, de maneira secundária, o jornal seleciona uma imagem de perfil de Deolino, pai do atirador, acompanhada de um resumo da reportagem que seria aprofundada na edição. No momento da foto, conforme registro da Folhapress, Deolino estava no aeroporto esperando pelo voo que o levaria de Salvador a São Paulo. O semblante do médico é abatido e reflexivo, de frente para uma janela que entra luz, o jornalismo opera na tentativa de mostrar a dor do criminoso.

Figura 38 - Cinema troca filme em cartaz



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

Figura 39 - Pai do atirador faz pedido às famílias



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

A primeira página do caderno São Paulo dedica um espaço de destaque para a imagem de Mateus sendo transferido de sala na delegacia. A legenda traz a mesma informação no qual se enxerga, o atirador sendo conduzido por um policial. O rosto de Mateus tem o olhar para baixo e não transmite emoção ou incômodo com a câmera. A imagem se relaciona com a manchete da página “*Família temia desde a infância que algo iria acontecer com atirador*”.

Figura 40 - Atirador com olhar para baixo

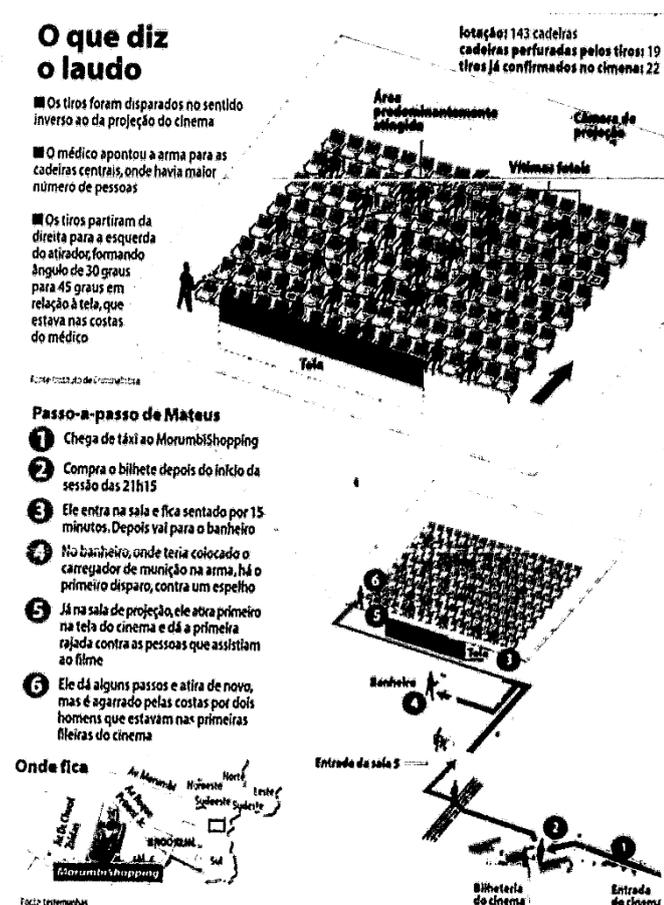


Policial conduz Mateus da Costa Meira para uma outra sala de 94º Distrito Policial, no Brooklyn

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999)

Na página seguinte, da mesma edição, a Folha mostra uma ilustração de sobre o que o laudo apresenta. A arte mostra a sala de cinema e Mateus, representado pela ilustração de um homem, posicionado de frente para as poltronas. Novamente, o jornalismo age de forma que reconstrói o momento dos disparos, por meio de um passo a passo, para que o leitor tenha total compreensão de como aconteceu.

Figura 41 - Perícia aponta análise em laudo



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

Nas páginas seguintes, 3 e 4, dois representantes de Mateus aparecem nas imagens com maior destaque mesmo que as manchetes coloquem o atirador em evidência ao invés do título chamar pelo personagem da foto. A primeira, mostra o advogado de defesa durante entrevista, rodeado por microfones, explicando que recorrerá à Justiça uma perícia psiquiátrica. Na próxima, a imagem é o psiquiatra de Mateus que esteve na delegacia conversando com o estudante. Ambos enquadramentos próximos dos profissionais que agiam, à época, como porta-vozes de atualizações de Mateus e, por esse motivo, torna-se clara escolha editorial pelas imagens.

Figura 42 - Advogado do atirador como porta-voz



O advogado do estudante de medicina Mateus Meira, Eduardo Pizarro Carnelós, durante entrevista concedida no 96º DP, ontem

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

Figura 43 - Psiquiatra divulga atualização do atirador



O psiquiatra José Cássio Nascimento Pitta, que esteve no 96º DP

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

Conforme chamado na capa da edição, Deolino viajou de Salvador a São Paulo para estar com o filho. Na página 5 do caderno São Paulo, o jornalismo apresenta uma imagem do pai do atirador ao lado de um advogado que o segura pelo braço. O enquadramento denota o movimento do andar e do sofrimento, de estar amparado. Desta vez, Deolino olha diretamente para a câmera, com uma expressão séria.

Figura 44 - Deolino sendo amparado por advogado



Deolino Vanderlei Meira (à dir.) diz que a família não sabia que o filho usava cocaína e crack.

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999)

Para dar um certo equilíbrio de imagens relacionadas a Mateus em paralelo a imagens sobre as vítimas, a página 6 do caderno São Paulo, destaca uma foto do velório do economista. No recorte fotográfico (Figura 45) é exibido o caixão sendo levado por funcionários e, ao fundo, familiares e conhecidos de Júlio. A manchete da página ressalta que “*Advogados afirmam que shopping e Paris Filmes podem ter que indenizar*”, o que não conversa diretamente com a foto, cujo texto que faz referência clara é colocado do lado direito a imagem e menor.

Figura 45 - Velório do economista



**Economista vítima de disparos é enterrado**

O economista Júlio Maurício Zelmaitis, vítima dos disparos de Mateus da Costa Meira, foi enterrado ontem no Cemitério da Saudade, em São Caetano do Sul (Grande São Paulo). Zelmaitis estava na sala de cinema do MorumbiShopping com a ex-namorada Andréia Lang, também atingida pelos tiros. Ela passa bem.

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999)

A Folha, assim como O Globo, volta à cena do crime na sua reabertura para a reprodução de filme. O jornal selecionou três fotos do cinema para a composição de uma montagem: a foto maior mostra as poltronas no interior da sala, uma secundária que mostra o banheiro com um espelho novo e, a terceira, que mostra o funcionário trocando o letreiro do cinema. As legendas destacam a reforma dos ambientes dias depois ao crime.

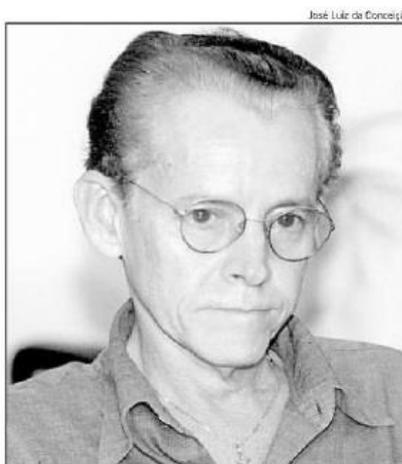
Figura 46 - Reabertura do local do crime



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999)

O Globo – A imagem do pai de Mateus, o médico Deolino, é um retrato que acompanha a matéria e leva o título de *“Pai de atirador pede que famílias o perdoem”*. Com um olhar não direcionado à câmera, Deolino tem um semblante que demonstra estar abalado. A legenda repete o título.

Figura 47 - Deolino faz pedido pelo filho



DEOLINDO: "Peço a Deus para ter piedade dessas famílias"

Fonte: Acervo O Globo (1999).

O Globo traz três imagens juntas, num conjunto delicado. A primeira imagem mostra a dor da família de Júlio, em um espaço maior. Depois, a foto boneco de Júlio – o assassinado – e o atirador logo abaixo. Enquanto o retrato da vítima é um boneco típico de imagem de arquivo para destacar o rosto, a foto do atirador mostra o seu rosto de lado, a mesma imagem anteriormente publicada e recortada. Nesta disposição de imagens, o jornal coloca o assassinado e o assassino juntos e o enquadramento mostra um aspecto religioso, com as cruzes no fundo, na primeira imagem. Ou seja, há uma circularidade de leitura de imagem, que leva a uma condenação pela hierarquização. Reforçando o julgamento do atirador se aliado ao título da matéria que chama pela premeditação crime “*Promotor: atirador sabia o que estava fazendo*”.

Figura 48 - Família e vítima ao lado do atirador



TERESA E JUOZAPAS no enterro do filho Julio, morto num cinema do Morumbi Shopping na quarta-feira

MATEUS MEIRA, o atirador

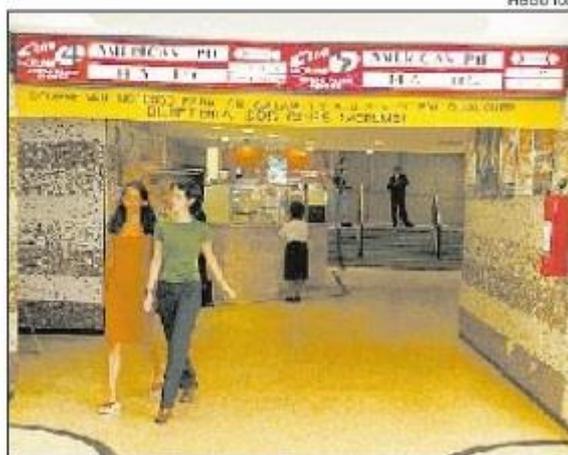
Fonte: Acervo O Globo (1999).

O Globo também traz imagens do cinema, na reabertura da sala. Com enquadramento aberto, a foto exibe uma visão quase que completa, de frente para a tela, em que é possível localizar a entrada e a dimensão da cena do crime.

Figura 49 - Sala de cinema reformada



A SALA 5 DO Cine Morumbi, onde na noite de quinta-feira um estudante de medicina matou três pessoas



AS SALAS 4 e 5, esta última também exibindo o filme "American pie"

Fonte: Acervo O Globo (1999).

#### #DIA 4: 7 de novembro

Folha de S. Paulo – Na capa do caderno São Paulo, na edição do dia 7 de novembro, é apresentada uma imagem de Mateus, já conhecida, cujo atirador tem o olhar direcionado para baixo. Mas, a diferença é o fundo que não é o original. Um fundo com círculos, na tentativa de parecer um espiral, que tensiona uma sensação desagradável, pois para muitas pessoas é símbolo de tontura, desequilíbrio ou até alucinação. Embora, também lembre a ideia de alvo. Na legenda, em concordância com a imagem, descreve “O estudante de medicina Mateus da Costa Meira, que atirou contra a plateia de cinema de onde julgou virem vozes que o perseguem”, ou seja, reforça a ideia do surto, da alucinação, da imaginação. A imagem (Figura 50) é coberta pela manchete “Por quê?”, em letras maiores, referindo-se à motivação do crime. No

entanto, a frase colocada ao lado parece, que aparece na íntegra, destaca três pontos do que virá na matéria, pois não é uma oração coesa.

Figura 50 - Montagem com fundo em espiral



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

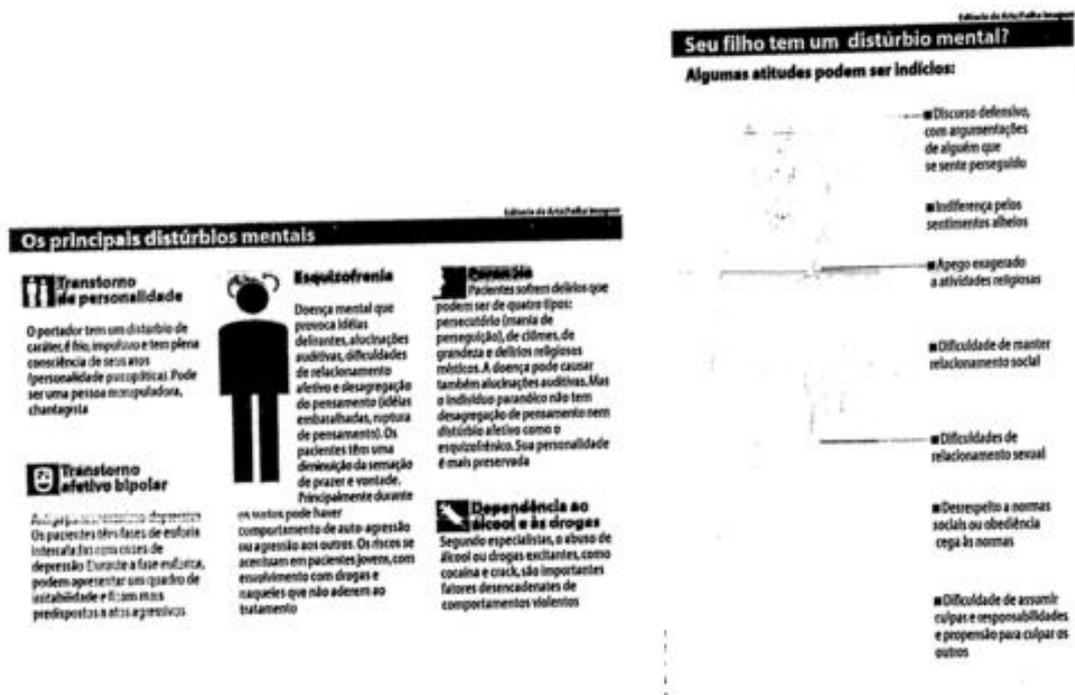
Figura 51 - Montagem com o fundo colorido



Fonte: Evelson de Freitas/Folha Imagem (BIANCARELLI; LAMBERT, 1999).

A edição, que busca uma visão voltada para a saúde, com mais fontes da área da psiquiatria, pois a factualidade do crime está em apagamento, traz dois infográficos, mas devido à qualidade da página do acervo da Folha de S. Paulo não é possível compreensão clara. Em um infográfico mostra os principais distúrbios mentais, no outro, detalha atitudes que podem ser indícios de distúrbio mental.

Figura 52 - Infográficos sobre distúrbios mentais



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

Na terceira página do caderno São Paulo, dedicadas ao crime sob uma visão aproximada da psicanálise, retoma um registro do velório de uma das vítimas fatais, mesmo que não tenha uma ligação direta com o texto principal. A imagem (Figura 53) enquadra o caixão de uma das vítimas sendo carregado por um carro elétrico, sendo colocado ao lado esquerdo a pergunta “*É culpa da sociedade?*” e, abaixo da questão, frases opinativas sobre o caso, como a do governador e pessoas ligadas às vítimas. No entanto, o título principal da página não se relaciona com a foto. O título é chamado para a matéria ao lado direito da foto, que descreve o relato de um paciente esquizofrênico.

Na página seguinte, novamente, é explorada mais uma foto do velório, só que desta vez a foto está dentro de uma margem que a relaciona diretamente com o texto do qual ilustra. São os familiares da publicitária, abraçados, em luto, e vestidos de branco, que revela a intenção de pedir por paz. Mas, não tem relação com o título principal da página que chama por “*Psiquiatra temia suicídio de estudante*”, ou seja, a ideia de fazer uma edição que aborda mais a saúde mental do que o crime não impediu que o jornalismo optasse por selecionar fotos que exibissem o resultado do surto do estudante.

Figura 53 - Velórios novamente retomados



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

O Globo – Na primeira edição veiculado do O Globo de 7 de novembro, a matéria com o título “*Atirador: ‘efeito contágio’ preocupa especialistas*” é acompanhada de uma imagem de Mateus, supostamente do primeiro dia, pois o atirador está com a mesma roupa, sendo conduzido por um policial. Na foto, o agente está com a mão na nuca de Mateus, em que o movimento pode ser interpretado do atirador estar sendo puxado e ao mesmo tempo sendo conduzido, protegido, ainda que a câmera tente revelar as faces, existia um tratamento diferenciado.

Já na segunda edição veiculada, a imagem do estudante é substituída por uma do irmão de Hermè, a terceira vítima. A imagem (Figura 54) em enquadramento próximo, mostra o homem respondendo aos jornalistas próximos de um carro no velório da irmã. Desta vez, entende-se que o jornal trocou o destaque, ao invés do atirador, a segunda edição tem um familiar da vítima.

Figura 54 - Imagem de Meira é substituída por foto de irmão de vítima



O ESTUDANTE MATEUS, autor dos disparos: tipo de crime raro no país

FERNANDO HENRIQUE Bandeira de Mello: "Queremos justiça"

Fonte: Acervo O Globo (1999).

### #DIA 5: 8 de novembro

Folha de S. Paulo – Sem desdobramentos para a edição do dia 8, a Folha recorre a uma imagem (Figura 55) que mostra Mateus ao lado dos colegas de faculdade. Como a legenda descreve, Mateus está à esquerda, “*com colegas em competição esportiva há três anos*”. No entanto, a imagem não tem relação com a reportagem, que é sobre o menino que recebeu o fígado da publicitária morta com os disparos e morreu após o transplante. É uma tentativa de lembrar Mateus como o estudante de Medicina, em uma matéria que tem menções a tratamento e procedimentos médicos, mas os elementos não conversam. O selo criado para o caso está presente, no início do texto, assim como nas outras edições.

Figura 55 - Meira com os colegas de faculdade



O estudante Mateus da Costa Meira (à esq.), com colegas em competição esportiva há três anos

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (1999).

O Globo – Com o gradual apagamento do caso, na edição do dia 8 de novembro, O Globo não publica imagem junto da reportagem.

#### 5.1.2.2 Marcas da Loucura na Cobertura do Crime

Dentro do conjunto de reportagens analisadas nos primeiros cinco dias após o acontecimento, é analisado que as marcas da loucura começam a ser construídas aos poucos. O caso é inaugurado de maneira mais informacional, com detalhes do crime, dos momentos dos disparos. Depois da prisão, o acontecimento se desdobra em cima da doença mental e sobre como o crime ocorreu efetivamente. Em relação às imagens do caso, enquanto mancha gráfica, complementam o conjunto da narrativa sendo colocadas nas capas dos jornais.

A loucura, neste primeiro período, é construída no coletivo – o delegado, o psiquiatra, o comportamento sugestivo. Há também uma composição narrativa que conduz a perceber que ele estava fora de si, com a repetição e ênfase do discurso do atirador em relação às vozes que ele ouvia. No entanto, poucas vezes a loucura é utilizada como forma de abrandar ou evitar a culpabilização, já que o próprio pai afirma que ele errou. Ou seja, não é construído um argumento para livrá-lo da imputação do crime, pois nem ele tenta negar o crime.

Tanto na Folha, quanto no O Globo, na edição de 4 de novembro, o secretário Petrelluzzi traz a primeira consideração ao caracterizar o crime como um ato “tresloucado”. Durante o período analisado, há diversas menções sobre a personalidade de Mateus, sendo as mais depreciativas colocadas através dos discursos de fontes.

A seguir, nos quadros, foram selecionadas as expressões que mais aparecem na cobertura jornalística. É importante compreender os primeiros recortes de quando o crime ainda é factual. Mais à frente, será possível analisar se as expressões são retomadas ou alteradas após o apagamento do caso por alguns anos.

Quadro 1 - Marcas da loucura Folha de S. Paulo

<b>Folha de S. Paulo</b>		
<b>Marcas da loucura</b>	<b>Como se apresenta na reportagem</b>	<b>Fonte</b>
Problemas psiquiátricos	“Segundo o secretário [...], ele disse ter problemas psiquiátricos e estava aparentemente drogado”.	Secretário de Segurança Pública do Estado
Tresloucado	“Isso foi um ato tresloucado, sem nenhuma explicação, de uma pessoa sem consciência do que faz”.	Secretário de Segurança Pública do Estado
Perseguição	“O porteiro do prédio [...] disse que o estudante costumava descer à portaria de madrugada dizendo que existia “alguém o observando”; “que a pessoa que o perseguia estava lá dentro”.	Porteiro
Vozes	“Meira disse à polícia que o crime [...] seria uma forma de se livrar de vozes que ouvia e de perseguidores imaginários”.	Narrativa jornalística construída a partir do depoimento do atirador
Esquizofrenia	“Meira fazia tratamento contra esquizofrenia, quadro que pode ter sido potencializado por drogas”.	Narrativa jornalística construída a partir do depoimento do atirador
Observado	“[...] disse à polícia que a ideia passou a persegui-lo quando ele começou a ouvir vozes e a se sentir observado”.	Narrativa jornalística construída a partir do depoimento do atirador
Mania de perseguição	“Segundo o psiquiatra de Meira, [...], ele sofre de distúrbio persecutório, um quadro de esquizofrenia em que a pessoa tem mania de perseguição”.	Psiquiatra
Agressivo	“O psiquiatra [...] afirmou que o universitário tem um comportamento agressivo desde a adolescência”.	Psiquiatra
Surto	“A interrupção do medicamento, segundo ele, pode ter sido a causa do surto que teria acometido o estudante [...]”.	Psiquiatra
Serial killer	“[...]nós temos tudo e mais um pouco: degolamento em rebelião de internato de jovens infratores, chacinas e agora, veja quanta modernidade, ganhamos até um serial killer de metralhadora semi-automática”.	Colunista de opinião do jornal
Lapsos de memória	“Meira apresentou alguns lapsos de memória durante seu depoimento. Disse, por exemplo, que não lembra de ter sido rendido pela platéia nem do que aconteceu depois dos disparos”.	Narrativa jornalística construída a partir do depoimento do atirador
Sozinho	“Os estudantes que conviviam com ele e os vizinhos do prédio limitaram a descrevê-lo em poucas frases pontuadas de não: “quase não falava”, “não gostava de festa”, “não tinha namorada”. As pessoas que tiveram contato com o estudante o descrevem como um rapaz triste e que vivia com medo”.	Narrativa jornalística construída a partir de relatos
Antissocial	“Ele era anti-social ( <i>sic</i> ). A gente quase não tinha contato. Ele não cumprimentava ninguém”.	Funcionário do prédio onde Mateus morava
Introspectivo	“Ele ficou mais introspectivo, principalmente depois dos 15 anos. Ele não saía de casa e passava o dia lendo e estudando”.	Prima do atirador

Nervoso	“[...] foi um pouco nervoso. Mas não posso deixar de dizer que ele sempre foi um bom filho.”	Mãe de Mateus
Loucuras	“Vi a cara dele. Uma cara de bom aluno, um bobão. Deve ter visto como os caras ficam famosos nos Estados Unidos fazendo essas loucuras e pensou: ‘Como isso nunca aconteceu no Brasil, vou ser o primeiro’”.	Espectador que estava no cinema
Distúrbio de personalidade	“O uso de drogas excitantes, como a cocaína e o crack, não provoca o aparecimento de doenças mentais, mas pode potencializar, e muito, o distúrbio de personalidade de uma pessoa já doente”.	Narrativa jornalística
Delírios	“O paciente cria uma fantasia – pensa que está ouvindo vozes ou que alguém o está perseguindo – e acredita no que sente.	Psiquiatra sem relação direta com o caso
Distúrbio mental	“Por causa do distúrbio mental que apresenta, o estudante de medicina Mateus da Costa Meira pode ser considerado semi-imputável pelo crime que cometeu”.	Narrativa jornalística
Insanidade	“Como Meira tem um histórico de internação em clínica psiquiátrica e acompanhamento médico, o juiz deverá solicitar um exame de insanidade mental baseado em parecer de seu psiquiatra”.	Narrativa jornalística
Rebelde	“[...] foi descrito como excessivamente rebelde, agressivo, isolado e com dificuldade extrema de relacionamento e ‘preso ao próprio mundo’”.	Narrativa jornalística a partir de recortes da entrevista com o advogado de Mateus
Irritado	“Hoje ele está um pouco mais agressivo e irritadiço. Isso pode ter sido causado pela recusa de tomar os remédios”.	Psiquiatra
Sem “sã consciência”	“Peço a elas para perdoá-lo. Ele não está em são consciência”.	Pai do atirador
Doente mental	“Para que um doente mental se transforme em assassino, no entanto, é necessário uma conjunção de tantos fatores que os eventos violentos se reduzem a episódios esporádicos. Foi o que aconteceu com Mateus da Costa Meira, dizem os especialistas”.	Narrativa jornalística a partir do relato de especialistas
Explosão das mazelas	“Várias mazelas e tragédias contemporâneas e urbanas explodiram nele, a doença mental, as drogas, o tráfico de armas, a solidão”.	Psicóloga sem relação direta com o caso
Dúvida sobre a integridade mental	“Dada a gravidade dos fatos e a dúvida sobre a integridade mental dele, acredito que é melhor mantê-lo sob a custódia do Estado”.	Advogado do estudante

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 2 - Marcas da loucura O Globo

O Globo		
Marcas da loucura	Como se apresenta na reportagem	Fonte
Problemas psíquicos	“A polícia já apurou que ele teve problemas psíquicos [...]”.	Narrativa jornalística
Tresloucado	“Foi um ato tresloucado, inspirado em	Secretário de Segurança

	modelos internacionais”.	Pública do Estado
Frieza	“Com uma frieza que impressionou os policiais”.	Narrativa jornalística
Esquizofrênico	“Sem nenhuma emoção ou sinais de arrependimento, o assassino disse que escolheu uma sessão do filme Clube da Luta para cometer a chacina por ter se identificado com um personagem esquizofrênico. Ele alegou na delegacia também sofrer da doença”; “No depoimento, Mateus alegou que é esquizofrênico”.	Narrativa jornalística construída a partir do depoimento do atirador
Vozes	“Alegou que ouvia vozes e sofria de esquizofrenia e tentou criar uma imagem que não era a dele”; “Mateus ouvia uma voz que dizia ‘vou te pegar, vou te matar””.	Delegado sobre o depoimento de Mateus; advogado da família do atirador.
Distúrbios mentais	“Mateus tinha consciência do que estava fazendo. Ele pode ter distúrbios mentais, mas não na proporção que ele cometeu”.	Delegado
Problemático	“Para colegas, professores e vizinhos, uma pessoa com problemas”.	Narrativa jornalística
Surto psicótico	“Seu psiquiatra, José Cássio do Nascimento Pitta, acha que ele teve um surto psicótico [...]”.	Psiquiatra
Agitado; agressivo	“Predominava um quadro de agitação e agressividade verbal e física. Por isso, foi internado e ficou até não apresentar mais esse comportamento”.	Psiquiatra
Introvertido	“Introvertido, autoritário, com problemas para se relacionar e dificuldade para aceitar regras. Estas foram as impressões de colegas, professores e vizinhos [...]”.	Narrativa jornalística
Sem juízo crítico	“Ele não apresentava distúrbios de pensamento nem delírios e tinha boa inteligência. Notei é que não tinha juízo crítico em relação às próprias dificuldades”.	Psicóloga
Fora de si	“Perguntei se ele premeditou o caso e ele disse que vivia um processo psicótico há sete anos. Parece que ele está fora de si, fora do estado normal”.	Advogado do estudante
Desequilíbrio mental	“[...] não sabe como fará a defesa, mas poderá usar do desequilíbrio mental para alegar que ele não poderia ser responsabilizado pelo crime”.	Advogado do estudante
Doente	“Quem deixou um doente como aquele ficar nas ruas?”.	Pai de uma das vítimas
Sem “sã consciência”	“Peço a elas para perdoá-lo. Ele não está em são consciência”.	Pai do atirador
Mentalmente insano	“Caso seja considerado mentalmente insano, Mateus não poderá ser responsabilizado pelos crimes que cometeu”.	Narrativa jornalística sobre o inquérito
Insanidade	“Se eu vier sustentar insanidade e inimizabilidade da pena, não será por estratégia de defesa. Para mim, são muito claros os indícios de que ele sofre de problemas psíquicos”.	Advogado do estudante
Doente mental	“Caso seja considerado doente mental, e portanto inimputável, irá para um manicômio judiciário”.	Narrativa jornalística

Fonte: Elaborado pela autora.

A narrativa jornalística se apropria ao longo da cobertura de termos proferidos por policiais, psiquiatras e até do próprio atirador. A intensidade com que as características que Mateus expôs em depoimento, como ouvir vozes, ser perseguido, aparecem nas reportagens e formam a construção de que ele é um doente mental, drogado, que não estava em tratamento e com um passado marcado por sua agressividade.

## 5.2 O JULGAMENTO E A SENTENÇA

Para introduzir o julgamento, é importante retomar pontos do percurso que não estão dentro do período da análise do capítulo anterior. No dia 29 de novembro de 1999, a Justiça solicitou um laudo psiquiátrico sobre a sanidade de Mateus, com o prazo de 30 dias para a conclusão. No dia 3 de janeiro de 2000, a análise psiquiátrica sobre a sanidade mental de Mateus da Costa Meira estava pronta e foi encaminhada à Justiça. De acordo com a Folha de S. Paulo, o laudo feito *“por quatro médicos a pedido do juiz José Ruy Borges Pereira afirma que Mateus ‘tinha plena capacidade de entendimento e autodeterminação para os fatos, demonstrada pela coerência de atos e intenções”*. (SINGER, 2000). Desta forma, ele tinha consciência de seus atos.

Cerca de um ano após o crime, Mateus estava detido no Centro de Observação Criminal, em São Paulo. À época, a Folha de S. Paulo publicou que, conforme o advogado de defesa, o atirador estava sob controle devido ao tratamento com medicamentos, mas que ele *“nunca será um homem normal como outros”* – palavras do defensor. (SINGER, 2000).

Com o laudo psiquiátrico aceito pelo juiz para seguir com a acusação, a defesa sustentou a semi-imputabilidade. Segundo o jornal paulista, o advogado afirmou que Mateus *“teria condição de entender o caráter criminoso do fato, mas no momento do crime ele estava ausente dessa condição”*. (SINGER, 2000).

O julgamento do atirador pelo crime que deixou três mortos e quatro pessoas feridas, na sala de cinema do shopping, ocorreu entre os dias 1º e 3 de junho de 2004. Mateus foi acusado pelos *“três homicídios, quatro tentativas e homicídio e de colocar em risco a vida de 15 pessoas”*, que correspondem as munições que restaram na arma. Conforme noticiado pela Folha de S. Paulo, ele foi levado a júri popular, formado por um grupo de quatro mulheres e três homens, por ser considerado imputável, já que o *“laudo do exame toxicológico do Instituto Médico Legal (IML) apontou que ele*

*estava sob efeito de cocaína na época dos disparos*". A droga, conforme a reportagem, poderia ter sido consumida pelo menos três dias antes do atentado. (ATIRADOR..., 2004).

### **5.2.1 A Narrativa Jornalística do Julgamento**

#### **#DIA 1: 1º de Junho de 2004**

A edição da Folha de S. Paulo publicou uma nota sobre o julgamento. Sem espaço de destaque, a nota de dois parágrafos usa o viés da acusação como chamada, o título recorta "*Acusação usará convívio familiar para tentar condenar atirador de sala de cinema*", apresentando um posicionamento desfavorável a inimputável do atirador. Nesta breve retomada do caso, o crime se resume em o ex-estudante de medicina que matou "*três pessoas em uma sala de cinema*". A doença mental e o discurso do estudante que, depois de cometer o crime alegou sofrer com esquizofrenia, não aparecem.

É possível perceber que o julgamento do caso foi afetado pelas estratégias que operam na seleção dos fatos. O atual, neste momento, que era uma chamada para o julgamento, já não ganha tanto espaço editorial. A marca discursiva foi embasada na voz do advogado da acusação, que destacou que a intenção era apostar na tese de que o crime foi reflexo de problemas familiares. A prova disso estaria no uso de um laudo psiquiátrico de 1991, que revelava o desequilíbrio na estruturação familiar. O Globo não publicou sobre o caso no dia 1º de junho.

Figura 56 - Nota no primeiro dia de julgamento

**PANORÂMICA**

**JUSTIÇA** **Acusação usará convívio familiar para tentar condenar atirador de sala de cinema**

No julgamento de Mateus da Costa Meira, que começa hoje, o advogado que vai ajudar na acusação pretende demonstrar que problemas com os pais fizeram o ex-estudante de medicina a matar três pessoas em uma sala de cinema, em 1999, no MorumbiShopping (zona oeste de SP).

“Vou tentar demonstrar aos jurados, às pessoas do povo que vão decidir pela culpa dele ou não, como o réu é fruto de uma família com fortes problemas. Para isso vou usar um laudo psi-

quiátrico, de 1991, que a própria defesa anexou ao processo”, disse o advogado Álvaro Benedito de Oliveira, assistente do promotor Norton Rodrigues.

No julgamento, que tem previsão de durar pelo menos 30 horas, Meira também será acusado por 15 tentativas de homicídio —número de balas que ele tinha em sua arma— e por quatro lesões corporais dolosas —número de feridos pelos tiros que o ex-estudante disparou no cinema. (DO “AGORA”)

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (2004).

#### #DIA 2: 2 de Junho de 2004

O segundo dia de julgamento repercute em um espaço maior. A Folha de S. Paulo chamou o caso na capa com a frase “Assassino do shopping afirma que teve ‘surto’” e um breve resumo do que seria explorado dentro do jornal.

Na cartola, o jornalismo opera com “*Crime no Shopping*”, seguido da frase “*Mateus Meira diz estar arrependido e que, antes de ação no Morumbi, entrou com bisturi em cinema de Salvador*”, recorta o arrependimento e também traz que o estudante iria cometer o crime em algum momento. Não retoma mais o selo utilizado nos textos do caso em 1999.

A página é composta por uma foto principal, que mostra Karina Valdasz, filha da publicitária morta. A operação jornalística se encarrega de um novo rosto protagonista para atualizar, em 2004, um fato que ocorreu há cinco anos. A jovem havia se manifestado, pouco tempo antes do julgamento, através de jornais. No Dia das Mães, há menos de um mês da condenação, Karina e suas duas irmãs, homenagearam sua mãe com a frase “*O único presente que podemos dar à nossa mãe é Justiça*”, com a intenção comover a “opinião pública”, conforme a Folha de S. Paulo. Além da foto da jovem, há uma ilustração que apresenta as posições da sala onde estava ocorrendo o julgamento. (ATIRADOR..., 2004).

O título que é descrito por “*Atirador já tinha cogitado ataque em 93*”, informação apurada durante o julgamento, que tensiona a premeditação, posicionamento que o jornal já tinha assumido em outras reportagens. A construção do texto é feita com base nas falas de Mateus durante o interrogatório, mas relatadas à imprensa pela juíza do caso – novamente, o jornalismo utiliza do dito relatado para a reconstituição do momento.

O jornalismo destaca que o ex-estudante está arrependido e de que, no momento, ele teria dimensão da gravidade do crime, mas que em novembro de 1999, devido sensação de perseguição através de vozes que ouvia e pela recusa em se tratar, teria o levado à vias de fato do que era um pensamento obscuro.

A abordagem traz a existência do laudo psiquiátrico como um agravante que evidencia a consciência do atirador no ato. “[...] *Meira tem tendência ao isolamento e dificuldade de adaptação, mas que tem capacidade de entendimento de delito*” e, por causa do documento, ele chegou ao julgamento por júri. A seleção de fontes também abre espaço para o promotor de acusação e para a defesa.

Além dessas vozes, o jornal publica em uma coluna, trechos de dois espectadores que estavam na plateia e de um funcionário que trabalhava no local. Os recortes enfatizam a calma e a forma com que o atirador agiu, ao parar em frente as poltronas, com a arma em mãos e, após, mirar para as fileiras onde estavam as pessoas. No final da coluna, a fala da filha da publicitária teve as palavras “*Foi um crime premeditado*” destacadas.

Figura 57 - Chamada na capa sobre o julgamento



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (2004).

Figura 58 - Jornal descarta o primeiro dia de julgamento



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (2004).

O Globo também destaca o arrependimento de Mateus no título, contudo, acrescenta que ele “*não se lembra dos tiros*”. Na linha de apoio, o jornal destaca que o ex-estudante admitiu “*que tem consciência do erro que cometeu*”. A foto utilizada pelo O Globo foi da filha da publicitária sendo entrevistada, no entanto, ela não participa do texto.

No texto há a retomada de que Mateus se identificava com o personagem do filme Clube da Luta, “*que era esquizofrênico e tinha dupla personalidade*”. O enquadramento de Mateus como alguém com dupla personalidade é reforçado. Há um destaque para o uso de drogas na época do crime e que a cocaína foi o agravante de problemas como timidez e de relacionamento. Através da voz de Mateus, a reportagem traz uma sentença nova, que “*uma psicóloga disse que ele deveria ficar internado*” – pois, 14 dias antes do crime, o atirador estava internado em uma clínica. A frase de Mateus recortada pela operação foi “*Ela disse que eu era um risco a mim mesmo*”. Em nenhum momento, o atirador deixa de sustentar os distúrbios psicológicos e também não nega o seu crime.

Ao lado de uma publicidade, o jornal coloca um resumo do crime. A narrativa jornalística se apropria da falta de motivação nas respostas de Mateus no julgamento para atribuir que o ataque ocorreu “*aparetemente sem motivo algum*” e que ele “*estava sob efeito de cocaína*”. Diferentemente da Folha, O Globo destaca o passado de Mateus com a informação de que ele “*esteve internado por problemas psiquiátricos durante 11 dias e teve alta dia 20 de outubro de 1999*”.

Figura 59 - Atirador não nega gravidade do crime

The image shows a newspaper clipping from O País, dated June 11, 2004. The main headline reads: "Atirador de cinema se diz arrependido mas afirma que não se lembra de tiros". Below the headline is a sub-headline: "Mateus da Costa Meira admite que tem consciência do erro que cometeu". To the right of the text is a photograph of a woman being interviewed by several people holding microphones. Below the newspaper clipping is a large advertisement for electronics. The advertisement has a blue background and the headline "Á paquerando termina em casamento." It features images of a car, a television, and a stereo system, with prices listed as R\$ 27,89, R\$ 42,77, and R\$ 71,87 respectively. To the right of the advertisement is a small box titled "Tiro no cinema" with text about the crime.

Fonte: Acervo O Globo (2004).

### #DIA 3: 3 de Junho de 2004

O terceiro dia do julgamento teve mais um desdobramento influente para a decisão do júri. A Folha permanece com a mesma cartola e o título se posiciona, novamente, de forma desfavorável para a existência da doença mental. O título e a foto conversam pelo enfoque do mesmo personagem, elemento do caso. O texto é construído a partir do relato do psiquiatra de Mateus, à época do crime, que no julgamento assumiu a posição de testemunha. A narrativa recorta que o médico afirmou “*que o ex-estudante não apresentava sintomas de surto psicótico três horas depois do crime*” e que Mateus “*não mencionou ter sofrido delírios ou alucinações antes de ter atirado*”. A reportagem retoma que o laudo do médico apontava o “*mesmo diagnóstico psiquiátrico*” dos peritos, o transtorno de personalidade esquizóide.

O enquadramento mostra a doença mental como um elemento forjado para a atenuação da pena de Mateus e a narrativa se solifica com as falas da acusação: “*Arrolei o psiquiatra porque sabia que ele iria dizer aqui o verdadeiro diagnóstico, que é igual ao laudo oficial*” e Mateus “*não teve delírios. Começou a elaborar a defesa já na delegacia. Em uma hora falava que viu alienígenas, em outra que não se lembra de nada*”. Ao selecionar essa sentença, o jornalismo contrói a caracterização de uma personalidade, que não apenas sabia o que estava fazendo, mas contribuiu para sua defesa e argumentação. A noção de que o criminoso possui uma dupla personalidade produz um sentido em que já não se consegue mais vê-lo de outra forma.

A reportagem traz novos desdobramentos do passado, com a explicação de que a internação em outubro foi fruto de um “*surto psicótico provocado pelo uso de cocaína*”. Desta forma, fica mais evidente o agravante da droga do que de um transtorno, pois logo após o crime não se havia provas do consumo de cocaína, um sentido da construção noticiosa se deslocou nas retomadas do caso dentro do próprio discurso jornalístico. Além do psiquiatra, o delegado que trabalhou no caso reforçou “*a suspeita de que Meira não estava em surto psicótico e premeditou o crime*”. Enquanto os advogados sustentam a defesa de semi-imputabilidade, pois o “*psiquiatra forneceu dados que o ex-estudante é doente mental*”, a operação jornalística recorta as palavras do advogado de que “*loucura é sustentar que meu cliente é um sujeito normal*”. Esse encontro de fontes evidencia a disputa de sentidos, por meio da circulação, sobre o que é doença mental e o sobre os efeitos da droga a partir das colocações do psiquiatra, do delegado e do jornalismo.

O jornalismo também reconstitui a forma como o atirador estava durante o julgamento. “Meira ficou os dois dias de julgamento sem demonstrar reação às acusações e depoimentos. Sempre algemado, o ex-estudante manteve-se olhando para o chão e aparentando sonolência”. Além disso, há a descrição de um plenário lotado e que em momentos de discussão sobre o laudo psiquiátrico ouviu-se risos do público.

A narrativa também menciona a tomada de decisão da defesa em reproduzir o filme Clube da Luta para o júri, que não deu certo no segundo dia por causa de problemas técnicos. O sentido de que o filme tem parte de culpa, na influência causada pela violência, volta à tona no julgamento.

Figura 60 - Enfraquecimento da loucura depois do testemunho do psiquiatra

C 4 quinta-feira, 3 de junho de 2004 COTIDIANO FOLHA DE S. PAULO

**CRIME NO SHOPPING** Médico que tratou ex-estudante diz que ele não estava em surto; defesa pediu exibição de “Clube da Luta” ao júri

## Psiquiatra enfraquece defesa de atirador

**GILMAR PENTEADO**  
DA REPORTAGEM LOCAL

O depoimento do psiquiatra José Cassio do Nascimento Pitta, que acompanha o ex-estudante de medicina Mateus da Costa Meira desde novembro de 1999, quando o jovem matou três pessoas em uma sala de cinema no MorumbiShopping (zona sul de SP), comprometeu ontem ainda mais a situação de seu cliente.

Indicado como testemunha de acusação, Pitta afirmou ontem, no segundo dia do júri popular —a sentença deve ser conhecida hoje à noite—, que o ex-estudante não apresentava sintomas de surto psicótico três horas depois do crime. O psiquiatra falou com o ex-estudante na delegacia.

Pitta disse que Meira, na mesma ocasião, não mencionou ter sofrido delírios ou alucinações antes de ter atirado com uma submetralhadora em direção a platéia.

Ele deu a Meira o mesmo diagnóstico psiquiátrico relatado em laudo dos peritos nomeados pela justiça —transtorno de personalidade esquizóide, problema que não o impediria de ter consciência de seus atos. O diagnóstico é des-

favorável a Meira pois permite a realização de júri popular sem que ele tenha redução de pena pelo transtorno de personalidade.

Ele também se negou a dizer se o ex-estudante pode ser considerado semi-imputável (com consciência parcial dos atos), o que geraria redução de pena de um terço a dois terços. “Por questão ética, não posso falar sobre isso.”

Com a prisão de Meira, Pitta passou a atendê-lo na cadeia. Segundo o médico, o transtorno de personalidade esquizóide caracteriza-se por retração afetiva, possibilidade de delírios de perseguição e surtos psicóticos, acentuados pelo uso de cocaína —Meira, na época, admitiu ser usuário.

Anteontem, Meira disse ter ouvido vozes e sussurros momentos antes de atirar nas pessoas —o jovem só contou isso nos encontros seguintes com o psiquiatra.

O ex-estudante é processado por três homicídios, quatro tentativas de homicídio e por ter colocado em risco a vida de outras 15 pessoas —número de balas restantes na submetralhadora.

“Arrolei o psiquiatra porque sabia que ele iria dizer aqui o verdadeiro diagnóstico, que é igual ao laudo oficial”, disse o promotor Norton Geraldo Rodrigues da Silva. “Ele [Meira] não teve delírios. Começou a elaborar a defesa já na delegacia. Em uma hora falava que viu alienígenas, em outra que não se lembra de nada.”

O psiquiatra diz que, “em tese”, Meira pode ter sofrido um surto psicótico instigado pelo uso da cocaína no momento do crime. Os sintomas poderiam ter desaparecido três horas depois.

Em outubro de 1999, quando Meira tinha se internado em uma clínica com surto psicótico provocado pelo uso de cocaína, os sintomas só desapareceram em três dias, segundo o médico.

O delegado João Batista Belochi, que trabalhou no caso, também disse ontem que Meira permaneceu tranquilo desde os primeiros momentos em que foi preso. Para a Promotoria, os depoimentos de Pitta e Belochi reforçam a suspeita de que Meira não estava em surto psicótico e premeditou o crime.

Os advogados do ex-estudante afirmam que ele é semi-imputável e criticam o laudo psiquiátrico oficial. O advogado Domingos Arjones diz que o psiquiatra forneceu dados que mostram que o ex-

estudante é doente mental. “Loucura é sustentar que meu cliente é um sujeito normal”, afirmou.

**Sem reação**  
Meira ficou os dois dias de julgamento sem demonstrar reação às acusações e depoimentos. Sempre algemado, o ex-estudante manteve-se olhando para o chão e aparentando sonolência.

Ontem, o plenário com capacidade para 250 lugares ficou lotado durante a tarde. Discussões entre a defesa e a acusação, sobre a complexidade do laudo psiquiátrico, chegaram a causar risos no público. Mas a etapa mais esperada está prevista para hoje, com os debates finais entre a acusação e os advogados do ex-estudante.

Jurados pretendiam ver, na madrugada de hoje, o filme “Clube da Luta”, fita que estava sendo exibida na sala quando Meira fez os disparos. Só que um problema técnico evitou a exibição até o fechamento desta edição.

O DVD trazido pela defesa não funcionou no aparelho do fórum. A juíza Maria Cecília Leone foi até sua casa para testar a gravação e, caso funcionasse, levaria seu aparelho até o tribunal.



Cete Silveira/Folha Imagem

**José Cassio do Nascimento Pitta, psiquiatra do ex-estudante**

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (2004).

O Globo segue com o mesmo destaque do terceiro dia de julgamento. O recorte do dia tensiona para o crime planejado, já que o atirador, agora, aparece como alguém que “tem consciência do que faz” de acordo com o psiquiatra. A narrativa é construída pelo depoimento do médico, como testemunha, e traz o termo doença mental. Na citação indireta do que disse o especialista, a reportagem apresenta que é uma “doença mental, conhecida por transtorno de personalidade esquizóide”, que não inibe o atirador da consciência. Outro sentido deslocado é que Mateus tem “predisposição a surtos psicóticos se estiver sob efeito de substância entorpecente”. Com essa afirmação conclui-se que a doença mental por si só não levaria ao fato. A reportagem

segue com mais destaques ao depoimento do psiquiatra que relata que, à época da internação, Mateus “*tomou antipsicóticos e antidepressivos. Teve alta após melhorar o seu quadro clínico*”, enquadramentos que não dão enfoque a Mateus como mentalmente insano.

O Globo ainda dedica espaço de uma coluna pequena para registro de que a família de Mateus não está no julgamento, mas faz contato com ele diariamente por telefone. Os pais, que desde o início do caso mantiveram distância da repercussão do crime, têm como porta-voz o advogado que diz à imprensa que eles se preocupam com a saúde mental do filho, alegando que mesmo com uma relação “*tumultuada*”, jamais o abandonariam. É notável a mudança do enquadramento, que antes colocava em evidência a doença, seu comportamento, e, agora, o coloca como assassino, cujos pais não negam o erro do filho.

Figura 61 - Mateus não estava em surto durante o crime, afirma psiquiatra

Quinta-feira, 3 de junho de 2004 O GLOBO O PAÍS • 9

## Psiquiatra diz que atirador tem consciência do que faz

• SÃO PAULO. O psiquiatra de Mateus da Costa Meira — acusado de matar três pessoas a tiros e ferir quatro numa sessão de cinema no Shopping Morumbi, em 3 de novembro de 1999 —, José Cássio do Nascimento Pitta, disse ontem que o rapaz tem uma doença mental, conhecida por transtorno de personalidade esquizóide, mas considera que ele é consciente dos seus atos. Pitta depôs como testemunha no julgamento de Meira, que começou anteontem no 1.º Tribunal do Júri, em São Paulo. O psiquiatra disse que Meira apresenta um quadro de isolamento social e dificuldade de se relacionar e predisposição a surtos psicóticos se estiver sob efeito de substância entorpecente (cocaína). Anteontem, Meira disse que não se lembrava do crime, mas que estava arrependido. A estratégia dos advogados do acusado é tentar que ele seja considerado semi-imputável (ou seja, parcialmente responsável pelos seus atos). A idéia é demonstrar que Meira não tinha consciência do crime. As três testemunhas ouvidas ontem — Pitta, o delegado João Batista Beolchi, que fez o atendimento inicial do crime, e o perito criminal Sérgio Rigonatti, responsável pelo laudo de sanidade — ontem foram questionados pelos advogados sobre a semi-imputabilidade. Meira ficou internado na clínica de Pitta de 11 a 19 de outubro de 1999. — Naquela época, ele estava com um surto psicótico causado pelo consumo de cocaína. Tomou antipsicóticos e antidepressivos. Teve alta após melhorar o seu quadro clínico — disse o especialista, afirmando ser impossível saber se Meira teve um surto psicótico no momento do crime — Eu o examinei três horas depois do crime, na delegacia. Ele estava lúcido, sem alteração da consciência psíquica nem idéias desconexas. A sentença deve sair hoje, terceiro dia de julgamento. ■

Fonte: Acervo O Globo (2004).

Figura 62 - Pais do atirador acompanham de longe o julgamento

### Pais de Mateus optam por ficar em silêncio

Família conversa  
todos os dias com o  
rapaz pelo telefone

Hellana Frazão

• SALVADOR. A ausência dos pais de Mateus da Costa Meira em seu julgamento, em São Paulo, não significa que ele tenha sido abandonado. Segundo um dos seus advogados, Domingo Arjones, o oftalmologista Deolindo Meira e a enfermeira Allne Costa Meira, optaram por não se expor, comportamento que adotaram desde a tragédia, em novembro de 1999. Mateus matou três pessoas e feriu outras quatro num cinema no shopping Morumbi, em São Paulo.

Arjones lembrou que, logo após o crime, o médico prometeu "jamais abandonar o filho", embora tivessem uma relação tumultuada. O pai de Mateus vive em Salvador, mas evita falar com a imprensa. Em sua clínica, no bairro de Nazaré, a informação é de que está viajando. A mãe estaria internada em uma casa de repouso.

#### Pais acompanham julgamento pela imprensa

Segundo Arjones, o casal tem acompanhado o julgamento pela imprensa e conversa todas as noites com o filho e com seus advogados pelo telefone:

— Eles sabem que a pena será alta. A única preocupação é com a saúde mental do filho.

O comportamento esquivo de Mateus já chamava a atenção quando ele era aluno do Instituto Social da Bahia, um dos melhores da rede privada. Parentes e vizinhos também dizem que o rapaz sempre teve uma personalidade conturbada, com momentos de agressividade. ■

Fonte: Acervo O Globo (2004).

## #DIA 4: 4 de Junho de 2004

O dia do julgamento e da sentença rendeu ao caso chamadas nas capas dos dois jornais. Contudo, na totalidade das chamadas da capa, o caso acabou tendo um espaço menor hierarquicamente de quando houve o crime, sendo evidente a perda de interesse, até mesmo pela sentença, cujo impacto é inferior. O enquadramento com menos destaque consolida a ideia de que como Mateus passa a ser um assassino julgado como normal, o caso não possui mais o fator insólito, o anormal, e consequentemente, perde valor-notícia.

A Folha de S. Paulo retomou a sentença “*Atirador do shopping*”, cujo o caso é reconhecido até hoje. Mateus passa a ser referido como ex-estudante ou atirador na maioria das vezes. A manchete da página destaca a condenação de 120 anos de prisão, mas, conforme a Lei Federal, o tempo máximo de reclusão que ele pode cumprir é de 30 anos em regime fechado. O julgamento foi encerrado na noite de 3 de junho e noticiado na mídia impressa apenas no dia seguinte.



atunuações da condenação. Afinal, como a juíza reforça, “por ser estudante de medicina, tinha condições de saber quais os efeitos do uso da cocaína e das suspensão da medicação em seu tratamento psiquiátrico”. Nesta fase, é consolidada a culpa do ex-estudante, mesmo com seu transtorno de personalidade esquizóide.

## Figura 64 - Matéria sobre a sentença do julgamento

**CRIME NO SHOPPING** Ex-estudante, que matou três pessoas, passará 30 anos preso, o máximo possível no país; advogados vão recorrer

# Atirador é condenado a 120 anos de prisão

GILMAR PENTADO  
DA REPORTAGEM LOCAL

Mais de quatro anos após invadir com uma submetralhadora a sala de um cinema de um shopping e assassinar três pessoas, o ex-estudante de medicina Mateus da Costa Meira, 29, foi condenado, no final da noite de ontem, a 120 anos e seis meses de prisão.

De pé, o réu ouviu a sentença sem esboçar nenhuma reação —comportamento que manteve durante os três dias que durou seu julgamento. Deixou o plenário ouvindo um coro de “assassino”, gritado por parentes e amigos das vítimas, que acompanharam todo o processo na primeira fila do fórum da Barra Funda (zona oeste de SP). Eles receberam a decisão com aplausos e choro.

Pela decisão, Meira recebeu pena de 19 anos e seis meses por cada um dos homicídios que cometeu, mais 13 anos para cada uma das quatro tentativas de homicídio e oito meses para cada uma das pessoas que expôs a risco —15 no total, número de balas que restaram em sua arma.

A decisão fixa 110 anos e seis meses de pena de reclusão (regime fechado) e dez anos de detenção (pode ser cumprido no regime semi-aberto). A legislação brasileira, porém, prevê reclusão por, no máximo, 30 anos. Mas a sentença de ontem assegura que ele cumpra todo esse período —30 anos— em regime fechado.

Logo após a sentença ser anunciada, os advogados de defesa disseram que irão recorrer.

Os jurados, quatro mulheres e



Maria de Freitas Toledo e Maria Regina de Freitas, prima e tia de Fabiana de Freitas, uma das vítimas

três homens, desprezaram a tese de semi-imputabilidade (de que o ex-estudante tinha apenas consciência parcial dos fatos), principalmente do argumento da defesa.

Segundo a juíza Maria Cecília Leone, pesaram na sentença o uso de cocaína e o fato de ele não ter dado chance de defesa às vítimas.

“As vítimas não tinham responsabilidade nenhuma sobre os problemas do réu. O réu queria matar, e em grande estilo”, disse a juíza. Ela ressaltou ainda que Meira,

por ser estudante de medicina, tinha condições de saber quais os efeitos do uso da cocaína e da suspensão da medicação em seu tratamento psiquiátrico. E ele fez muito pouco, destacou a juíza, para tentar reverter seu quadro comportamental.

Nos debates finais do julgamento, os próprios advogados disseram que Meira não era inocente, mas que ele deveria ser beneficiado pela semi-imputabilidade —o que poderia reduzir a pena em

um terço a dois terços, segundo o Código Penal.

No final do julgamento, os advogados disseram que o júri é nulo porque desprezou, como fator atenuante, o fato de ele ter confessado o crime. O advogado Sérgio Reis também criticou o fato de Meira ter sido considerado capaz de responder por seus atos.

Prevalceu a tese —reforçada pelo depoimento do psiquiatra de Meira, José Cassio do Nascimento Pitta— de que o ex-estudante ti-

nha transtornos de personalidade esquizóide, o que não o impedia de ter consciência de seus atos.

O promotor Norton Geraldo Rodrigues da Silva disse que o ex-estudante recebeu a “pena que deveria receber pelos atos bárbaros que cometeu”. Mas criticou a legislação que prevê reclusão máxima de 30 anos.

Parentes das vítimas de Meira também engrasaram as críticas à legislação. “O Código Penal precisa ser revisto. A pena de 30 anos não é suficiente. Ele vai voltar a cometer crimes quando deixar a prisão”, disse Maria de Freitas Toledo, prima da estudante Fabiana Lobato de Freitas, que tinha 25 anos quando morreu.

“[A condenação] é um alívio, é uma sensação de justiça. Embora isso não traga a Fabiana de volta”, disse Maria Regina de Freitas, tia da vítima.

Além de Fabiana, também foram assassinados a publicitária Hermé Luisa Jatobá Vadasz, 46, e o economista Júlio Maurício Zeimatis, 28.

O crime aconteceu no dia 3 de novembro de 1999. Meira disparou contra espectadores do filme “Clube da Luta”, em uma sessão de cinema no shopping Morumbi, na zona sul de São Paulo.

O então estudante do sexto ano da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo deu um tiro no espelho do banheiro do shopping antes de invadir a sala de cinema na noite do crime. A polícia, de disse que tentava se livrar de vozes de perseguidores imaginários. No júri popular, afirmou que não se lembrava do fato.

### ACUSAÇÃO

*Ele [Meira] recebeu a pena que deveria receber pelos atos bárbaros que cometeu*

NORTON GERALDO RODRIGUES DA SILVA  
promotor

*Ele não é doente mental. Tinha consciência do que fazia. Planejou a compra da metralhadora por três meses*

IDEM

### DEFESA

*Loucura é achar que Mateus é normal; delírio seria pedir a sua absolvição*

DOMINGO ARIONES  
advogado de defesa

*Não é fácil defender um crime dessa natureza. Por isso, pedimos a condenação de Meira, reconhecendo a sua semi-responsabilidade*

IDEM

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (2004).

A cobertura da Folha de S. Paulo também reconstitui o momento em que o filme Clube da Luta foi reproduzido aos jurados. Com destaque ao incompôdo de uma das juradas ao assistir a produção, o título da reportagem é “*Jurada evita cenas violentas do filme*”. A narrativa jornalística frisa que as cenas violentas do filme e a história de uma pessoa com dupla personalidade atraíram Mateus, sendo que ele tinha visto o filme 15 dias antes do crime — uma ressalva nova, já que, em depoimento, em 1999, disse que nunca tinha o visto —, o que deixa mais coerente o fato de ele ter se identificado com o personagem.

A defesa alegava que “a exibição filme daria aos jurados uma melhor compreensão do surto psicótico que Meira teria sofrido no dia do crime”. No entanto, conforme o destaque a fala do promotor, “o filme não pode servir de justificativa para o ato cometido”. A escolha por trazer novamente o filme evidencia que se acredita na tese que filmes e jogos violentos são estimuladores de atos e crimes violentos.

Figura 65 - Defesa reproduz filme para jurados



Movimentação no plenário do fórum da Barra Funda após a condenação de Mateus da Costa Meira

## Jurada evita cenas violentas de filme

DA REPORTAGEM LOCAL

A mão cobre o rosto. O olhar é desviado para o chão. O incômodo também é percebido pela movimentação repentina na cadeira. Só depois, quando a cena violenta cessa, o olhar retorna para o telão.

A reação não é de um simples espectador de cinema, mas de um dos jurados do ex-estudante de medicina Mateus da Costa Meira, 29. O filme é "Clube da Luta", o mesmo que estava sendo exibido na sala 5 do cinema do MorumbiShopping, na zona sul de São Paulo, quando Meira matou três pessoas. O ex-estudante tinha visto o filme 15 dias antes do crime e afirmou, depois dos assassinatos, que chegou a entrar na tela no momento dos disparos.

A fita foi considerada uma das provas no júri popular, e o plenário do fórum se transformou em uma espécie de sala de cinema na madrugada de ontem. Os sete jurados — quatro mulheres e três homens — foram colocados na primeira fila do plenário. Meira foi retirado do local a pedido da

defesa. Somente funcionários do fórum e policiais militares estavam no plenário, que ficou lotado durante o dia.

Sentados lado a lado, os jurados não fizeram comentários — as provas não podem ser discutidas entre eles —, mas suas expressões revelaram surpresas com cenas do filme. A fita mostra um jovem depressivo com dupla personalidade que forma um grupo de lutas que depois passa a realizar atos terroristas e de vandalismo. "Eu me identifiquei com o filme. Falava de uma pessoa com dupla personalidade", disse Meira na última terça-feira, no depoimento ao primeiro tribunal do júri.

### Cenas de luta

Em uma ameaça direcionada a seu patrão, o protagonista do filme disse que sentia vontade de arrumar "uma carabina para atirar para todo o lado". Foram as cenas de luta, no entanto, que provocaram as reações de surpresa da plateia. Uma das juradas evitava assistir a essas imagens, ora colocando a mão no rosto, ora olhan-

do para baixo.

Antes de exibido, o filme provocou uma disputa de forças entre defesa e acusação e por pouco não houve o cancelamento da sessão por problemas técnicos.

Segundo o advogado Domingo Arjones, a exibição do filme daria aos jurados uma melhor compreensão do surto psicótico que Meira teria sofrido no dia do crime. "Existem aspectos que ligam o filme à condição de Meira", disse Arjones.

A acusação afirmou que o filme iria constringer os jurados, por ter cenas de violência. Em votação secreta, eles decidiram pela exibição, só que o DVD trazido pela defesa não funcionou no equipamento do fórum. Foi feita uma nova votação, mas um dos jurados insistiu na exibição.

A juíza Maria Cecília Leone foi até sua casa e trouxe o seu próprio aparelho. A exibição terminou às 3h de ontem.

Para o promotor Norton Geraldo Rodrigues da Silva, o filme não pode servir de justificativa para o ato cometido pelo ex-estudante.

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (2004).

O Globo chama na capa da edição de 4 de junho a condenação do atirador. Na página dentro do jornal não é reservado espaço de amplo destaque, menos de meia página. O título da chamada dá o tempo da condenação, que é de 120 anos. A operação jornalística reconstitui o momento da sentença, cuja *"foi aplaudida pelos familiares das vítimas que acompanharam a leitura"* e os gritos de *"assassino"* que eram destinados à Mateus. Apesar de mais de um século de pena, a reportagem destaca que de acordo com a lei, Mateus *"cumprirá somente 30 anos de prisão"*, sendo a escolha do uso do *"somente"* atribui força semântica à colocação. A narrativa jornalística explica que o crime foi qualificado como hediondo e que a *"Justiça rejeitou a tese defendida pelos advogados de Meira de que ele seria semi-imputável"*. Há uma retomada do que já havia sido publicado sobre a defesa alegar problemas mentais e destaca a frase de um dos advogados: *"Mateus não é normal nem de perto, nem de longe"*.

A seleção de fontes garante a presença da filha de Hermè, publicitária morta, que reforça a ideia de que Mateus não sofre de distúrbios mentais. *"Eles querem*

questionar o psiquiatra particular dele e o laudo pericial que afirmam que ele é normal”, recorte da entrevista feita com a jovem.

O posionamento de que o atirador não é o doente e é o assassino que premeditou fica cada vez mais acentuada na reportagem que finaliza com a acusação, que defende que as crises eram causadas pela droga, afirma: “Os disparos foram pausados e não aleatórios”.

Figura 66 - Chamada da sentença não tem destaque na capa



Fonte: Acervo O Globo (2004).

Figura 67 - Sentença ganha pouco espaço na página

## Atirador do Shopping é condenado a 120 anos

Mateus Meira matou três pessoas e feriu outras quatro

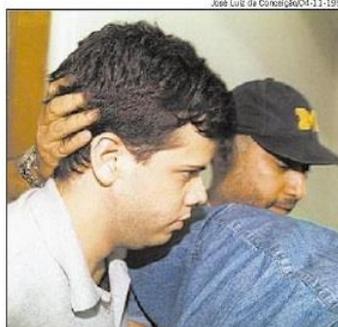
• SÃO PAULO. O ex-estudante de medicina Mateus da Costa Meira, de 29 anos, foi condenado ontem a 120 anos e seis meses de prisão por matar três pessoas, ferir outras quatro e colocar em risco a vida de mais 15 pessoas no Shopping Morumbi, em 3 de novembro de 1999. A decisão aconteceu após três dias de julgamento e foi aplaudida pelos familiares das vítimas que acompanharam a leitura da sentença do 1º Tribunal do Juri na primeira fila do plenário. Eles choraram e gritaram para Meira: "Assassino!".

A defesa do ex-estudante de medicina vai recorrer da decisão. Apesar da pena rigorosa, de acordo com a lei Meira cumprirá somente 30 anos de prisão. Os sete jurados reconheceram também que o crime teve agravantes de que as vítimas não tiveram chance de defesa e que Meira cometeu os assassinatos sob efeito de cocaína. Isso qualifica o crime como hediondo e Meira deverá cumprir a pena em regime fechado. Na sentença, a juíza Maria Cecília Leone estabeleceu 110 anos em regime fechado e os outros 10 em semi-aberto.

A Justiça rejeitou a tese defendida pelos advogados de Meira de que ele seria semi-imputável, ou seja, apenas parcialmente responsável pelos seus atos. Caso fosse aceita, o réu teria redução de até dois terços de sua pena.

### Acusação diz que Meira é consciente de seus atos

A acusação argumentou que Meira é consciente dos seus atos e cometeu o crime por causa do uso de cocaína. A defesa defendeu a tese de que Mateus Meira tem problemas



MATEUS MEIRA: o ex-estudante cumprirá pena em regime fechado

mentais e é parcialmente responsável pelos seus atos.

O advogado Domingó Arijones Neto disse que o laudo pericial que aponta que Meira é imputável — responsável pelos seus atos — "é uma lama". — O Mateus não é normal nem de perto e nem de longe — disse.

Para Karina Valdasz, filha de Hermê Laisa Jatobá Valdasz — uma das vítimas — os argumentos da defesa de Meira são revoltantes.

— Eles querem questionar o psiquiatra particular dele e o laudo pericial que afirmam que ele é normal.

O promotor Norton Rodrigues Silva disse que Meira, desde o instante em que entrou no cinema do Shopping Morumbi, tinha plena consciência de que pretendia matar pessoas. Os familiares das três vítimas latas choraram. A ação de Meira, se-

gundo o promotor, foi impulsionado pelo consumo de cocaína. Exames realizados pelo Instituto Médico-Legal identificaram cocaína no sangue e na urina de Meira logo após sua prisão.

— Ele parou na porta do cinema para se ambientar com a escuridão. Desceu as escadas e começou a atirar. Os disparos foram pausados e não aleatórios — disse Silva.

Segundo a acusação, Meira nunca foi internado por causa de problemas mentais. A única internação ocorreu entre 11 e 19 de outubro de 1999. O relatório do psiquiatra José Cassio do Nascimento Pitta afirma que Meira teve um surto psicótico causado por consumo de cocaína. Para Silva, o acusado tem transtorno de personalidade, que são controlados por antipsicóticos. As crises são causadas por consumo de drogas. ■

Fonte: Acervo O Globo (2004).

### 5.2.2 A Dimensão Imagética do Julgamento

As imagens publicadas no período do julgamento não aparecem com a mesma quantidade e destaque como em 1999. Nenhum dos registros foi utilizado nas capas dos jornais. Além disso, percebe-se que a imprensa não esteve dentro do plenário onde ocorreu o julgamento, por isso, não há registros novos de Mateus ou do evento em si.

#### #DIA 1: 1 de Junho de 2004

Não há registro em imagens em nenhum dos jornais.

#### #DIA 2: 2 de Junho de 2004

Folha de S. Paulo – Duas imagens são escolhidas para compor a primeira reportagem do julgamento. A primeira é uma foto da filha de Hermê, a publicitária vítima dos tiros. A foto acompanha a matéria que refere-se ao tempo que o atirador

planejava o ataque. O enquadramento em primeiro plano destaca o olhar abatido e desviado da direção da câmera. Como visto nos aportes teóricos, a partir das considerações de Butler (2015), a seleção da imagem valida uma perspectiva de quem são os passíveis de tristeza, os que foram realmente afetados pelo crime e a fotografia modifica a formação de sentidos, como a geração de comoção, indignação, pena, entre outros.

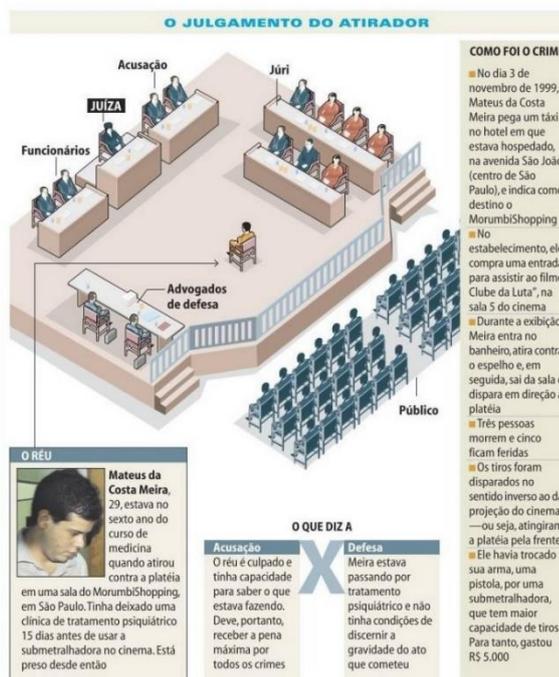
Figura 68 - Filha de uma das vítimas se torna rosto do julgamento



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (2004)

Na mesma página, o jornal apresenta uma ilustração de como será o julgamento – função habitual do jornalismo em demonstrar os cenários a partir de um testemunha ocular. Textos explicam o caso, em uma coluna à direita, e uma foto de Mateus, no dia em que ele foi preso, logo após o crime, para apresentar um perfil de quem era o réu da ilustração.

Figura 69 - Ilustração mostra cenário do julgamento



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (2004).

O Globo – Um registro da filha da publicitária também ganha espaço no jornal O Globo. A jovem aparece sendo entrevistada, contudo, o texto não tem fala dela. Desta forma, não tem uma ligação formalizada entre o texto e a foto, a não ser pela legenda que a apresenta como filha de uma das vítimas. Como mencionado anteriormente, o enquadramento tenciosa mostrar quem são os afetados diretamente pelo crime, já que, ao que tudo indica foi premeditado e foi resultado do uso de drogas.

Figura 70 - Filha de uma das vítimas acredita na premeditação



Fonte: Acervo O Globo (2004).

**#DIA 3: 3 de Junho de 2004**

Folha de S. Paulo – Traz uma imagem do psiquiatra, apresentado na legenda, na matéria que afirma que ele enfraqueceu a defesa do atirador com a afirmação de que Mateus não estava em surto na hora do crime. O enquadramento em formato de perfil direciona o rosto do psiquiatra para o texto, como se houvesse a intenção de enfatizar sua análise sobre a situação de Mateus. O recorte acima dos ombros deixa espaço para o letreiro do tribunal (Figura 71).

Figura 71 - Psiquiatra foi peça importante na sentença



José Cassio do Nascimento Pitta, psiquiatra do ex-estudante

Fonte: Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (2004).

**#DIA 4: 4 de Junho de 2004**

Folha de S. Paulo – Na edição do julgamento, a Folha traz duas imagens que apresentam ligação com o texto. A primeira delas é a foto dos familiares de Fabiana, uma das vítimas, após a sentença. O enquadramento deixa em evidência a emoção e, ao mesmo tempo o sofrimento da perda. Conforme aparece, a prima em entrevista aos jornalistas, o texto também traz sua avaliação sobre o julgamento (Figura 72).

Figura 72 - Família de fotógrafa morta fica aliada com a pena



Marília de Freitas Toledo e Maria Regina de Freitas, prima e tia de Fabiana de Freitas, uma das vítimas

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (2004).

A segunda foto é da porta do plenário onde acontecia o julgamento. O enquadramento distante leva a crer que não era permitido adentrar à sala. A legenda é de ancoragem e não apresenta nenhuma informação nova em relação ao caso. A imagem é utilizada vinculada à matéria que descreve que o filme Clube da Luta foi exibido aos jurados (Figura 73).

Figura 73 - Plenário do julgamento se transforma em cinema

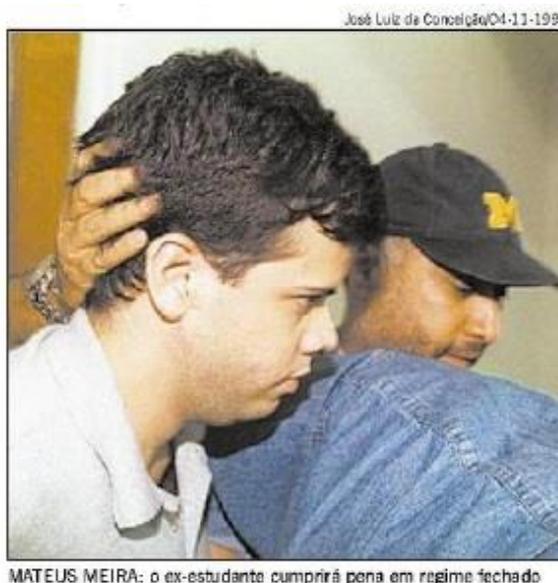


Movimentação no plenário do fórum da Barra Funda após a condenação de Mateus da Costa Meira

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (2004).

O Globo – Uma imagem de arquivo foi o recurso utilizado na matéria sobre a condenação de Mateus e volta a circular. No momento da foto, Mateus era conduzido por policiais dentro da delegacia. A legenda reafirma informações do texto.

Figura 74 - Mesma imagem de 1999 reaparece em 2004



MATEUS MEIRA: o ex-estudante cumprirá pena em regime fechado

Fonte: Acervo O Globo (2004).

As imagens enquanto mancha gráfica, considerando as capas como um conjunto do discurso, não são destaque na fase do julgamento e aparecem somente nas páginas internas, o que deixa evidenciado que o efeito e o valor-notícia atribuído ao caso mudou.

### 5.2.3 Marcas da Loucura na Cobertura do Julgamento

O enquadramento se transforma em relação a visão que se tinha de Mateus, antes, tratado como o estudante de medicina, de classe média, com problemas psicológicos. Mas, no julgamento, o sentido do estudante de medicina passa a enquadrá-lo como alguém que tinha noção do uso de drogas e da falta de tratamento psiquiátrico.

As produções de sentido da loucura foram se modificando. Por outro lado, o estigma mudou de posição, pois não sendo considerado doente mental, não é passível do sentimento de pena. O recorte para o estigma do doente aparece na fala do promotor, quando afirma no julgamento: “*O seu concatenamento de ideia hoje*

*mostrou que ele não é nenhum doente mental*". Ou seja, ele não é doente para agir como tal e, por isso, o crime foi premeditado e intencional.

Mesmo, agora, ele não sendo mais considerado o doente mental como a construção da primeira fase deu evidência, continua a narrativa do seu comportamento, sem demonstrar emoções, como um estereótipo de uma persona com problemas: "[...] ouviu a sentença sem esboçar reações – comportamento que manteve durante os três dias do julgamento". Apesar de ser enfatizado ao longo do julgamento, o transtorno de personalidade esquizoide não ganhou o mesmo espaço como as explicações sobre esquizofrenia em 1999. Sendo o julgamento atrelado mais à polícia do que à saúde, pode ter sido a justificativa para a ausência do aprofundamento do transtorno.

Mesmo que a loucura de Mateus tenha sido apagada no seu julgamento, as expressões dela acompanharam os argumentos e a narrativa da jornalística na retomada do crime. A seguir, nos quadros, foram selecionadas as expressões que mais aparecem na cobertura jornalística do julgamento.

Quadro 3 - Marcas da loucura na cobertura do julgamento pela Folha de S. Paulo

Folha de S. Paulo		
Marcas da loucura	Como se apresenta na reportagem	Fonte
Surtos de agressividade	"O ex-estudante de medicina Mateus da Costa Meira, 29, disse ter vários surtos de agressividade [...]".	Narrativa jornalística a partir do relato do atirador
Sem memória do acontecimento	"[...] ele afirmou não saber o motivo de ter atirado contra as pessoas no cinema nem se lembrar do momento dos tiros".	Narrativa jornalística a partir do relato do atirador
Sem tratamento	"Ele disse sofrer de delírios de perseguição desde a adolescência, mas afirmou que se recusava a se tratar".	Narrativa jornalística a partir do relato do atirador
Vontade de matar	"Ele não tinha sido incluído na primeira lista de aprovados no vestibular de medicina em São Paulo - só entrou na segunda – e, de acordo com a juíza, teria declarado na ocasião que 'teve vontade de ferir ou matar'".	Narrativa jornalística a partir do relato do atirador
Mania de perseguição/vozes	"Eu me sentia perseguido, ouvia vozes e sussurros. Começou na adolescência. De certa forma, queria me livrar dessas vozes".	Mateus
Doente mental	"O seu concatenamento de ideia hoje mostrou que ele não é nenhum doente mental".	Acusação
Esquizóide	"Ele [psiquiatra] deu a Meira o mesmo diagnóstico psiquiátrico relatado em laudo dos peritos nomeados pela Justiça – transtorno de personalidade esquizóide [...]".	Narrativa jornalística sobre o relato do psiquiatra
Surto psicótico	"Meira pode ter sofrido surto psicótico instigado pelo uso da cocaína [...]".	Psiquiatra

Sem reações	“De pé, o réu ouviu a sentença sem esboçar reações – comportamento que manteve durante os três dias do julgamento”.	Narrativa jornalística
Matar em grande estilo	“O réu queria matar, e em grande estilo”.	Juíza do caso
Ele vai voltar a cometer crimes	“A pena de 30 anos não é suficiente. Ele vai voltar a cometer crimes quando deixar a prisão”.	Familiar de uma vítima
Não é normal	“Loucura é achar que Mateus é normal; delírio seria pedir a sua absolvição”.	Advogado

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 4 - Marcas da loucura na cobertura do julgamento pelo O Globo

O Globo		
Marcas da loucura	Como se apresenta na reportagem	Fonte
Não se lembra	“[...] disse que hoje tem consciência do que fez, mas não se lembra do momento em que começou a disparar.”	Narrativa jornalística sobre a fala do atirador no interrogatório
Dupla personalidade	“Ele disse que se identificava com o protagonista, que era esquizofrênico e tinha dupla personalidade”.	Narrativa jornalística sobre a fala do atirador no interrogatório
Sintomas agravados	“Meira disse que é retraído, que tem problemas de relacionamento e que, após começar a usar cocaína, os sintomas se agravaram”.	Narrativa jornalística sobre a fala do atirador no interrogatório
Sem motivo	“[...] matando três pessoas e ferindo outras quatro, aparentemente sem motivo algum. Ele estava sob efeito de cocaína”.	Narrativa jornalística
Doença mental	“[...] disse ontem que o rapaz tem uma doença mental, conhecida por transtorno de personalidade esquizóide, mas considera que ele é consciente dos seus atos.”	Psiquiatra
Surto	“Naquela época, ele estava com um surto psicótico causado pelo consumo de drogas [...] – disse o especialista, afirmando ser impossível saber se Meira teve um surto no momento do crime. [...] – Ele estava lúcido, sem alteração da consciência psíquica nem ideias desconexas”.	Psiquiatra
Anormal	“Mateus não é normal nem de perto, nem de longe”.	Advogado
Controlável	“Para Silva [ <i>promotor</i> ], o acusado tem transtorno de personalidade, que são controlados por antipsicóticos. As crises são causadas por consumo de drogas”.	Promotor

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir deste conjunto de expressões compreende-se que há uma disputa de sentidos na elaboração do caso entre a acusação, promotoria, o jornalismo e o próprio Mateus. A questão é que os lugares por onde os discursos circulam é o jornalismo e o campo jurídico – a sentença –, visto que estes eram, à época, os potenciais espaços de circulação, os quais estão amplificados, hoje, na midiatização.

### 5.3 O RETORNO DO CASO 20 ANOS DEPOIS

Como mencionado neste trabalho, o caso do atirador do shopping foi retomado em 2019, a partir da possibilidade de soltura do criminoso. As mídias jornalísticas divulgaram esse novo desdobramento na mesma data do crime, 3 de novembro, quando fazia 20 anos do fato.

Para contextualizar o que ocorreu no período entre o julgamento em 2004 e a perspectiva da soltura, em 2019, é importante explicar alguns pontos da trajetória. Três anos depois da sentença que condenou o atirador em 120 anos de pena, o Tribunal de Justiça diminuiu para 48 anos e nove meses. Ainda que, conforme a lei brasileira, ele cumpriria a pena máxima permitida de 30 anos. A decisão dos magistrados se deu pelo entendimento que “*os crimes cometidos tratavam de uma única conduta*”, ou seja, uma ação que resultou vários delitos. (TJ..., 2007).

Mateus continuou preso em São Paulo até 2009, quando foi transferido para Bahia, onde mora sua família. Cerca de três meses após a mudança, Mateus atacou um companheiro de cela usando uma tesoura. Depois da tentativa de homicídio, ele ficou um período em uma cela solitária e, em seguida, foi encaminhado a um hospital psiquiátrico de Salvador. Por causa do fato, o atirador voltou ao tribunal.

Em 11 de outubro de 2011, Mateus foi julgado pela agressão que quase causou a morte do outro preso. A decisão do julgamento considerou o atirador inimputável, atendendo “*aos pedidos do Ministério Público e da defesa de Meira, que afirmavam que ele não poderia responder pelos atos devido a distúrbios psicológicos*”. (TRINDADE, 2011). A análise psiquiátrica da época constatou que Mateus sofria com transtorno delirante e doença mental, a esquizofrenia. (FANTÁSTICO..., 2019). Considerado incapaz de responder pelo novo crime, o atirador foi absolvido e continuou no hospital psiquiátrico.

Conforme veiculado em reportagem do Fantástico, na Rede Globo, em 2016, a Justiça entendeu que a doença mental diagnóstica em Mateus “*deveria ser considerada no cumprimento da prisão*” no caso do cinema. Ou seja, ele “*não deve ser punido mais pelo atentado*” e “*não deve voltar para cadeia*”. A reclusão foi estabelecida em formato de medida de segurança.

No entanto, em 2018, segundo apuração do Fantástico, novos laudos psiquiátricos apontam que Mateus “*não tem mais alucinações*”, “*não apresenta mais comportamento agressivo, violento ou inadequado*” e “*não oferece mais risco para si*”.

*e nem para outras pessoas*". Isto é, ele pode sair da internação. Em 2019, novamente, laudos apontaram a recuperação mental de Mateus, sendo considerado apto à desinternação a qualquer momento, se a Justiça for favorável à solicitação da defesa.

### **5.3.1 A Narrativa Jornalística do Caso em 2019**

Na edição do dia 6 de novembro de 2019, a Folha de S. Paulo publicou sobre a novidade do caso. O título da matéria descrito como "*soltura de atirador de shopping preocupa família, diz parecer*", constrói um sentido de medo e traduz o posicionamento contrário a soltura.

No texto, compreende-se que a família mencionada é a do atirador, não das vítimas. A operação jornalística se apropria das informações de um parecer do Ministério Público para a construção da matéria. Além disso, destaca o fator de preocupação utilizando do peso semântico "*até mesmo*", na frase: "*A soltura imediata, sem acompanhamento especializado, de Mateus da Costa Meira, 44, preocupa até mesmo parte da família do atirador*". Na sequência, o jornalismo denota que por causa dessas "*preocupações, de poder haver consequências graves*", que a Justiça pediu novo laudo comportamental.

O Ministério Público defende a soltura de modo gradual, "*que inclua saídas temporárias com devido planejamento e acompanhamento*". É destacada a fala do promotor que explica que "*não há pena perpétua, no Brasil, muito menos em caso de absolvição com aplicação de medida de segurança*". Ou seja, essa medida não durará para sempre.

A reportagem retoma o caso desde o julgamento, a transferência para a Bahia, a nova tentativa de homicídio e a mudança para o hospital. Um ponto a ser destacado é de que, mesmo com o pedido da Justiça por novo exame para verificação da saúde mental de Mateus tenha sido solicitado em maio de 2019, o jornalismo só divulga no aniversário do caso. No entanto, o veículo que trouxe o caso à tona foi o Fantástico, sendo repercutido na Folha de S. Paulo, no impresso, e no O Globo, somente digital, além de outros veículos. Ou seja, deixa implícito que a novidade do caso foi segurada pela mídia para reinserção na circulação em uma data alusiva, de maneira ritualística. O caso do atirador do shopping recebe espaço de permanecer em circulação, mesmo que hierarquicamente menor do que quando o crime aconteceu.

A relevância é tão menor, fica evidente, que não são utilizadas imagens no impresso, sendo que O Globo nem dedicou espaço para o caso na edição impressa. Mas existe e é evidenciado o debate de sentidos sobre soltura, que ganha valor-notícia por ser um caso de repercussão nacional, com altos e baixos. Pelo fato de o crime ter ganhado essa magnitude, o estigma da doença mental é reforçado, pois, apesar da melhora diagnóstica pela ala especializada, ainda se destacam as vulnerabilidades, o perfil que esteve instável a partir do discurso dos pais, da Justiça, dos advogados e dos jornais.

Figura 75 - Matéria publicada na Folha de S. Paulo sobre a soltura

## Soltura de atirador de shopping preocupa família, diz parecer

Justiça pede novo exame sobre saúde mental de Mateus Meira, preso desde 1999

Rogério Pagnan e  
João Pedro Pitombo

**SÃO PAULO E SALVADOR** A soltura imediata, sem acompanhamento especializado, de Mateus da Costa Meira, 44, preocupa até mesmo parte da família do atirador, condenado a 48 anos de prisão por matar a tiros três pessoas e ferir outras quatro em um cinema da zona sul de São Paulo, em novembro de 1999.

Foi com base nessas preocupações, de poder haver "consequências graves", que a juíza Maria do Socorro Santa Rosa de Carvalho Habib (Vara de Execuções) determinou a realização de novo exame comportamental antes de decidir sobre sua soltura de Meira, atendendo pedido da Promotoria.

O primeiro laudo de exame de periculosidade diz que ele "encontra-se compensado, funcional, sem qualquer alteração de comportamento que indique periculosidade" e, assim, "apto à desinternação".

A saída imediata de Mateus, sem um processo gradual de desligamento, que inclua saídas temporárias com devidos

planejamento e acompanhamento, pode ter consequências graves para si, para sua família e para a sociedade. O próprio genitor, senhor Deolino Vanderlei Meira, verbaliza essa preocupação, nos documentos apresentados", diz trecho de um parecer técnico do CAODH (Centro de Apoio Operacional dos Direitos Humanos), destacado pela magistrada em seu despacho determinando novo exame.

O centro de apoio que aponta tais riscos é ligado ao Ministério Público da Bahia. O promotor da área criminal que acompanha o caso, Antônio Villas Boas Neto, também diz defender a necessidade de uma soltura de maneira gradual, após nova avaliação.

"A saída de Mateus da Costa Meira deve ser gradativa e ser realizada com o devido acompanhamento, como deveria acontecer em todos os casos de desinternação. Ele [Boas Neto] explicou que não há pena perpétua no Brasil, muito menos em caso de absolvição com aplicação de medida de segurança", diz nota enviada pelo Promotoria baiana.

O promotor não quis falar

com a reportagem.

Procurado, o pai do atirador, Deolino Vanderlei Meira, não quis se pronunciar.

Meira foi condenado a 120 anos de prisão em 2004. A pena foi reduzida três anos depois pelo Tribunal de Justiça para menos da metade: 48 anos. O atirador cumpriu os primeiros anos de sua sentença em São Paulo, mas, em 2009, a pedido da família, a Justiça determinou a transferência dele para Salvador (BA), cidade de origem do atirador e onde, também, mora parte dos familiares.

Em 8 de maio de 2009, menos de um mês após ingressar no sistema prisional baiano, Meira quase matou um colega de cela com uma tesoura que usava em atividades artesanais. Por isso, foi enviado para um hospital de custódia, onde permanece até agora.

Segundo o Tribunal de Justiça de Bahia, embora a ordem da juíza tenha sido publicada no final de maio, ainda não se sabe se um novo exame foi feito e qual o resultado dele.

O crime cometido por Meira teve grande repercussão. Então estudante do 6º ano

de medicina da Santa Casa de São Paulo, aos 24 anos de idade, o rapaz entrou em uma das salas de cinema do Morumbi Shopping e, com uma submetralhadora 9 mm, passou a atirar a esmo contra as pessoas que assistiam ao filme "Clube da Luta".

Uma das grandes discussões na condenação de Meira foi seu grau de sanidade mental. Os jurados entenderam que ele tinha plena consciência do que estava fazendo. "O réu não foi considerado doente mental", disse, à época, a juíza Maria Cecília Leone.

Já no julgamento, em 2011, pela tentativa de homicídio do colega de cela, Meira foi considerado inimputável (em razão de laudos que indicavam esquizofrenia) e, assim, absolvido.

A Justiça decidiu, com isso, que ele deveria permanecer no hospital de custódia até que um novo exame demonstrasse que tinha condições de conviver em sociedade.

A Folha tentou contato com o advogado de Meira que aparece no processo, Vivaldo Amaral, mas não obteve resposta.

Fonte: Acervo Folha de S. Paulo (2019).

### 5.3.2 As Marcas da Loucura e os Sentidos em Circulação nos Comentários

Até aqui, percebe-se que a produção da loucura se modificou. Primeiramente, o atirador é tido como esquizofrênico e a doença mental passa a ser construída pelo jornalismo. Após, no julgamento, ele é considerado normal e passível do cumprimento da pena em um presídio comum. Anos depois, volta a ser considerado doente, e, agora, pode ser solto.

Nesta fase, a loucura é caracterizada mais com o viés do temor de uma consequência posterior à soltura do que o elemento que levou ao crime do cinema.

Até porque o atentado do cinema, conforme o julgamento, teve o agravante da droga, mas na tentativa de matar o companheiro de cela não. Então, aqui, o atirador, de fato, é considerado como doente mental atestado, mas com seu comportamento compensado.

Devido a passagem do tempo e os avanços tecnológicos, é possível verificar a participação dos atores sociais no compartilhamento de opiniões sobre o caso dentro dos sites de notícia e como o sentido da doença mental foi compreendido.

No site, a Folha de S. Paulo apresentou duas notícias sobre o caso. Primeiro, uma sobre a possibilidade de o atirador deixar a “cadeia” e a segunda, sobre a preocupação da família com a soltura, em ambas, imagens de 1999 e os julgamentos de 2004 e 2011 voltam a circular, como mencionado, elementos que remetem o distanciamento temporal do acontecimento, mas que são reativadas de forma ritualística. A seguir, a captura de imagem das notícias.

Figura 76 - Primeira matéria sobre a possibilidade de soltura veiculada no site da Folha

## Atirador do shopping Morumbi, em SP, pode deixar a cadeia após 20 anos

Ele matou três pessoas e deixou outras quatro feridas com tiros de submetralhadora em sessão de cinema em 1999

[f](#)
[wh](#)
[tw](#)
[ig](#)
[m](#)
[...](#)

3.nov.2019 às 19h59

[Ouvir o texto](#)
A-
A+

**João Pedro Pitombo**

**SALVADOR** Preso há 20 anos após matar três pessoas e ferir outras quatro com uma submetralhadora em um cinema do Morumbi Shopping, em São Paulo, Mateus da Costa Meira, 44, pode deixar a cadeia.

Condenado a 48 e nove meses de reclusão, ele foi submetido a exames médicos e psicológicos e ficou constatado que ele não apresenta alterações no comportamento que indiquem periculosidade.

Clique [aqui](#) e veja a cronologia do crime

1/7 Atirador do Shopping Morumbi



Fonte: Folha de S. Paulo (2019).

Figura 77 - Segunda matéria destaca a preocupação da família do atirador

## Família se preocupa com soltura de atirador do shopping, diz parecer

Justiça determina realização de novo exame de periculosidade após primeiro laudo apontar possibilidade de soltura sem riscos

5.nov.2019 às 8h13

EDIÇÃO IMPRESSA

🔊 Ouvir o texto   A-   A+

**Rogério Pagnan**  
**João Pedro Pitombo**

**SÃO PAULO e SALVADOR** A soltura imediata, sem acompanhamento especializado, de Mateus da Costa Meira, 44, preocupa até mesmo parte da família do atirador condenado a 48 anos de prisão por matar a tiros três pessoas e ferir outras quatro em um cinema da zona sul de São Paulo, em novembro de 1999.

Foi com base nessas preocupações, de poder haver “consequências graves”, que a juíza Maria do Socorro Santa Rosa de Carvalho Habib (Vara de Execuções) determinou a realização de novo exame comportamental antes de decidir sobre sua soltura de Meira, atendendo pedido da Promotoria.

O primeiro laudo de exame de periculosidade diz que ele “encontra-se compensado, funcional, sem qualquer alteração de comportamento que indique periculosidade” e, assim, “apto à desinternação”.



Fonte: Folha de S. Paulo (2019).

Nas duas publicações, os atores sociais não só depreciam o caso como também não acreditam na recuperação mental. Em ambas, o número de comentários são oito. Extraindo da página, há algumas discussões que podem ser destacadas.

O segundo comentário da primeira matéria, a usuária APR afirma *“Esquizofrenia é uma doença tratável. Cadê a família desse sujeito? É família rica, se bem me lembro. Solto, Matheus passa a ser responsabilidade de seus familiares”*, trazendo uma prévia problematização da doença, mas ao mesmo tempo, denota um sentido formado do passado cujo ela lembra, de que a família tinha um status de classe média alta.

Figura 78 - Comentário 1

4.nov.2019 às 8h34

Esquizofrenia é uma doença tratável. Cadê a família desse sujeito? É família rica, se bem me lembro. Solto, Matheus passa a ser responsabilidade de seus familiares.

RESPONDA   2   DENUNCIE

Fonte: Folha de S. Paulo (2019).

O terceiro comentário, de ARF, atribui *“Num país governado por loucos ele é só mais um considerado normal...”*, expressando um sentido de loucura como normalidade vinculado à uma opinião política da situação, o leitor não avalia a doença mental com um problema.

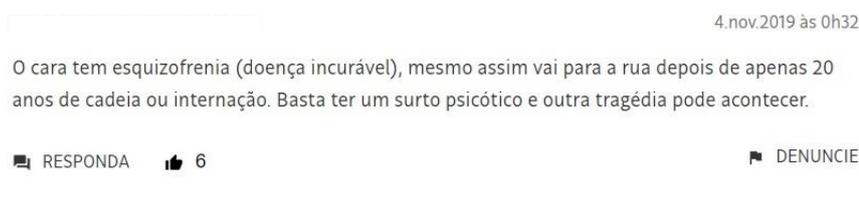
### Figura 79 - Comentário 2



Fonte: Folha de S. Paulo (2019)

Na primeira matéria, o quinto comentário da página, gerou seis curtidas. O leitor FGS comenta *“O cara tem esquizofrenia (doença incurável), mesmo assim vai para a rua depois de apenas 20 anos de cadeia ou internação. Basta ter um surto psicótico e outra tragédia pode acontecer”*, reforçando um sentido estigmatizado da doença mental como gatilho para o crime.

### Figura 80 - Comentário 3



Fonte: Folha de S. Paulo (2019)

O sexto comentário, ainda da primeira matéria, gerou duas respostas e oito curtidas. O internauta JP coloca *“Ah, que boa notícia! Sugiro que dêem para ele uma submetralhadora como prêmio por bom comportamento. Outra coisa: coloquem o juiz que pretende libertá-lo sempre na mesma sessão de cinema com um saco de pipoca e refrigerante. Só pra ele não ficar sem companhia, coitadinho [...]”*. O leitor, mesmo se inteirando da notícia, deixa claro que não concorda com a liberação de Mateus e, com um tom de zombaria, usa a doença como motivação de pena, na menção de que ele precisa de companhia. A primeira resposta, MC, comenta que *“uma lei que deveria ser revista. Ele é perigoso para a sociedade”*, ela começa tensionando um ponto relevante, mas terminar reforçando o estigma da construção do doente mental perigoso e reincidente. Por último, a segunda resposta, traz um posicionamento mais

reflexivo do caso com alguns pontos mencionados na reportagem: *“Sem dúvidas que ele cometeu um crime terrível, mas cumpriu mais de um terço da pena integral, lembrando que não se pode encarcerar mais que 30 anos pela lei atual. O tempo de detenção até que está acima da média, embora tenha sido julgado como capaz mentalmente. A lei deve ser para todos mesmo, até para os condenados”*, diz o leitor WS. O comentário desse leitor abre caminho para outros sentidos, diferentemente dos outros que se colocaram de forma preconceituosa com a doença, WS pensou em relação ao tempo de prisão e de que ele não deve ser diferente de outros, criminosos ou doentes, na aplicação da lei.

#### Figura 81 - Comentário 4

3.nov.2019 às 20h14

Ah, que boa notícia! Sugiro que dêem para ele uma submetralhadora como prêmio por bom comportamento. Outra coisa: coloquem o juiz que pretende libertá-lo sempre na mesma sessão de cinema com um saco de pipoca e refrigerante. Só pra ele não ficar sem companhia, coitadinho. Bem, mesmo ele sendo um anjinho, sugiro que sempre ande de macacão cor de laranja para que outras pessoas de bem possam tirar selfies com ele quando ele estiver em liberdade.

RESPONDA  8 DENUNCIE

---

4.nov.2019 às 9h10

Uma lei que deveria ser revista. Ele é perigoso para a sociedade.

 1 DENUNCIE

---

3.nov.2019 às 23h41

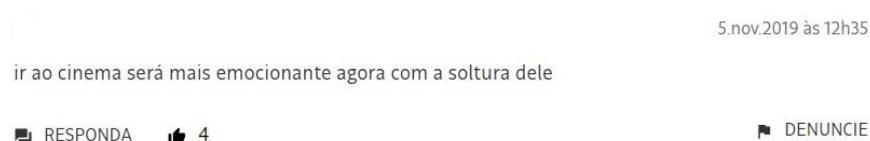
Sem dúvidas que ele cometeu um crime terrível, mas cumpriu mais de um terço da pena integral, lembrando que não se pode encarcerar mais que 30 anos pela lei atual. O tempo de detenção até que está acima da média, embora tenha sido julgado como capaz mentalmente. A lei deve ser para todos mesmo, até para os condenados.

 0 DENUNCIE

Fonte: Folha de S. Paulo (2019).

Na segunda matéria, sobre a preocupação da família, o primeiro comentário, em tom irônico, o internauta FC diz que *“ir ao cinema será mais emocionante agora com a soltura dele”*, expondo o julgamento de que se Mateus estiver solto, o episódio acontecerá novamente, descredibilizando a melhora do comportamento.

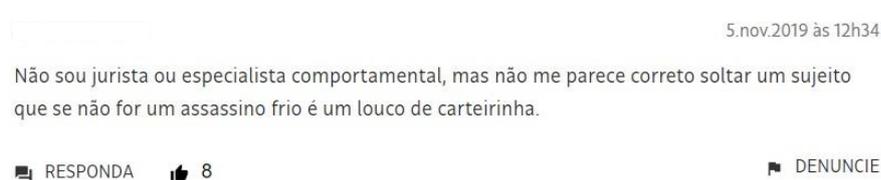
### Figura 82 - Comentário 5



Fonte: Folha de S. Paulo (2019).

O segundo comentário é novamente do leito JP, que coloca: *“Não sou jurista ou especialista comportamental, mas não me parece correto soltar um sujeito que se não for um assassino frio é um louco de carteirinha”*, que replica a caracterização estereotipada da frieza e denota de forma pejorativa a loucura.

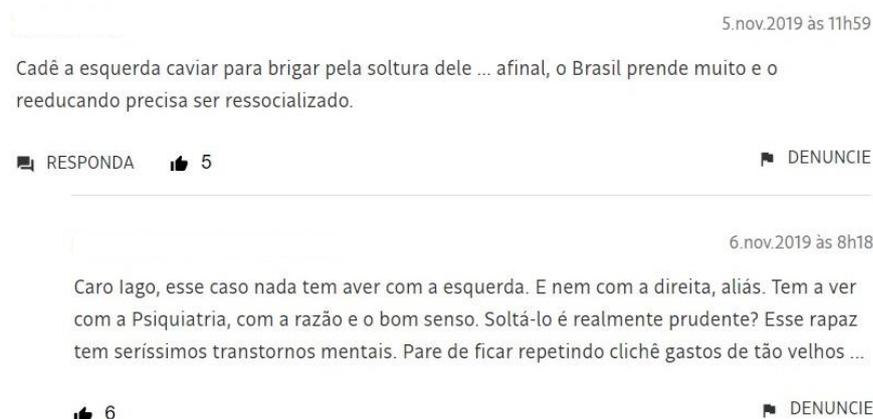
### Figura 83 - Comentário 6



Fonte: Folha de S. Paulo (2019).

O terceiro comentário, IMZ levanta uma discussão ideológica sobre a ressocialização de apenados, ele diz *“Cadê a esquerda caviar para brigar pela soltura dele... afinal, o Brasil prende muito e o reeducando precisa ser ressocializado”*, ou seja, ele faz uma provocação se há quem defenda a reinserção de Mateus à sociedade. O comentário tem cinco curtidas e a resposta do internauta HLB, que discorda de Iago e apresenta uma reflexão vinculada à doença: *“Caro Iago, esse caso nada tem a ver com a esquerda. E nem com a direita, aliás. Tem a ver com a Psiquiatria, com a razão e o bom senso. Soltá-lo é realmente prudente? Esse rapaz tem seríssimos transtornos mentais”*. Neste é possível notar que o sentido criado sobre a dúvida sobre a soltura não diz respeito ao crime do cinema, mas o temor é em relação às possíveis maldades que Mateus pode fazer sendo alguém com transtornos mentais à solta. Os demais comentários não se relacionam diretamente com os sentidos da loucura.

### Figura 84 - Comentário 7



Fonte: Folha de S. Paulo (2019)

Os atores sociais como participantes da discussão da soltura se inserem no processo de circulação de sentidos criados a partir da construção midiaticizada do atirador do shopping. Além disso, reforçam estigma, estereótipos e fazem alegações que colocam Mateus, o doente, não passível da ressocialização. Ainda, dentro do espaço dos comentários abrem o caminho para discussões outras sobre a pena, a lei brasileira, a política, a esquerda e a direita, disponíveis no ANEXO A desta pesquisa. Ou seja, o crime e as vítimas são secundários para um debate social sobre pautas elegidas como importantes, mas que já estão no senso comum em circulação. Quanto ao criminoso, independentemente de ser doente ou não, há uma perspectiva temerária, de que ao retornar o convívio irá cometer novamente. Ou seja, ainda que a liberdade possa ser alcançada juridicamente, nunca o será socialmente seja pelo estigma do louco, seja pelo do assassino.

#### 5.4 A CIRCULAÇÃO DISCURSIVA DO ATIRADOR DO SHOPPING

A produção de sentido da doença mental foi sendo modificada ao longo da cobertura do crime, no julgamento e na possibilidade de soltura do atirador do cinema, como visto nos materiais analisados. No primeiro período, a cobertura em 1999 inicia de forma mais informativa, mostrando detalhes do crime, de como e onde ocorreu e quem o cometeu. Há a menção da esquizofrenia por meio do próprio atirador, mas não há um aprofundamento imediato. O acontecimento ganha uma prioridade, muito pela crueldade, pelos elementos que o tornam diferente, como o local, a relação criada com o filme e as características do atirador. Aqui, o caso tem uma abordagem pelo

jornalismo policial, em que a apuração tem uma predominância de sentidos a partir da fala de fontes oficiais de segurança.

Como mencionado nos aportes teóricos, foi possível verificar que as primeiras reportagens dependeram da conversão das informações dispostas no texto do depoimento divulgado pela polícia. A operação jornalística adequa o discurso apurado pela polícia para a construção jornalística do caso.

Após, o acontecimento se desdobra em relação a doença mental, com enquadramentos que colocam em dúvida a sanidade do atirador, já que em muitas matérias é destacado o fator de que Mateus alegava ouvir vozes que o mandavam matar. Além disso, há a ênfase de um perfil introspectivo, calado – atributos que foram se tornando sinônimos para alguém com problemas mentais e são perceptíveis recorrentemente em outros crimes, inclusive em atuais. A anormalidade do criminoso ganha visibilidade, nos dias seguintes, pelo menos por uma semana.

Ainda na primeira fase, fica evidente circulação com a existência de uma disputa de sentidos sobre o que é a doença, sobre os efeitos da droga e a condição de fala do delegado, do psiquiatra, das vítimas, dos familiares, do próprio atirador e do jornalismo. São vários agentes sociais tensionando opiniões e análises sobre o mesmo fato, cada um reforçando discursos do que é doença, do que é crime e quem é Mateus. Como trazido por Rosa (2018), a partir de Verón (2004), a circulação atua mais do que o espaço entre dois pólos, aqui é o ponto onde os sentidos se transformam.

Nesta fase, quando a Folha de S. Paulo faz uma edição voltada para esclarecimentos sobre a doença mental – a esquizofrenia, levantando as características do distúrbio mental e trazendo dados relacionados com a criminalidade, apontando que são raros os casos que o doente se envolve em delitos – a escolha do enquadramento apresenta Mateus como o estudante de medicina com problemas psicológicos que vinham desde a adolescência, que pelo envolvimento com drogas, teve sua condição agravada. Enquanto O Globo não enfatiza com tanta força o estudante doente, mas escolhe e repete nas cartolas o termo “matador” ao se referir ao atirador, denotando uma posição que o julga como cruel, culpado, entre outros sentidos da palavra.

Mas a prisão e distanciamento temporal abre para mais desdobramentos, como o laudo psiquiátrico pedido pela Justiça, que demorou cerca de um mês, fez com que o caso sofresse um desaparecimento gradual nas páginas de jornais. Pode-se afirmar

pela comparação do número de páginas, em que no dia 5 de novembro, o jornalismo utiliza 10 páginas para repercussão do caso. Em menos de 20 dias, como observado em pesquisa exploratória no corpus, o assunto rende uma nota de poucos centímetros dentro de uma coluna, na Folha de S. Paulo. No O Globo, o caso perde espaço antes, em menos de 15 dias, o jornal utiliza também apenas uma nota para trazer atualização do caso.

Chega o julgamento, em 2004, quando o caso retorna em formato de cobertura jornalística. Contudo, Mateus já não é mais considerado doente mental, então, torna-se um criminoso comum e não existe mais o fato da atualidade que garante a prioridade, como o crime. Perde-se o valor-notícia do anormal, do incomum e, desta forma, também interesse. Nas capas dos jornais, o caso já não aparece como principal, nem no dia da sentença, cujas chamadas ficam entre outras, sem nenhum destaque. Mesmo assim, o caso ainda importa pela sua condenação, no aspecto jurídico e pela proporção do crime.

Do primeiro período para o segundo, a construção da caracterização do atirador, com uma personalidade dupla, de criminoso e articulador da própria defesa com a narrativa da loucura, forma um sentido novo em que não se consegue mais vê-lo como antes. Se ele interpretou um personagem com doença mental, o jornalismo comprou a ideia. Em função do valor-notícia, de uma boa manchete, de um desdobramento interessante, mas que, no julgamento, com o próprio laudo atestando as condições de entendimento do certo e errado, a cobertura é enfraquecida assim como a defesa do atirador.

Ainda na segunda fase, o filme é retomado como elemento que influenciou no crime. As cenas violentas, a personalidade do personagem, foram pontos de destaque nas narrativas da defesa e do jornalismo. No final, quando Mateus foi sentenciado, já não se tornou relevante reativar esse elemento.

Apesar de longos períodos de distanciamento dos eventos, a circulação de sentidos sobre o caso não parou. O terceiro e último período, a possibilidade de soltura de Mateus, há um deslocamento de sentido, pois o atirador já não é mais um preso, mas um paciente internado. Nesta fase é evidenciada a preocupação da soltura de Mateus, em que há dúvidas sobre a melhora de sua condição como doente – o que lembra a história da loucura, de Foucault (1978), quando, no século XIX, o louco deixa de ser questão jurídica e passa a ser médica.

O debate da soltura foi repercutido, primeiramente, de forma audiovisual, através de uma superprodução jornalística do Fantástico, que trouxe laudos, especialistas, sobreviventes ao atentado, exceto Mateus e a família. Como mencionado, o caso foi trazido à tona de forma ritualística, por causa da passagem dos 20 anos do caso. Mas o laudo que atestava a recuperação da sanidade mental do atirador já existia há quase dois anos. Foi um acontecimento suscitado por interesse midiático, de acordo com Charaudeau (2009).

Em relação aos comentários, que só aparecem na última fase, a recepção atua na revelação dos sentidos produzidos reportagem e, em outros patamares, na construção de novos sentidos. Foi possível verificar que os leitores, por não terem entendimento amplo do caso ou da doença, por vezes, produzem sentidos relacionados à loucura de maneira estigmatizada e pouco problematizada. Ou seja, conforme os comentários expostos, o atirador é louco e merece permanecer preso ou se ele for solto reincidirá no crime.

No final da primeira para segunda fase, é percebido o apagamento do sujeito. Na terceira, se consolida, pois a narrativa jornalística já não reproduz mais as falas do atirador. Nos julgamentos, por exemplo, é reforçado o assujeitamento de Mateus, quando os discursos que circulam são construídos por advogados, vítimas e testemunhas. Ele não é mais o sujeito da própria vida quando passa a ser construído pelo discurso de outros.

Aqui, circulam também sentidos estigmatizantes da loucura, já que se procura uma justificativa para a ação do atirador, ou seja, a motivação seria a doença mental não tratada. Enquanto a defesa, garante a instabilidade mental e que Mateus “está longe de ser normal”. Tal procura por explicação pode ser como um fator em que imaginário coletivo atua, pois, além das produções do cinema, em que o criminoso é deturpado e tem um passado problemático, existe a tendência midiática de ficcionar a realidade – forçando um paralelo entre a vida e os filmes.

As vítimas sofreram com a exclusão com o passar do tempo. No início, como toda cobertura policial, há a ênfase do dualismo, os dois lados, o bom e o ruim, o vilão e os heróis. Também é visível o enquadramento das fotos nos velórios das vítimas do atentado, aqueles, que de acordo com Butler (2015), são os passíveis de luto, o lado que gera comoção na recepção. Além da formação do posicionamento culpabilizando o atirador e aceitando a premeditação, ao enfatizar o sofrimento das famílias. O jornalismo até tentou contato posterior com a família de Mateus, mas a

decisão dos familiares foi se manter distante dos holofotes do caso, considerando que os próprios pais não negaram os atos do filho.

No julgamento, as vítimas e familiares ganham novamente espaço, pois a operação do jornalismo necessita de atores sociais para ocupar o espaço público no acontecimento. Assim como na Folha, houve a abertura de espaço para artigos de opinião e, inclusive, para colunistas atribuírem opinião sobre o caso do atirador do shopping.

Nestes três períodos do mesmo caso, a loucura foi questionada, derrubada e, de novo questionada, mas todas em sentidos diferentes e articuladas pela hierarquização de discursos e apropriações do jornalismo. O tempo, o espaço e a hierarquização, como trazidos por Charaudeau (2009) e Verón (2004), elementos que compõem as marcas de operações da produção, também atuam de forma diferente entre o primeiro e o terceiro período. Inclusive, é notada a passagem do caso pelas instâncias dos critérios externos de hierarquização, que dizem respeito a forma em que o acontecimento surgiu. Primeiro sendo como acidente, sem o planejamento, após o programado, o julgamento e, por fim, o suscitado, provocado por interesses, a veiculação da possibilidade de soltura.

Por último, a partir da análise do caso fica evidenciado que a atuação jornalística na área policial tem a necessidade de novidade para reinserir novos sentidos na circulação do caso. Depois do crime, em que houve desdobramentos da construção do atirador, com fontes, investigações, imersões na rotina de Mateus, o jornalismo policial fica dependente de um laudo, de uma prova nova, de uma fonte que sabe mais. Diferentemente, de quando o jornalismo focado em saúde é acionado, momento em que já não há mais desdobramentos factuais, o jornal destaca o debate sobre a doença mental como forma de manter um evento espetacular em circulação.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei esta pesquisa com a premissa de que o jornalismo policial age de maneira não aprofundada quando o crime se relaciona com a doença mental. Entendendo o jornalismo como um lugar de produção e circulação de sentidos, trazer à tona esse assunto se reflete em uma percepção que considero relevante em tempos atuais. O jornalismo frequentemente recorre a termos e discursos que reforçam a estereotipagem e a estigmatização do doente mental, antes mesmo de uma avaliação especializada, em situações que envolvem crimes. Ou seja, a prática jornalística na ânsia de informar com agilidade acessa aos recursos mais rápidos, como a boletins de ocorrência e o contato com policiais – até porque, como repórter, muitas vezes, esta é toda informação que se pode ter acesso. No entanto, o desafio do jornalista não é usar o boletim, mas se limitar a ele como substituto da apuração jornalística, sendo assim ventríloquo da polícia.

O jornalismo no seu papel de mediar, interpretar e traduzir informações para sociedade, age na tentativa de explicar as motivações de um crime. Como exemplo, existem os crimes que são compreensíveis psicologicamente por um interesse inerente, como roubos, furtos e homicídios, porque existe a motivação racional, embora não sejam justificáveis. Mas há também aqueles onde há a ruptura do que é considerado normal – sendo a normalidade um conceito relativo ao núcleo no qual o indivíduo está inserido –, como entrar em uma sala de cinema e disparar contra uma plateia sem um interesse racionalmente explicável, a não ser pela existência de um transtorno mental.

Em um primeiro momento, cria-se um sentido de que o indivíduo com transtorno mental é agressivo e suscetível a surtos, que levam ao crime, sem nem mesmo a comprovação da presença da doença. Essa relação da loucura com o ato criminoso permeia o senso comum e está cristalizada no imaginário coletivo, vem de uma construção histórica, como mostra Foucault (1978). Além disso, as expressões que envolvem a loucura são usadas corriqueiramente no vocabulário de pessoas que desconhecem as doenças mental e suas nuances. Outro ponto em que o louco é fortemente explorado é nas produções cinematográficas sob o aspecto do desvio de comportamento, daquele que não segue as regras, que demonstra frieza e que vive de forma inadequada. Existe a ideia de ficcionar a realidade quando acontecem crimes incomuns.

É importante destacar que tento expor nessa discussão uma dificuldade do jornalista que faz a cobertura em tratar de crimes que envolvam esses apontamentos, pois talvez não seja o objetivo do profissional enquadrar o indivíduo como louco ou como doente mental, mas há limitações em formas de lidar com a situação. Termos como doença mental ou loucura já carregam todo um imaginário composto por estigmas e, por isso, é compreensível que a narrativa talvez seja rasa. Ainda existe o desconhecimento na forma de tratar a loucura, não só a cargo do jornalista, mas de toda a sociedade.

Essa relação se presentifica em diversos outros casos, embora esta pesquisa tenha usado como recorte apenas um acontecimento, a exemplo de um crime mais atual, como o caso do menino Rafael Winkes, morto pela mãe em Planalto, no interior gaúcho. Na cobertura dos desdobramentos, o jornalismo se apropria das informações da investigação para a construção de um perfil que explique as motivações de assassinar o próprio filho. Contudo, a reportagem traz os indícios de transtornos mentais a partir de uma análise da perícia criminal e não psicológica. A partir da circulação do sentido criado, com os enquadramentos apresentados na reportagem, a mãe do Rafael não será mais vista da mesma forma.

Em relação ao problema desta pesquisa, como a doença mental é construída a partir do caso de investigação, foi visto que em um primeiro momento ela aparece somente como indício, em uma cobertura que começa mais informativa e é guiada pelo jornalismo policial. Quando o crime gera repercussão, como este do atirador do shopping, o jornalismo se utiliza daquilo que é incomum, o anormal, a ruptura da realidade de um humano, para a espetacularização do crime. O tema gera manchetes, desdobramentos, debates e até conteúdos suscitados, como visto na análise. É nessa parte que a área policial é estendida à área da saúde. Quando já não existe mais o factual, correspondente à cobertura policial, é visto que a narrativa jornalística se prolonga para além do tempo do acontecimento.

Diferentemente da hipótese colocada na pesquisa, que falta problematização do jornalismo quando o acontecimento envolve crime e loucura, entende-se que, apresentação da doença mental é superficial na forma inicial do caso, quando se desconhece o contexto do criminoso, quando ainda não existem fontes para trazer sentidos sobre a loucura, como exemplo os pais. Mas, como foi no caso do atirador, a doença mental foi construída de forma gradual e debatida nos dias seguintes ao crime, mas não somente na ambiência do jornalismo policial.

Para que essa discussão fosse possível, os aportes teóricos passaram pela contextualização da prática jornalística policial e de saúde. Pode-se verificar que o movimento do jornalismo policial é mais dependente do acontecimento factual e das fontes policiais para a explicação do caso. Enquanto, na área da saúde, os temas são mais voltados para uma perspectiva analítica, de descoberta e de prevenção. Também foram expostos apontamentos de Goffman (2004) sobre o estigma e estereótipo para a compreensão do tratamento vivido por indivíduos com doença mental. Além da relação que existe da doença mental com a exclusão, a partir dos estudos de Foucault (1978).

Esta pesquisa também opta pelos enquadramentos midiáticos, no qual houve a compreensão da prática jornalística nas operações de seleção, exclusão ou ênfase – ponto que considero de suma importância no entendimento da construção noticiosa. O enquadramento é uma via propícia para a análise midiática, sendo um modo de entender a forma como o indivíduo constrói sua experiência pessoal com base na seleção disposta, além de provocação gerada a partir da ideia de que o que foi destacado não passa de um ponto de vista.

Por último, o trabalho passa pelas bases teóricas sobre a midiaticização no contexto jornalístico e os formatos que ela possibilitou de interação em produção e recepção. Compreende-se, então, a circulação discursiva dos sentidos, a partir de Verón (2004), onde ocorrem as interações e a disputa de sentidos, que corresponde ao entre a produção e o efeito gerado na recepção. Além das contribuições da construção do acontecimento baseadas nas teorias de Charaudeau (2009) – autor que trouxe conhecimentos inéditos e valiosos da prática do jornalismo.

O jornalismo promove uma abordagem que molda o acontecimento de acordo com os enquadramentos midiáticos. A partir da análise do caso do atirador do shopping é possível afirmar que os sentidos da doença mental foram sendo modificados a cada nova inserção de atores sociais e, principalmente, a cada retomada. No primeiro período se torna visível, a partir do segundo dia de cobertura, em que o jornalismo teve tempo para mais apurações, Mateus passa a ser visto mais como louco do que como um criminoso comum. O isolamento, o tratamento psiquiátrico abandonado, o histórico com problemas relacionados à família, reforçam a teoria do surto psicótico. Ou seja, o enquadramento da ênfase às vozes que ele ouvia, às perseguições, às opiniões de pessoas que o conheciam, levam a crer que a ele é doente mental. A construção é coletiva e verossímil.

No entanto, se por um lado existe a doença carregada pelo estigma, por outro, principalmente, vinculado aos sentidos atribuídos pela polícia e pela acusação, Mateus é um criminoso calculista, que premeditou o crime de forma que ele parecesse louco – situação também estigmatizadora, já que cria-se o sentido da falsidade sobre a doença para atenuação da pena. Existe essa disputa, como mencionado na pesquisa. Os bilhetes, a pirataria, ser estudante de medicina, levam a crer que ele tem as funções mentais normais. Desta forma, não teria motivos para a pena ser atenuada.

Após, no julgamento, o acontecimento foi afetado pela hierarquização do jornal, perdendo espaço editorial e de debates. Ou seja, se ele é normal, não é diferente de outros criminosos, perde impacto. A doença mental, apesar de citada, é descartada nessa fase. No entanto, o caso volta à tona, antes mesmo da possibilidade de soltura do atirador, quando ele passa por um novo julgamento, em 2011, em que a doença mental é, de fato, diagnosticada e levada em conta na sentença.

Já em 2019, quando surgem os laudos que atestam que Mateus está controlado e pode voltar ao convívio social, o enquadramento destaca que há uma preocupação, uma aflição, da família do atirador, independentemente de ser doente ou não. Apesar de possibilidade ser estar livre, Mateus não estará livre do estigma do louco ou do assassino. Nos comentários, inicia-se uma discussão sobre penas, mas não é problematizada.

Então, respondendo ao problema da pesquisa, a doença mental é construída no caso do atirador de forma não linear. Apesar do grande desdobramento em cima de opiniões de especialistas, principalmente pela Folha de S. Paulo, cujo jornalismo apostou na existência da doença mental, não foram evitados os reforços ao estigma e aos estereótipos com reportagens, como por exemplo, as que levaram as chamadas: “*surto desencadeia violência*”, “*como saber se seu filho tem distúrbios mentais*”, “*estudante recusa remédio porque diz que quer permanecer consciente*”. Além disso, na edição que mais aborda informações sobre doença mental é a que mais reforça o preconceito, à exemplo da exposição do relato de um paciente esquizofrênico que teme perder a consciência.

Para mostrar o outro lado, os enquadramentos moldam formas de reconhecimento a partir da dimensão imagética, nos velórios, por exemplo, destacando os que são passíveis do luto. No primeiro período, de maior destaque, as imagens do caso enquanto mancha gráfica complementam o conjunto da narrativa sendo colocadas nas capas dos jornais. Em várias páginas há o dualismo, as fotos

colocadas frente a frente, um lado expondo atirador que não negou ao crime, no outro um velório que há o sofrimento, consolidando um prejulgamento midiático. Há também a hierarquização do movimento das fotos, da seleção e recorte. Além da retomada das imagens, no formato online, de maneira ritualística, nos 20 anos do caso, e da exclusão das imagens nos meios impressos. Imagens do Mateus, atualmente, não foram encontradas.

A identificação discursiva das marcas da loucura nas reportagens também proporcionou uma ampla visão de como é a produção de sentidos dos atores sociais ao estarem do crime e da loucura. Mas, como mencionado nas limitações da pesquisa, o acesso aos comentários só foi possível no último período de pesquisa.

Ao longo da análise, ao ir descobrindo o caso e as viradas sobre a loucura de Mateus, posso destacar que, pessoalmente, as mudanças também aconteceram. Existia uma ideia preconcebida de que a doença mental não era problematizada, hoje, acredito que ela seja, mas não de forma esclarecida, não livre de estigmas e nem em todos os casos. O caso do atirador do shopping, assim como o caso Richthofen, ganhou tamanha repercussão que o jornalismo utilizou dos assuntos que o crime envolvia para a produção de suítes enquanto ainda existia o interesse e a audiência. Mas ainda há a inquietação que a circulação de sentidos sobre a loucura aconteça em casos menores, em que o jornalismo não acompanha desdobramentos e não traz discussões. Ou seja, defendo que a doença mental – incluindo aqui, a perturbação, a esquizofrenia, transtorno persecutório, entre outros – seja atribuída, em diversos casos, como forma de dar sentido ao crime, tanto pela polícia, quanto pelo jornalismo, mas que não corresponde à realidade até uma avaliação psiquiátrica. Além disso, dependendo da abordagem feita outras pessoas portadoras de síndromes e distúrbios podem ser vistas como criminosas potenciais, mesmo quando são dóceis ou medicadas, isto porque a desinformação é tão letal quanto os crimes vinculados à loucura.

Destaco, assim, a importância deste trabalho para minha carreira profissional. A partir desta pesquisa tive a oportunidade de ampliar conhecimentos que foram inspirados pelo interesse sobre a área criminal. A compreensão sobre os enquadramentos midiáticos e como eles agem na construção da reportagem, com análise de pontos de vistas, seleção de fontes e imagens poderão ser repensados durante a prática jornalística – e já estão fervilhando a cada nova pauta. Além disso, a ciência sobre circulação também estará inerente ao exercício do jornalismo,

compreendido como espaço de produção e circulação de sentidos. Em tempos de crimes tão violentos que despertam a curiosidade, desejo que o meu trabalho seja relevante no campo da comunicação, tendo em vista a inauguração de uma relação duas áreas do jornalismo – polícia e saúde – e a possibilidade de continuidade da discussão com o aprofundamento das ideias expostas nesta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTO, Fellype. Agressor de Bolsonaro tem doença mental e é inimputável, diz juiz. **G1**, 27 maio 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2019/05/27/juiz-federal-diz-que-agressor-de-bolsonaro-tem-doenca-mental-e-e-inimputavel.ghml>. Acesso em: 15 set. 2019.
- ARAÚJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e Saúde**. 20. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.
- ATIRADOR do shopping vai a júri amanhã. **Folha de S. Paulo**, 31 maio 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff3105200411.htm>. Acesso em: 15 set. 2019.
- ATO violento é imprevisível. **Folha de S. Paulo**, 07 nov. 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0711199903.htm>. Acesso em: 15 set. 2019.
- AZEVEDO, Ana Paula Margarido de. Jornalismo de saúde: novos rumos, novas literacias. **Comunicação e Sociedade**, v. 22, p. 185–197, 2012. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=a9h&AN=91274284&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 27 abr. 2019.
- \_\_\_\_\_. **Jornalismo em Saúde: Uma visão transcontinental**. Braga: Universidade do Minho, 2009. Disponível em: [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10845/1/Mestrado\\_AnaAzevedo.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10845/1/Mestrado_AnaAzevedo.pdf). Acesso em: 27 abr. 2019.
- BARROS, Ana Tais Martins Portanova. **Sob o nome de real: imaginários no jornalismo e no cotidiano**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003. Disponível em: [https://www.academia.edu/4276557/Sob\\_o\\_nome\\_de\\_real](https://www.academia.edu/4276557/Sob_o_nome_de_real). Acesso em: 24 abr. 2020.
- BATISTA, Maiara Carvalho; RIZZOTTO, Carla Candida. Do acontecimento à notícia: uma análise da cobertura jornalística da morte de um político/Of the news event: an analysis of media coverage of the death of a political. **Revista Temática**, Ano XII, n. 08. Agosto/2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/30197/15959>. Acesso em: 2 junho\_2020.
- BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo. Hucitec, 1993.
- BENETTI, Marcia. Jornalismo e imaginário: o lugar do universal. In: KUNSCH, Dimas. (Org.). **Esfera pública, redes e jornalismo**. São Paulo: E-papers, 2009. p. 286-298. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Marcia\\_Benetti/publication/338338845\\_Jornalismo\\_e\\_imaginario\\_o\\_lugar\\_do\\_universal/links/5e0de4a692851c8364ac1bec/Jornalismo-e-imaginario-o-lugar-do-universal.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Marcia_Benetti/publication/338338845_Jornalismo_e_imaginario_o_lugar_do_universal/links/5e0de4a692851c8364ac1bec/Jornalismo-e-imaginario-o-lugar-do-universal.pdf). Acesso em: 23 abr. 2020.

BENTO, Mariana Figueiredo Silva. O estigma da doença mental e os meios de comunicação social. Dissertação de Mestrado em Antropologia Médica da Universidade de Coimbra. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2014. Disponível em: <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/26881/1/Tese%20de%20Mestrado%20Mariana%20Bento-%20O%20Estigma%20da%20Doen%C3%A7a%20Mental%20e%20os%20Meios%20de%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20Social.pdf>. Acesso em: 30 set. 2020.

BIANCARELLI, Aureliano; LAMBERT, Priscila. POR QUÊ? Como o estudante de medicina que matou 3 no MorumbiShopping, 1% dos adultos sofre de esquizofrenia ou de outro distúrbio mental, mas é necessário um coquetel de fatores para desencadear um acesso violento. **Folha S. Paulo**, 07 nov. 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0711199901.htm>. Acesso em: 15 set. 2019.

BILL, Bruna Greicy. **Catarse midiática: a tragédia no jornalismo pós-moderno**. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2010. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bill-jornalismo-jornalismo.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2019.

BORELLI, Viviane. Miatização, crise da enunciação jornalística e a multiplicidade de enunciadores. **ALCEU** - v. 18 - n.35 - p. 35 a 46 - jul./dez. 2017. Disponível em: [http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/A03\\_p35-46.pdf](http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/A03_p35-46.pdf). Acesso em: 22 maio 2020.

BRASIL. DADOS E INFORMAÇÕES NACIONAIS DE SEGURANÇA PÚBLICA. Ministério da Justiça. [2020?]. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/sua-seguranca/seguranca-publica/sinesp-1/bi/dados-seguranca-publica>. Acesso em: 09 fev. 2020.

BRITO, Daniele Chagas de. **O aplicativo Mudamos: questionando os direcionamentos do projeto de participação online na perspectiva dos usos sociais potenciais singulares do meio**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo: UNISINOS, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8926>. Acesso em: 22 maio 2020.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. E-book. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/362728730/Quadros-de-Guerra-Quando-a-Vida-e-Passivel-de-Luto-Judith-Butler>. Acesso em: 21 abr. 2020.

CASTRO, Paulo César. Introdução. In: CASTRO, Paulo César (Org.). **Circulação discursiva e transformação da sociedade**. Campina Grande–PB: Editora da Universidade Estadual da Paraíba, 2018. Não paginado. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/403060092/circulacao-discursiva-pdf>. Acesso em: 6 maio 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução Angela S. M. Corrêa. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: Mídia, cultura e revolução. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DIAS, Marlon Santa Maria; BORELLI, Viviane. A circulação de um acontecimento midiático no Twitter: uma análise da mobilização social "Eu não mereço ser estuprada". In: CARVALHO, Luciana Menezes; KROTH, Maicon Elias; GHISLENI, Tais Steffenello (org.). **Estudos das Mídias**: Comunicação Móvel e Mobilização Social. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2015. p. 58-85. Disponível em:

[https://www.academia.edu/31714353/A\\_circula%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_um\\_acontecimento\\_midiatizado\\_no\\_Twitter\\_uma\\_an%C3%A1lise\\_da\\_mobiliza%C3%A7%C3%A3o\\_social\\_Eu\\_n%C3%A3o\\_mere%C3%A7o\\_ser\\_estuprada\\_](https://www.academia.edu/31714353/A_circula%C3%A7%C3%A3o_de_um_acontecimento_midiatizado_no_Twitter_uma_an%C3%A1lise_da_mobiliza%C3%A7%C3%A3o_social_Eu_n%C3%A3o_mere%C3%A7o_ser_estuprada_). Acesso em: 14 maio 2020.

DINIZ, Oswaldo. Mãe de homem que matou criança em Betim diz que queria abraçar mãe da vítima: 'Angustiante'. **Rádio Itatiaia**, 01 nov. 2019. Disponível em:

<https://www2.itatiaia.com.br/noticia/mae-de-homem-que-matou-crianca-em-betim-diz-q>. Acesso em: 30 nov. 2019.

DOUGLAS, John; OLSHAKER, Mark. **Mindhunter**: O primeiro caçador de serial killers americano. Tradução Lucas Peterson. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

FANTÁSTICO revela como é a rotina do assassino que matou três pessoas em cinema de SP há 20 anos. **G1**, 03 nov. 2019. Disponível em:

<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/11/03/fantastico-revela-como-e-a-rotina-do-assassino-que-matou-tres-pessoas-em-cinema-de-sp-ha-20-anos.ghtml>. Acesso em: 15 dez. 2019.

FAUSTO NETO, Antonio. Circulação: trajetórias conceituais. **Rizoma**, v. 6, n. 2, p. 08-40. 2018. Disponível em:

<https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/13004/7731>. Acesso em: 6 maio 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Acervo Folha de São Paulo**. Filtro: Mateus da Costa Meira – 1999. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/busca.do?sort=desc&page=1&decadeStatus=&jornais=1&chapter=225&chapter=8&keyword=Mateus+da+Costa+Meira&periododesc=04%2F11%2F1999+-+09%2F11%2F1999&por=Por+Per%C3%ADodo&startDate=04%2F11%2F1999&endDate=09%2F11%2F1999&days=&month=&year=>. Acesso em: 30 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **Acervo Folha de São Paulo**. Filtro: Mateus da Costa Meira – 2004.

Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/busca.do?keyword=todos%3AMateus+da+Costa+Meira&periododesc=01%2F06%2F2004+-+04%2F06%2F2004&por=Por+Per%C3%ADodo&startDate=01%2F06%2F2004&endDate=04%2F06%2F2004&days=&month=&year=&jornais=1>. Acesso em: 30 nov. 2019.

FOUCAULT, Michel. **A História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978. Disponível em:

<http://www.uel.br/projetos/foucaultianos/pages/arquivos/Obras/HISTORIA%20DA%20LOUCURA.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2020.

FURLANETTO, Pablo G.; BORELLI, Viviane. Circulação discursiva: análise de comentários em perfis do Instagram. In: Encontro Regional Sul de História da Mídia – Alcar Sul, 7., Santa Maria, 2018. **Anais...** Santa Maria: UFRGS, 2018. Não paginado. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sul/7o-encontro-2018/historia-da-midia-digital/circulacao-discursiva-analise-de-comentarios-em-perfis-do-instagram/at\\_download/file](http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sul/7o-encontro-2018/historia-da-midia-digital/circulacao-discursiva-analise-de-comentarios-em-perfis-do-instagram/at_download/file). Acesso em: 6 maio 2020.

GADELHA, Maria Julieta de Oliveira; PAIVA, Cláudio Cardoso de. **A representação da doença mental no cinema**: Um estudo de mídia, comunicação e saúde mental. O caso do Bicho de Sete Cabeças. Paraíba: MPDFT, 2007. Disponível em: <http://www.mpdft.mp.br/saude/index.php/saude-mental/pesquisa-academica/150-a-representacao-da-doenca-mental-no-cinema>. Acesso em: 24 abr. 2020.

GADRET, Débora Thayane de Oliveira Lapa. **A Emoção na reportagem de televisão**: as qualidades estéticas e a organização do enquadramento. Tese de Doutorado em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/143019>. Acesso em: 14 maio 2020.

GOÉS, José Cristian. Jornalismo Sensacionalista: A construção de uma esfera pública limitada. In: Congresso Compólitica, 5., Curitiba., 2013. **Anais...** Curitiba: Compólitica, 2013. Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2013/05/GT06-Cultura-politica-comportamento-e-opiniao-publica-JoseCristianGoes.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade. Tradução: Mathias Lambert, v. 4. 1988. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. Disponível em: <http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201702/20170214-114707-001.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2020

\_\_\_\_\_. Sintomas Mentais e Ordem Pública. In: FIGUEIRA, Sérvulo. **Sociedade e Doença Mental**. Rio de Janeiro: Campus, 1978.

GOMES, Denise Cristina Ayres. Tecnologia do imaginário: o jornalismo como promotor das doenças mentais. Tese de Doutorado em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUCRS, 2016. Disponível em: [http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6740/2/TES\\_DENISE\\_CRISTINA\\_AYRES\\_GOMES\\_COMPLETO.pdf](http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6740/2/TES_DENISE_CRISTINA_AYRES_GOMES_COMPLETO.pdf). Acesso em: 25 abr. 2019.

GOMES, Márcia Valéria Alves; SALZEDAS, Nelyse Aparecida Melro. **Relação entre fato real, notícia e discurso fílmico no caso “O Assalto ao Trem Pagador”**. In: Mostra de Pós-graduação, 13., São Paulo, 2012. São Paulo: UNITAU, 2012. Não paginado. Disponível em: <http://www.unitau.br/enic/trabalhos/MCH0745.pdf>. Acesso em: 29 maio 2020.

GOMES, Pedro Gilberto. Midiatização: um conceito, múltiplas vozes/Mediatization: a concept, multiple voices. **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia (PUCRS), v.

23, n. 2, p. 1, 2016. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22253/14176>. Acesso em: 22 maio 2020.

GUARNIERO, Francisco Bevilacqua; BELLINGHINI, Ruth Helena; GATTAZ, Wagner Farid. O estigma da esquizofrenia na mídia: um levantamento de notícias publicadas em veículos brasileiros de grande circulação. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 80-84, 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v39n3/a02v39n3.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2020.

JORGE-MONTEIRO, Fátima; MADEIRA, Tânia. Considerações sobre doença mental e comunicação social. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 25, n. 1, p. 97-109, jan. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312007000100008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312007000100008&lng=pt&nrm=iso). Acessos em: 06 abr. 2019.

LERNER, Katia et al. A circulação do sofrimento: visibilidade e protagonismo em novas configurações comunicacionais. In: CASTRO, Paulo César (Org.). *Circulação discursiva e transformação da sociedade*. Campina Grande–PB: Editora da Universidade Estadual da Paraíba, 2018. Não paginado. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/403060092/circulacao-discursiva-pdf>. Acesso em: 6 maio 2020.

LOPES, Felisbela; ARAÚJO, Rita; FERNANDES, Luciana. Jornalismo da saúde: pistas para a delimitação de um campo em desenvolvimento. In: LOPES, Felisbela; RUÃO, Teresa; MARINHO, Sandra; COELHO, Zara Pinto; FERNANDES, Luciana; ARAÚJO, Rita; GOMES, Sofia. (Org.). **A Saúde em Notícia: repensando práticas de comunicação**. Braga: Universidade do Minho, 2013. Disponível em:

[http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/article/view/1651/1591](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/1651/1591). Acesso em: 13 mar. 2020.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade** (entrevista). **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 1, n. 15, p. 74-82, ago. 2001. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3123/2395>. Acesso em: 24 abr. 2020

MARINHO, Sandra; FERNANDES, Luciana. As rotinas de produção de notícias e a relação entre jornalistas e fontes: o caso dos assessores. In: LOPES, Felisbela; RUÃO, Teresa; MARINHO, Sandra; COELHO, Zara Pinto; FERNANDES, Luciana; ARAÚJO, Rita; GOMES, Sofia. (Org.). **A Saúde em Notícia: repensando práticas de comunicação**. Braga: Universidade do Minho, 2013. Disponível em:

[http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/article/view/1651/1591](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/1651/1591). Acesso em: 13 mar. 2020.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de Pesquisa em Comunicação: projetos, ideias, práticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MIRANDA FILHO, Hamilton Raposo de. Psiquiatria Forense: Crime e Doença Mental: Um nexos de causalidade. **Psychiatry on line Brasil**, v. 14, n. 10, outubro de 2009. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano09/for1009.php>. Acesso em: 19 jun. 2019.

MIRANDA, Amanda Souza de. O saber médico e o jornalismo especializado em saúde: como uma epidemia se torna notícia. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 11, n. 2, 2017. Disponível em: [https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/19706/2/Ve\\_Miranda\\_Amanda\\_Souza\\_de\\_2017.pdf](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/19706/2/Ve_Miranda_Amanda_Souza_de_2017.pdf). Acesso em: 25 fev. 2020.

MOREIRA, Lisandra Espíndula. Por quem nos comovemos? Reflexões sobre nossos enquadramentos bélicos. **Psicologia Social**, Belo Horizonte, v. 30, 2018. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822018000100802](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100802). Acesso em: 23 abr. 2020.

O GLOBO. **Acervo O Globo**. Filtro: Mateus – Cinema – 1999. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&ordenacaoData=relevancia&allwords=Mateus&anyword=cinema&noword=&exactword=&decadaSelecionada=1990&anoSelecionado=1999&mesSelecionado=11&pais=on&primeirapagina=on&segundapagina=on>. Acesso em: 30 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **Acervo O Globo**. Filtro: Mateus da Costa Meira – 2004. Disponível em: [acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&ordenacaoData=relevancia&allwords=Mateus+da+Costa+Meira&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=2000&anoSelecionado=2004&mesSelecionado=6&pais=on&primeirapagina=on&segundapagina=on](https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&ordenacaoData=relevancia&allwords=Mateus+da+Costa+Meira&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=2000&anoSelecionado=2004&mesSelecionado=6&pais=on&primeirapagina=on&segundapagina=on). Acesso em: 30 nov. 2019.

PIMENTEL, Antenor da Silva. **Morte bandida e cidadania virtual**: circulação discursiva em jornais on-line sobre a execução sumária de suspeitos, acusados e sentenciados por crimes hediondos. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 37., Foz do Iguaçu, 2014. **Anais...** Foz do Iguaçu: Intercom, 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-1399-1.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2020.

PONTES, Maria Natalina. **Investigação e mídia**: um estudo de caso “O Maníaco de Contagem”. Trabalho de Conclusão de Curso em Especialização em Segurança Pública e Justiça Criminal da Escola de Governo da Fundação João Pinheiro. Belo Horizonte: Escola de Governo da Fundação João Pinheiro, 2010. Disponível em: <http://monografias.fjp.mg.gov.br/handle/123456789/2317>. Acesso em: 18 mar. 2020.

PORTO, Mauro. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas. (Org.). **Comunicação e política** – conceitos e abordagens. Salvador/São Paulo: Edufba/Editora Unesp, 2004, p. 73-104. Disponível em: [http://repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ufba/134/4/Comunicacao-Politica\\_RI.pdf](http://repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ufba/134/4/Comunicacao-Politica_RI.pdf). Acesso em: 28 maio 2020.

PROVIDELLO, Guilherme Gonzaga Duarte; YASUI, Silvio. A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, n.4, out.-dez. 2013, p.1515-1529. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v20n4/0104-5970-hcsm-20-04-01515.pdf>. Acesso em: 28 maio 2020.

RAMOS, Sílvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e Violência**: Novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

RENAULT, Letícia. O imaginário, web e telejornalismo. In: CASTRO, Gustavo de. (Org). **Mídia e imaginário**. São Paulo: Annablume, p. 145-163, 2012. Disponível em: [https://www.academia.edu/40827878/Midia\\_e\\_imaginario](https://www.academia.edu/40827878/Midia_e_imaginario). Acesso em: 4 maio 2020.

RIBEIRO, Lavinia Madeira. A ciência no imaginário midiático. In: CASTRO, Gustavo de. (Org). **Mídia e imaginário**. São Paulo: Annablume, p. 93-111, 2012. Disponível em: [https://www.academia.edu/40827878/Midia\\_e\\_imaginario](https://www.academia.edu/40827878/Midia_e_imaginario). Acesso em: 4 maio 2020.

ROSA, Ana Paula da. A circulação intermediária: espaço de cidadania ou mais ou do mesmo?. In: Conferência Sul-Americana, 4., Curitiba, 2013. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2013. Disponível em: <http://www.midiacidada.ufpr.br/wp-content/uploads/2013/09/4-A-circula%C3%A7%C3%A3o-intermedi%C3%A1tica.pdf>. Acesso em: 14 maio 2020.

\_\_\_\_\_. Circulação como valor: a vida póstuma das imagens transformadas em símbolos. In: FERREIRA, Jairo et al. (org.). **Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a midiatização?** Santa Maria: FACOS - UFSM, 2018. Disponível em: <http://mediaticom.org/files/entreoquesedizeoquesepensa.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

\_\_\_\_\_. **Imagens-Totens**: A fixação de símbolos nos processo de midiatização. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo: UNISINOS, 2008. Disponível em: <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/000003/0000033A.pdf>. Acesso em: 6 maio 2020.

ROTHBERG, Danilo. Enquadramento e metodologia de crítica da mídia. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 5., Sergipe, 2007. **Anais...** Sergipe: SBPJor, 2007. Disponível em: [http://sbpjour.org.br/admjor/arquivos/coordenada\\_5\\_.danilo\\_rothberg.pdf](http://sbpjour.org.br/admjor/arquivos/coordenada_5_.danilo_rothberg.pdf). Acesso em: 22 abr. 2020.

SANTOS, Josenaide Engrácia dos; CARDOSO, Cristina Maria Sousa. Narrativas e experiências acerca da loucura: uma reflexão de profissionais de comunicação. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 15, n. 38, p. 727-740, set. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832011000300009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832011000300009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 8 jun. 2020.

SCHEUFELE, Dietram A. Framing as a theory of media effects. **Journal of Communication**, v. 49, n. 1, p. 103-22, 1999. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/209409815\\_Framing\\_As\\_a\\_Theory\\_of\\_Media\\_Effects](https://www.researchgate.net/publication/209409815_Framing_As_a_Theory_of_Media_Effects). Acesso em: 23 abr. 2020.

SEABRA, Catia; GARCIA, Diego. Sequestrador de Niterói tinha depressão e vivia na internet, dizem familiares. **GaúchaZH**, 20 ago. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2019/08/sequestrador-de-niteroi-tinha-depressao-e-vivia-na-internet-dizem-familiares-cjzkcme3100h601navcqzqorx.html>. Acesso em: 15 set. 2019.

SGORLA, Fabiane. Discutindo o " processo de midiatização". **Revista Mediação**, v. 9, n. 8, 2009. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/285/282>. Acesso em: 22 maio 2020.

SILVA, Gislene. Imaginário, o sensível e o jornalismo. In: CASTRO, Gustavo de. (Org). **Mídia e imaginário**. São Paulo: Annablume, p. 127-144, 2012. Disponível em: [https://www.academia.edu/40827878/Midia\\_e\\_imaginario](https://www.academia.edu/40827878/Midia_e_imaginario). Acesso em: 4 maio 2020.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulinas, 2003.

SINGER, André. Atirador do shopping não é psicótico, afirma médico. **Folha de S. Paulo**, 3 nov. 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u13687.shtml>. Acesso em: 15 set. 2019.

SOARES, Murilo Cesar. Análise de enquadramento. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. E-book. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/348542138/SOARES-2015-Analise-de-Enquadramento>. Acesso em: 21 abr. 2020.

SOARES, Rafael; WERNECK, Antonio; PORCIDONIO, Gilberto. Sequestrador de ônibus na Ponte contou a parentes que ouvia 'vozes dentro da cabeça'. **Extra**, 21 ago. 2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/sequestrador-de-onibus-na-ponte-contou-parentes-que-ouvia-vozes-dentro-da-cabeca-23891567.html>. Acesso em: 15 set. 2019.

SOUSA, Tatiana Bastos; AGUIAR, Leonel Azevedo. As Notícias sobre Crime como um Processo de Construção da Realidade nas Páginas da Revista Veja. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 13., São Paulo, 2008. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/resumos/R9-0198-1.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2020.

TABAKMAN, Roxana. **A saúde na mídia: medicina para jornalistas, jornalismo para médicos**. Tradução Lizandra Magon de Almeida. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2013. E-book (não paginado). Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/42227/epub/0>. Acesso em: 7 jun. 2019.

TJ diminui pena do atirador do shopping Morumbi de 110 para 48 anos. **Folha de S. Paulo**, 30 jan. 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u131149.shtml>. Acesso em: 15 set. 2019.

TOMAZ, Kleber; RODRIGUES, Danutta; ALVES, Alan Tiago; FERREZIM, Renato. Justiça avalia se solta assassino do cinema de shopping em SP após 20 anos. **G1**, 03 nov. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao->

paulo/noticia/2019/11/03/justica-avalia-se-solta-assassino-do-cinema-de-shopping-em-sp-apos-20-anos.ghtml. Acesso em: 30 nov. 2019.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Volume II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TRINDADE, Eliane. 'Atirador de shopping' é considerado inimputável em crime na BA. **Folha de S. Paulo**, 11 out. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/988890-atirador-de-shopping-e-considerado-inimputavel-em-crime-na-ba.shtml>. Acesso em: 15 set. 2019.

VARGAS, Nicolle. Jornalismo Policial. In: PENA, Felipe (Org.). **1000 perguntas sobre jornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, p. 103-110, 2012. E-book. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-216-2171-3/cfi/60!4/4@0:0.00>. Acesso em: 27 abr. 2019.

VEIGA, Isabela Rodrigues. **Coberturas jornalísticas e construção de reputação institucional: a representação da Polícia Federal na imprensa e seus reflexos identitários**. Dissertação Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Juiz de Fora: UFJF, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3380/1/isabelarodriguesveiga.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2020.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/96421186/VERON-Eliseo-Fragmentos-de-um-tecido>. Acesso em: 3 maio 2020.

\_\_\_\_\_. Teoria da midiaticização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, v. 8, n. 1, p. 13-19, 2014. Disponível em: [http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20180205111629.pdf](http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20180205111629.pdf). Acesso em: 6 maio 2020.

XAVIER, Caco. Mídia e saúde, saúde na mídia. In: Santos, Adriana (Org.) **Caderno mídia e saúde pública**. Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública/FUNED, 2006. p. 43-55, 2006. Disponível em: <http://iah.iec.pa.gov.br/iah/fulltext/pc/monografias/outros/midiasaude.pdf#page=43>. Acesso em: 18 mar. 2020.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZUBA, Fernando; CRISTINI, Flávia. Laudo aponta que agressor de Bolsonaro tem doença mental. **G1**, 07 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/03/07/laudo-aponta-que-agressor-de-bolsonaro-tem-doenca-mental.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2019.

## ANEXO A – COMENTÁRIOS DO SITE

### comentários

Os comentários não representam a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem.

**JULIO SHIOGI HONJO** 4.nov.2019 às 9h38

Sem entrar na discussão sobre a validade dos argumentos para sua libertação, não se esquecer dos diversos estupradores liberados similarmente, que reincidiram no crime!

RESPONDA  1

DENUNCIE

**ANA PAULA RUSINAS** 4.nov.2019 às 8h34

Esquizofrenia é uma doença tratável. Cadê a família desse sujeito? É família rica, se bem me lembro. Solto, Matheus passa a ser responsabilidade de seus familiares.

RESPONDA  2

DENUNCIE

**ARTHUR RODRIGO FERREIRA** 4.nov.2019 às 7h33

Num país governado por loucos ele é só mais um considerado normal...

RESPONDA  2

DENUNCIE

**GILBERTO SCHONCER** 4.nov.2019 às 6h05

quando vai estreiar Clube da Luta p ele estar lá, presente , pipoca e refri, e e e querendo ir rapidinho ao banheiro ????

RESPONDA  0

DENUNCIE

**FERNANDO GARCIA DE SOUZA** 4.nov.2019 às 0h32

O cara tem esquizofrenia (doença incurável), mesmo assim vai para a rua depois de apenas 20 anos de cadeia ou internação. Basta ter um surto psicótico e outra tragédia pode acontecer.

RESPONDA  6

DENUNCIE

**JOAO PINHEIRO** 3.nov.2019 às 20h14

Ah, que boa noticia! Sugiro que dêem para ele uma submetralhadora como prêmio por bom comportamento. Outra coisa: coloquem o juiz que pretende libertá-lo sempre na mesma sessão de cinema com um saco de pipoca e refrigerante. Só pra ele não ficar sem companhia, coitadinho. Bem, mesmo ele sendo um anjinho, sugiro que sempre ande de macacão cor de laranja para que outras pessoas de bem possam tirar selfies com ele quando ele estiver em liberdade.

RESPONDA  8

DENUNCIE

**MARISA COAN** 4.nov.2019 às 9h10

Uma lei que deveria ser revista. Ele é perigoso para a sociedade.

 1

DENUNCIE

**WAGNER SANTOS** 3.nov.2019 às 23h41

Sem dúvidas que ele cometeu um crime terrível, mas cumpriu mais de um terço da pena integral, lembrando que não se pode encarcerar mais que 30 anos pela lei atual. O tempo de detenção até que está acima da média, embora tenha sido julgado como capaz mentalmente. A lei deve ser para todos mesmo, até para os condenados.

 0

DENUNCIE

## comentários

Os comentários não representam a opinião do jornal; a responsabilidade é do autor da mensagem.

**FÚLVIO CATTO**

5.nov.2019 às 12h35

ir ao cinema será mais emocionante agora com a soltura dele

 RESPONDA  4

 DENUNCIE

**JOAO PINHEIRO**

5.nov.2019 às 12h34

Não sou jurista ou especialista comportamental, mas não me parece correto soltar um sujeito que se não for um assassino frio é um louco de carteirinha.

 RESPONDA  8

 DENUNCIE

**IAGO M ZULU**

5.nov.2019 às 11h59

Cadê a esquerda caviar para brigar pela soltura dele ... afinal, o Brasil prende muito e o reeducando precisa ser ressocializado.

 RESPONDA  5

 DENUNCIE

**HERBERT LUIZ BRAGA FERREIRA**

6.nov.2019 às 8h18

Caro Iago, esse caso nada tem a ver com a esquerda. E nem com a direita, aliás. Tem a ver com a Psiquiatria, com a razão e o bom senso. Soltá-lo é realmente prudente? Esse rapaz tem seríssimos transtornos mentais. Pare de ficar repetindo clichê gastos de tão velhos ...

 6

 DENUNCIE

**HERBERT LUIZ BRAGA FERREIRA**

6.nov.2019 às 8h18

Caro Iago, esse caso nada tem a ver com a esquerda. E nem com a direita, aliás. Tem a ver com a Psiquiatria, com a razão e o bom senso. Soltá-lo é realmente prudente? Esse rapaz tem seríssimos transtornos mentais. Pare de ficar repetindo clichê gastos de tão velhos ...

 3

 DENUNCIE

**GUSTAVO STARDUST**

5.nov.2019 às 11h27

Tá certo. Tem que soltar o cara. Prisão só depois que esgotarem todos os 957 recursos.

 RESPONDA  7

 DENUNCIE

**JOÃO BATISTA DE JUNIOR**

5.nov.2019 às 10h02

Deveria existir prisão perpétua.

 RESPONDA  5

 DENUNCIE

**NELI FARIA FARIA**

5.nov.2019 às 9h13

Abstendo-me a focar o caso. Na República das Jabuticabas consta implicitamente na Constituição: o Crime compensa. Em países democráticos não compensa! É a única o da Terra a dar cidadania para banidos comuns, art. 5º incisos 38 (não em romano) "usque" 68 e 75. Os Piratas que fizeram butim no erário: rasgaram princípios constitucionais por isso suprimiram direitos do povo e Caixa 2 é crime contra a o Processo eleitoral democrático. Seriam eleitos se tivessem cumprido a Lei? Pobre Brasil!

 RESPONDA  0

 DENUNCIE